

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DO OESTE DO PARANÁ**  
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ADMINISTRAÇÃO**  
**MESTRADO PROFISSIONAL EM ADMINISTRAÇÃO**

**PRÁTICA CIENTÍFICA DOS AGENTES NAS PESQUISAS EM ESTRATÉGIA NOS**  
**PROGRAMAS *STRICTO SENSU* EM ADMINISTRAÇÃO NO BRASIL SOB A**  
**ÓTICA DE BOURDIEU**

**ADRIANA DE SOUSA LIMA**

CASCADEL

2016

Adriana de Sousa Lima

**PRÁTICA CIENTÍFICA DOS AGENTES NAS PESQUISAS EM ESTRATÉGIA NOS  
PROGRAMAS *STRICTO SENSU* EM ADMINISTRAÇÃO NO BRASIL SOB A  
ÓTICA DE BOURDIEU**

**SICENTIFIC PRACTICE OF AGENTS OF RESEARCH STRATEGY IN STRICTO  
SENSU PROGRAMS IN BRAZIL FROM THE PERSPECTIVE OF BOURDIEU**

Dissertação apresentada ao Programa de Mestrado Profissional em Administração: da Universidade Estadual do Oeste do Paraná, como requisito parcial para obtenção do grau de **Mestre em Administração**.

Orientadora: Professora Doutora, Silvana Anita Walter

CASCADEL

2016

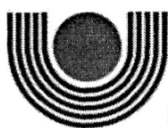
Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
Biblioteca do Campus de Foz do Iguaçu – Unioeste  
Ficha catalográfica elaborada por Miriam Fenner R. Lucas - CRB-9/268

L732 Lima, Adriana de Sousa  
Prática científica dos agentes nas pesquisas em estratégia nos programas *stricto sensu* em administração no Brasil sob a ótica de Bourdieu / Adriana de Sousa Lima.- Cascavel, 2016.  
143 f., il., tabs., graf.

Orientadora: Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Silvana Anita Walter  
Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em  
Administração - Universidade Estadual do Oeste do Paraná.

1. Administração – Produção científica - Estudo e ensino (Pós-graduação) - Brasil. 2. Capital intelectual. 3. Pesquisa em estratégia. 4. *Habitus*. 5. Bourdieu, Pierre, 1930-2002 – Interpretação. I. Título.

CDU 65:378.22(81)  
303.43



**unioeste**

Universidade Estadual do Oeste do Paraná  
Reitoria  
CNPJ 78.680.337/0001-84  
Rua Universitária, 1619, Jardim Universitário  
Tel.: (45) 3220-3000 - Fax: (45) 3225-4590 - www.unioeste.br  
CEP: 85819-110 - Cx. P.: 701  
Cascavel - PARANÁ



### Programa de Pós-Graduação em Administração

ATA DA DEFESA PÚBLICA DA DISSERTAÇÃO DE MESTRADO DE ADRIANA DE SOUSA LIMA, ALUNO(A) DO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ADMINISTRAÇÃO DA UNIVERSIDADE ESTADUAL DO OESTE DO PARANÁ - UNIOESTE, E DE ACORDO COM A RESOLUÇÃO DO PROGRAMA E O REGIMENTO GERAL DA UNIOESTE.

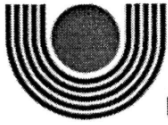
Ao(s) 9 dia(s) do mês de junho de 2016 às 14h00min, no(a) Prédio FINEP - Laboratório de Pesquisa 1 – GPEC , realizou-se a sessão pública da Defesa de Dissertação do(a) candidato(a) Adriana de Sousa Lima, aluno(a) do Programa de Pós-Graduação em Administração - Mestrado, na área de concentração em Competitividade e sustentabilidade. A comissão examinadora da Defesa Pública foi aprovada pelo Colegiado do Programa de Pós-Graduação em Administração. Integraram a referida Comissão os(as) Professores(as) Doutores(as): Silvana Anita Walter, Regina Coeli Machado e Silva, Jamur Johnas Marchi. Os trabalhos foram presididos pelo(a) Silvana Anita Walter, orientador(a) do(a) candidato(a). Tendo satisfeito todos os requisitos exigidos pela legislação em vigor, o(a) candidato(a) foi admitido(a) à Defesa de DISSERTAÇÃO DE MESTRADO, intitulada: "Prática Científica dos Agentes nas Pesquisas em Estratégia nos Programas Stricto Sensu em Administração no Brasil sob a Ótica de Bourdieu". O(a) Senhor(a) Presidente declarou abertos os trabalhos, e em seguida, convidou o(a) candidato(a) a discorrer, em linhas gerais, sobre o conteúdo da Dissertação. Feita a explanação, o(a) candidato(a) foi arguido(a) sucessivamente, pelos(as) professores(as) doutores(as): Regina Coeli Machado e Silva, Jamur Johnas Marchi. Findas as arguições, o(a) Senhor(a) Presidente suspendeu os trabalhos da sessão pública, a fim de que, em sessão secreta, a Comissão expressasse o seu julgamento sobre a Dissertação. Efetuado o julgamento, o(a) candidato(a) foi **aprovado(a)**. O(A) CANDIDATO(A) FARÁ JUS AO TÍTULO DE MESTRE(A) EM ADMINISTRAÇÃO APÓS CUMPRIR TODOS OS REQUISITOS DO REGULAMENTO DO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ADMINISTRAÇÃO. A seguir, o(a) Senhor(a) Presidente reabriu os trabalhos da sessão pública e deu conhecimento do resultado. E, para constar, o(a) Coordenador(a) do Programa de Pós-Graduação em Administração, da Universidade Estadual do Oeste do Paraná – UNIOESTE - Campus de Cascavel, lavra a presente ata, e assina juntamente com os membros da Comissão Examinadora e o(a) candidato(a).

Orientador(a) - Silvana Anita Walter

Universidade Estadual do Oeste do Paraná - Campus de Marechal Cândido Rondon

Regina Coeli Machado e Silva

Universidade Estadual do Oeste do Paraná - Campus de Foz do Iguaçu (UNIOESTE)



**unioeste**

Universidade Estadual do Oeste do Paraná  
Reitoria  
CNPJ 78.680.337/0001-84  
Rua Universitária, 1619, Jardim Universitário  
Tel.: (45) 3220-3000 - Fax: (45) 3225-4590 - www.unioeste.br  
CEP: 85819-110 - Cx. P.: 701  
Cascavel - PARANÁ



### Programa de Pós-Graduação em Administração

ATA DA DEFESA PÚBLICA DA DISSERTAÇÃO DE MESTRADO DE ADRIANA DE SOUSA LIMA, ALUNO(A) DO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ADMINISTRAÇÃO DA UNIVERSIDADE ESTADUAL DO OESTE DO PARANÁ - UNIOESTE, E DE ACORDO COM A RESOLUÇÃO DO PROGRAMA E O REGIMENTO GERAL DA UNIOESTE.

Jamur Johnas Marchi

Universidade Federal da Integração Latino-Americana (Unila)

Adriana de Sousa Lima  
Candidato(a)

Coordenador(a) do Programa de Pós-Graduação  
em Administração

Prof<sup>ª</sup> Dra Loreni Teresinha Brandalise  
Coordenadora do Mestrado em Administração  
(PPGA) Mestrado Profissional

## **DEDICATÓRIA**

A Deus, pela dádiva da vida.

## AGRADECIMENTO

A Deus, pois a Ele pertence toda honra e toda glória.

Aos meus pais, Maria Cezaria de Lima e Walther de Sousa Lima, por terem dedicado tempo à minha formação como ser humano e por me ensinarem que somos frutos de nossas escolhas.

Ao meu querido esposo, por toda a dedicação e compreensão em todos os momentos da minha vida.

Aos meus filhos, Bianca Lima Alessi, por ter sido minha parceira nas produções dos textos, Nicolle Lima Alessi, por sempre adoçar a minha vida, e João Vitor Lima Jakubski, que merece o título de mestre por ter acompanhado as idas a Cascavel na barriga da mamãe.

A minha orientadora, prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Silvana Anita Walter, pelos momentos preciosos de orientação e por compartilhar comigo todo o seu conhecimento.

A minha co-orientadora (por reconhecimento), prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Regina Coeli Machado e Silva, por ter me apresentado Bourdieu e, sobretudo, por ser essa pessoa maravilhosa.

Aos amigos, Fernando José Martins, Maridelma Laperuta Martins, Luciana Aparecida Fabríz, Sergio Moacir Fabríz e Janaina Aparecida de Mattos Almeida, por permitirem que, no meio de uma reunião de trabalho, eu apresentasse minhas angústias no percurso da construção deste trabalho.

Aos professores do Programa de Pós-Graduação em Administração, por compartilharem conosco toda sua experiência.

Aos professores doutores da minha banca de qualificação, Delci Grapégia Dal Vesco, Edison Luiz Leismann e Silvana Anita Walter, por terem sido fundamentais no direcionamento da pesquisa.

Aos professores doutores da minha banca de defesa final, Jamur Johnas Marchi, Regina Coeli Machado e Silva e Silvana Anita Walter, pelas suas contribuições.

Aos amigos(as) e familiares, por compreenderem as ausências.

Aos colegas de mestrado, pela parceria.

À Universidade Estadual do Oeste do Paraná, por incentivar a qualificação de seus servidores.

O meu muito obrigada a todos(as) aqueles(as) que viabilizaram a concretização deste sonho tão sonhado. Espero poder retribuir a cada um de vocês de maneira especial.

## RESUMO

O contexto da pesquisa científica pode ser considerado como campo científico, um espaço social formado por relações de força entre agentes que acumulam capital científico. O funcionamento desse campo produz e supõe uma forma específica de interesses, contaminado pelo conhecimento da posição ocupada nas hierarquias instituídas do campo e que influenciam diretamente as escolhas das práticas científicas. O estudo que se apresenta buscou compreender, sob a ótica de Bourdieu, a prática científica dos agentes das pesquisas em estratégia nos programas acadêmicos *stricto sensu* em administração no Brasil. A estratégia da pesquisa combinou aspectos da praxiologia proposta por Bourdieu e a técnica de estudo de caso coletivo e envolveu análises estatísticas com um conjunto de entrevistas em profundidade. Os principais achados demonstram que as práticas científicas funcionam como uma reação mecânica, diretamente determinada pelas condições que a antecedem, ajustadas às exigências inscritas nas estruturas do campo. Identificou-se, na pesquisa analisada, quanto às abordagens epistemológicas revisadas, a predominância de estudos que buscam construir relações objetivas em que o agente social aparece como mero executante de algo que se encontra objetivamente programado, que lhe é exterior, e a hegemonia de pesquisas quantitativas. Por fim, foi possível perceber que a prática científica dos agentes nas pesquisas em estratégia repousa sobre o reconhecimento de uma competência que, para além dos efeitos que ela produz, proporciona autoridade e contribui para definir não somente as regras do jogo, mas também sua regularidade.

**Palavras-chave:** Campo Científico. *Habitus*. Capital. Pesquisa em Estratégia. Bourdieu.



## ABSTRACT

The context of the scientific research can be considered as a scientific field, a social space formed by power relations between agents which accumulate scientific capital. The operation of this field produces and assumes a specific form of interest, contaminated by the knowledge of the position occupied on the hierarchies established in the field that directly influence the scientific practices' choices. In this essay was aimed to understand the research agents' scientific practice in strategy in the academic programs in stricto sensu in Brazil, under the Bourdieu's perspective. The research's strategy combined aspects of praxiology proposed by Bourdieu with the study technique of collective case and involved statistical analysis with a set of in-depth interviews. The main findings demonstrates that scientific practices perform as a mechanical reaction, directly determined by the conditions that precede it, adjusted by the requirements contained in the field structures. It was identified in the research, among the epistemological approaches reviewed, the predominance of studies that seek to build objective relations in which the social agent appears as a mere performer of something that is objectively programmed, that is external and the hegemony of quantitative research. Finally, it was noticed that the scientific practice of agents on research in strategy rely on the recognition of a competence which, beyond the effects it produces, provides authority and contributes to define not only game's rules but also its regularity.

**Keywords:** Scientific Field. *Habitus*. Capital. Research in Strategy. Bourdieu.

## LISTA DE FIGURAS

|  |     |
|--|-----|
| Figura 1: Estrutura do Estudo.....   | 22  |
| Figura 2: A lógica do campo científico.....  | 30  |
| Figura 3: Síntese da pesquisa.....   | 63  |
| Figura 4: Distribuição por região dos programas de pós-graduação.....              | 81  |
| Figura 5: Comissão de avaliação CAPES por região.....                              | 84  |
| Figura 6: Formação dos Interlocutores.....   | 89  |
| Figura 7: Titulação dos Interlocutores.....  | 97  |
| Figura 8: Bolsista produtividade por região.....                                   | 101 |
| Figura 9: Prêmio dos Interlocutores.....   | 102 |
| Figura 10: Bases epistemológicas dos artigos.....                                  | 118 |
| Figura 11: Instituições científicas por onde os porta-vozes do campo circulam..... | 124 |

## LISTA DE QUADROS

|   |     |
|---|-----|
| Quadro 1: Programas acadêmicos de pós-graduação <i>stricto sensu</i> em Administração que ofertem a disciplina de estratégia por Região, Estado e Universidade..... | 61  |
| Quadro2: Interlocutores da Pesquisa.....  | 70  |
| Quadro 3: Alinhamento metodológico da pesquisa.....   | 76  |
| Quadro 4: Conceitos dos programas e filiação dos Interlocutores.....  | 82  |
| Quadro 5: Estrato dos periódicos dos textos dos agentes.....  | 98  |
| Quadro 6: Índice H dos Interlocutores.....  | 99  |
| Quadro 7: Bolsa produtividade X Índice H.....   | 101 |
| Quadro 8: Cargos ocupados pelos Interlocutores.....   | 105 |
| Quadro 9: Interlocutores que compõem o corpo editorial das Revistas Científicas.....  | 106 |
| Quadro 10: Classificação dos Interlocutores por grupo.....  | 109 |
| Quadro 11: Produção científica e escolha de publicação.....   | 114 |
| Quadro 12: Categorias temáticas.....  | 115 |
| Quadro 13: Considerações dos Interlocutores sobre os eventos.....   | 122 |

## LISTA DE TABELAS

|   |     |
|---|-----|
| Tabela 1: Sistema de pontuação para composição do capital científico puro.....                  | 67  |
| Tabela 2: Sistema de pontuação para composição do capital científico<br>Institucionalizado..... | 67  |
| Tabela 3: Resumo dos artigos.....   | 73  |
| Tabela 4: Volume do capital científico puro e institucionalizado.....                           | 103 |
| Tabela 5: Divisão dos Interlocutores em grupo.....  | 109 |
| Tabela 6: Número de publicações por ano.....  | 112 |

## **LISTA DE SIGLAS**

ANPAD - Associação Nacional de Pós-Graduação em Administração

C.E.Su - Câmara de Ensino Superior

CAPES - Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior

CNPq - Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico

DC - Definição Constitutiva

DO - Definição Operacional

ENANPAD - Encontro Nacional da Associação Nacional dos Cursos de Pós-Graduação em Administração

ESO - Estratégia em Organizações

FAPESC - Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo

FGV - Fundação Getúlio Vargas

FINEP - Financiadora de Estudos e Projetos

GPEC - Grupo de Pesquisa em Estratégia e Competitividade

PNPG - Plano Nacional de Pós-Graduação

RAC - Revista de Administração Contemporânea

UNIOESTE - Universidade Estadual do Oeste do Paraná

USP - Universidade de São Paulo

## SUMÁRIO

|          |  |           |
|----------|--|-----------|
| <b>1</b> | <b>INTRODUÇÃO .....</b>  | <b>13</b> |
| 1.1      | PROBLEMA DE PESQUISA .....   | 16        |
| 1.1.1    | Questão de Pesquisa .....  | 18        |
| 1.2      | OBJETIVOS .....  | 18        |
| 1.2.1    | Geral .....  | 18        |
| 1.2.2    | Específicos .....  | 18        |
| 1.3      | JUSTIFICATIVA .....  | 19        |
| 1.4      | ESTRUTURA DA DISSERTAÇÃO .....   | 20        |
| <b>2</b> | <b>REVISÃO DE LITERATURA.....</b>  | <b>23</b> |
| 2.1      | TEORIA SOCIOLOGICA DE BOURDIEU .....   | 23        |
| 2.1.1    | Teoria do Campo Científico .....   | 27        |
| 2.1.2    | Teoria de <i>Habitus</i> .....   | 31        |
| 2.1.3    | Capitais de Bourdieu .....   | 34        |
| 2.1.4    | Produção e a Reprodução do Conhecimento na Perspectiva de Bourdieu .....                   | 44        |
| 2.2      | <i>STRICTO SENSU</i> NO BRASIL .....   | 47        |
| 2.3      | CONSTRUÇÃO HISTÓRICA E TEÓRICA DO CORPO DE CONHECIMENTO<br>EM ESTRATÉGIA .....             | 50        |
| 2.3.1    | Posicionamento dos Agentes nas Escolhas Metodológicas das Pesquisas em<br>Estratégia ..... | 55        |
| 2.4      | PESQUISAS SIMILARES NO MUNDO E NO BRASIL .....   | 58        |
| <b>3</b> | <b>DELINEAMENTO DA PESQUISA .....</b>  | <b>60</b> |
| 3.1      | ESCOLHA DA PERSPECTIVA DE BOURDIEU .....   | 60        |
| 3.2      | DELINEAMENTO METODOLÓGICO .....  | 61        |

|          |   |            |
|----------|---|------------|
| 3.3      | CLASSIFICAÇÃO DA PESQUISA.....  | 65         |
| 3.4      | CATEGORIAS DE ANÁLISE E SUAS DEFINIÇÕES CONSTITUTIVAS E OPERACIONAIS.....               | 66         |
| 3.5      | PROCEDIMENTOS DE COLETA E ANÁLISE DE DADOS.....   | 70         |
| <b>4</b> | <b>ANÁLISE E INTERPRETAÇÃO DOS DADOS .....</b>  | <b>80</b>  |
| 4.1      | CONTEXTO DO CAMPO CIENTÍFICO DA ESTRATÉGIA.....   | 80         |
| 4.2      | CARACTERÍSTICAS INCORPORADAS PELOS AGENTES QUE ORIENTAM A PRÁTICA: <i>HABITUS</i> ..... | 87         |
| 4.3      | AS POSIÇÕES DOS AGENTES NOS ESPAÇOS ACADÊMICOS.....                                     | 96         |
| 4.3.1    | Acumulação de capital científico puro .....   | 97         |
| 4.3.2    | Acumulação de capital científico institucionalizado .....                               | 105        |
| 4.3.3    | Volume do capital científico acumulado pelos agentes.....                               | 108        |
| 4.4      | ESTRUTURA DE DOMINAÇÃO NAS PESQUISAS EM ESTRATÉGIA .....                                | 112        |
| 4.5      | CAMPO DAS PESQUISAS EM ESTRATÉGIA .....   | 120        |
| <b>5</b> | <b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>  | <b>126</b> |
|          | <b>REFERÊNCIAS .....</b>  | <b>133</b> |
|          | <b>APÊNDICE A – INSTRUMENTO DE PESQUISA APLICADO .....</b>                              | <b>140</b> |
|          | <b>ROTEIRO DE ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA .....</b>                                      | <b>141</b> |

## 1 INTRODUÇÃO

O contexto da pesquisa científica pode ser considerado como campo científico, um espaço social formado por relações de força entre agentes que acumulam capital científico (autoridade científica) - capacidade técnica e poder social, de falar e de agir legitimamente – mediados por “regras do jogo”, *habitus*, que são constituídos pelos grupos, de um lado, os dominantes, que estabelecem as estratégias de conservação, e de outro, os dominados, que desenvolvem estratégias de subversão e sucessão (BOURDIEU, 1983).

Os três aspectos centrais mencionados – campo, *habitus* e capital – orientam os trabalhos de Bourdieu, cuja problemática teórica repousa sobre a questão da mediação entre o agente social e a sociedade, homem e história.

As bases de transformações desse campo científico podem ser vistas nas estratégias de conservação ou de subversão produzidas no interior da estrutura do campo (BOURDIEU, 1983). Tais transformações afetam o campo científico da estratégia em todas as direções e interferem na evolução da estrutura de dominação desse campo, na posição dos agentes específicos e na mudança em seu *habitus*, expressando as lutas que caracterizam a estratégia e o papel dos agentes desse campo (GOMEZ, 2010).

O campo científico, assim como outros campos sociais, sofre influências, sejam elas externas (políticas) ou internas (ligadas à luta no campo). Com isso, as aspirações científicas dos agentes não estão dotadas de neutralidade, mas envolvem uma série de interesses (ORTIZ, 1983) que influenciam diretamente a escolha da prática científica. A prática, por sua vez, é definida por Bourdieu (1983) como produto da relação dialética entre uma situação e um *habitus*, como matriz de percepção, de apreciação e de ação que se realiza em determinadas condições sociais, como resultado do aparecimento de um *habitus*.

A prática científica pode estar relacionada às instituições, tais como os comitês de políticas editoriais, de órgãos de fomento, de associações científicas e acadêmicas, responsáveis por traçar os objetivos e a linha de atuação das revistas e eventos. Também pode estar relacionada à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) que direciona as regras do sistema de avaliação dos programas *stricto sensu* (GUIMARÃES; DINIZ, 2014).



Bourdieu (1983) identifica, portanto, o campo do conhecimento como campo científico, e é no contexto do campo científico da estratégia inserido no campo científico da administração que a pesquisa ora apresentada se desenvolve.

Para a compreensão da constituição do campo científico da estratégia, recorreu-se à Campanha Nacional de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (atual CAPES), criada em 1951, pelo Decreto nº 29.741, a qual tinha por objetivo primário a formação de especialistas e pesquisadores nas mais diversas áreas para impulsionar o desenvolvimento do país. Em 1965, com as reformulações nas políticas setoriais, à CAPES foram designadas novas atribuições e meios orçamentários para multiplicar suas ações e intervir na qualificação do corpo docente das universidades brasileiras, além de coordenar a avaliação da pós-graduação (BRASIL, 2015).

Nesse mesmo ano, a pedido do Ministro da Educação e Cultura da época e com base na Lei de Diretrizes e Bases (LDB), o Conselho Federal de Educação definiu, por meio do Parecer nº 977, da Câmara de Ensino Superior (C.E.Su), a natureza e os objetivos dos cursos de pós-graduação (BRASIL, 2015). Esse parecer, aprovado em 3/12/1965, do ponto de vista doutrinário, parece ser uma das referências sistemáticas à pós-graduação, pois apresenta sua definição, seus níveis e finalidades (CURY, 2005).

Posteriormente, em 1968, ocorreu a reforma da universidade brasileira, que visou, fundamentalmente, a modernização e expansão das universidades públicas e a indissociabilidade entre ensino e pesquisa; criou condições de articulação entre o ensino e a pesquisa para determinadas instituições; e institucionalizou a carreira acadêmica para os docentes com uma política nacional de pós-graduação (MARTINS, 2009).

Os cursos de pós-graduação em administração foram implantados no Brasil a partir da década de 1970, acompanhando a instituição da pós-graduação no país, à *priori* com programas de mestrado, sendo o doutorado ofertado apenas pela Universidade de São Paulo (USP) e Fundação Getúlio Vargas (FGV), ainda nessa mesma década (BERTERO, 2006).

As transformações no ensino superior por meio da reforma universitária contribuíram para a expansão dos programas *stricto sensu* no Brasil e também foram importantes na formação do corpo docente e de pesquisadores para o sistema (BERTERO, 2006).

Nesse cenário, a CAPES desempenhou e continua desempenhando papel fundamental na expansão, na consolidação e no desenvolvimento da pós-graduação *stricto sensu* no Brasil. O estabelecimento de metas e requisitos de qualidade tem propiciado avanços no campo da pesquisa científica e tecnológica no país (MACCARI, 2008), e o modelo de avaliação adotado

pela CAPES contribuiu para a consolidação das pesquisas em administração (BERTERO et al. 2013a).

Contribui também para esse processo de expansão e intensificação do campo das pesquisas em administração a Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Administração (ANPAD), que promove a integração entre os programas associados, grupos de pesquisas da área e seus atores na produção e disseminação do conhecimento do campo científico de administração (MELO; SERVA, 2014).

A prática científica dos agentes se move na produção e interpretação dos fenômenos em prol de suas ideias e se articula na apresentação do conhecimento científico a partir da definição de um quadro teórico de referência, compartilhado e influenciado pela estrutura de conhecimento do campo, de grupos e de relações entre pesquisadores (GUARIDO-FILHO; MACHADO-DA-SILVA; GONÇALVES, 2009).

Percebe-se, no desenvolvimento das pesquisas em administração no Brasil, uma diversidade de teorias, abordagens e métodos com o predomínio da fragmentação da área (SIEGLER; BIAZZIN; FERNANDES, 2014). Segundo Siegler, Biazzin e Fernandes (2014), essa fragmentação pode estar relacionada às diferentes visões epistemológicas e preferências metodológicas, o que provoca um distanciamento entre autores.

Nesse sentido, encontrou-se em Bourdieu (1983) que o funcionamento do campo científico produz e supõe uma forma específica de interesses, contaminada pelo conhecimento da posição ocupada nas hierarquias instituídas daquele campo, ou seja, o que é chamado de “interesse por uma atividade científica” tem sempre uma dupla face, sendo os agentes caracterizados pelo volume de seu capital científico que depende do peso de todos os outros agentes (BOURDIEU, 2004).

A distribuição do capital científico forma as bases de transformações do campo científico e pode ser vista nas estratégias de conservação ou de subversão produzidas no interior da estrutura do campo, alimenta e realimenta o processo de produção do conhecimento (BOURDIEU, 1983).

A área de estratégia é mundialmente nova - “no Brasil, novíssima” - e tem se mostrado carente de contribuições teóricas, o que se manifesta na existência de poucos autores com tradição de pesquisas na área de estratégia (BERTERO; VASCONCELOS; BINDER 2003, p. 50; PEGINO, 2005; WALTER et al. 2010). Nas pesquisas em estratégia, a expansão da área tem ocorrido com caráter específico: com pontos fortes, em que demonstra uma relação aberta e recíproca com as ciências sociais e humanas; e com pontos fracos, que podem ser

percebidos na falta de reflexão crítica e na estreiteza epistemológica de base teórica e metodológica (PETTIGREW; THOMAS; WHITTINGTON, 2002).

Há ainda que se considerar que um importante campo para o desenvolvimento da estratégia tem sido negligenciado nas pesquisas: as relações e as estratégias que se constituem nesse espaço e o sistema de transformação ou conservação da ordem vigente que garante a regularidade dos diferentes grupos aí envolvidos (CASTRO, 1978; BOURDIEU, 1983; BIANCHETTI; MACHADO, 2002; LEITE FILHO; MARTINS, 2006; HALSE; MALFROY, 2010; VIANA, 2011). Justamente dessa lacuna emergiu o problema de pesquisa, apresentado na próxima subseção.

### 1.1 PROBLEMA DE PESQUISA

O processo de constituição do campo científico, com todos os elementos que o compõem não é explicitamente analisado nas pesquisas em estratégia no Brasil. O fato é que os estudos (BERTERO; VASCONCELOS; BINDER, 2003; BIGNETTI; PAIVA, 2005; ROCZANSKI et al. 2010) são centrados na produção acadêmica, ou seja, são focados em “o que” se produz e não em “quem” produz.

A realidade apontada pelos autores remete a Bourdieu, que faz uma crítica às produções científicas em que o agente aparece como mero executante. Ao estudar os campos sociais, Bourdieu descobre que estudar as relações entre os agentes “era sem dúvida necessária” (BOURDIEU, 1983, p. 42-45).

As relações entre os agentes da pesquisa em estratégia e as forças que influenciam as transformações do campo têm sido movidas pela base geográfica de contribuintes constituída por 50% da América do Norte e 50% da Europa (PETTIGREW; THOMAS; WHITTINGTON, 2002). As críticas a essa hegemonia, feitas tanto no Brasil quanto em diferentes países, têm sido ignoradas pela literatura dominante de estratégia (FARIA, 2011).

A afirmativa é compartilhada por Andrade (2007) que faz uma reflexão, não só sobre o campo da pesquisa em estratégia, sobretudo o campo geral da pesquisa em administração e a qualidade da produção científica em administração no Brasil, e alerta para duas questões: em primeiro lugar, para a pertinência cultural em que se constata um mimetismo ao estrangeiro, limitando a expressividade da produção nacional e, em segundo lugar, para a necessidade de inserção internacional da produção científica brasileira em administração, que faz parte das recomendações do sistema de avaliação dos programas *stricto sensu*, sendo

considerados de excelência aqueles que apresentam grau de inserção internacional significativo. A mesma autora relaciona essas questões à falta de originalidade e às deficiências epistemológicas e metodológicas nas produções brasileiras (ANDRADE, 2007).

Para Bertero et al. (2013a), essa realidade não se alterou, ou seja, apesar de apresentar um expressivo crescimento, as fragilidades teóricas e metodológicas ainda estão presentes nas produções e a inserção internacional vem dando seus primeiros passos.

Essas fragilidades podem estar relacionadas à prática científica inscrita nos corpos dos agentes e na estrutura de suas relações, nas transformações das escolhas epistemológicas, teóricas e metodológicas que afetam o campo científico da estratégia em todas as direções, inclusive na definição do foco nas pesquisas em estratégia e que também interferem na evolução da estrutura de dominação desse campo, na posição dos agentes específicos e na mudança em seu *habitus*, expressando as lutas que caracterizam a estratégia e o papel dos agentes desse campo (GOMEZ, 2010).

Nesse sentido, a abordagem construtivista de Bourdieu pode contribuir para elucidação de alguns conceitos que abarcam o campo científico, o espaço social em que expressiva parcela da pesquisa em estratégia é desenvolvida - as Universidades -, bem como para compreender as relações entre os agentes que agem e lutam dentro do campo de interesse. Neste estudo, são considerados agentes os professores da área de estratégia.

Na perspectiva da epistemologia construtivista, a pesquisa em estratégia se concentra na criação, construção, transformação e tradução de conceitos de estratégia e na prática de estratégia (GRAND; RÜEGG-STÜRM; ARX, 2010).

Esse pensamento remete às análises de Bourdieu (1983) sobre os três elementos que guiaram suas pesquisas: (a) o campo - “campos de forças e campo de lutas que visam transformar esse campo de forças”; (b) *habitus* - “sinal incorporado de uma trajetória social, capaz de opor uma inércia maior ou menor às forças sociais e de um campo social funcionando”; e (c) capital - “diferentes formas de energia social que é produzida e reproduzida dentro e pelas tensões e as lutas constitutivas de cada um desses espaços” (BOURDIEU, 1983, p. 45).

O desenvolvimento intelectual do campo não pode ser controlado centralmente, pois muda continuamente: “a ação do agente não é mais considerada como simples execução, mas sim como núcleo de significação do mundo” em que o agente figura como centro da ação (BOURDIEU, 1983, p. 12).

Com base no exposto, destacam-se alguns elementos fundamentais para compreender a prática científica dos agentes nas pesquisas em estratégia no Brasil, tais como (a) as influências que movem as mudanças nos *habitus* dos agentes; (b) a posição dos agentes no espaço das pesquisas em estratégia; e (c) a evolução da estrutura de dominação. É nessa perspectiva que a próxima seção apresenta a questão que norteou a pesquisa.

### 1.1.1 Questão de Pesquisa

Como ocorre, sob a ótica de Bourdieu, a prática científica dos agentes nas pesquisas em estratégia nos programas acadêmicos *stricto sensu* em administração no Brasil?

## 1.2 OBJETIVOS

Com vistas a um aprofundamento da pesquisa acerca da problemática abordada até o momento, apresentam-se a seguir os objetivos – geral e específicos – da pesquisa.

### 1.2.1 Geral

Compreender a prática científica dos agentes nas pesquisas em estratégia nos programas acadêmicos *stricto sensu* em administração no Brasil.

### 1.2.2 Específicos

- a) compreender o contexto do campo científico da estratégia;
- b) investigar as características incorporadas pelos agentes que visam orientar a prática das pesquisas em estratégia (*habitus*);
- c) evidenciar as posições dos agentes nos espaços acadêmicos (capital científico);
- d) interpretar a estrutura de dominação nas pesquisas em estratégia (categorias temáticas, abordagens epistemológicas e metodológicas predominantes nas pesquisas);

- e) identificar as características sistêmicas do campo das pesquisas em estratégia (natureza das pressões; mecanismos de refração; forças; lutas; tendências no processo de construção do conhecimento);

### 1.3 JUSTIFICATIVA

Nas pesquisas em estratégia, de acordo com o estudo realizado por Walter et al. (2010), “ a grande maioria dos pesquisadores foi classificada como *one-timer* [...]”. Essa característica pode ser crítica, considerando que não há perpetuidade no desenvolvimento das pesquisas, o que prejudica o alargamento do conhecimento da área. Nessa direção, “[...] seria importante que os pesquisadores desenvolvessem vários estudos na área [...]” possibilitando o amadurecimento dos pesquisadores e a criação de uma rede de relacionamento com vistas à pesquisa (WALTER et al. 2010).

Agentes aplicam os mesmos esquemas de percepção e ação em qualquer situação ou transferem as mesmas sequências ritualizadas de um para outro (como acontece, por exemplo, nas pesquisas que utilizam a abordagem clássica como base teórica) (BOURDIEU, 1990). Dessa forma, conhecer as forças que influenciam o campo pode contribuir para compreender seu funcionamento.

Temas como a atuação dos pesquisadores que ocupam lugar de prestígio, posições hierarquicamente privilegiadas, a distribuição do capital científico e imposição da ordem vigente do campo (BOURDIEU, 1983) e o próprio interesse na área de estratégia frente à predominante abordagem clássica como base teórica das pesquisas (BIGNETTI; PAIVA, 2001; BERTERO; VASCONCELOS; BINDER, 2003; ROCZANSKI et al. 2010) parecem ser pouco explorados.

Com isso, examinar a relação entre os diferentes campos e as diferentes espécies de capital ou ainda o que é produzido e reproduzido dentro e pelas tensões e lutas constitutivas de cada um desses espaços, contribui para a compreensão do campo de estratégia (BOURDIEU, 1983). Conhecer as controvérsias do campo, compreender os métodos empregados nas escolhas dos agentes nas pesquisas em estratégia poderá gerar *insights* para o aprimoramento da área (VILLAR, 2014).

Por meio desta pesquisa, espera-se contribuir para a compreensão das relações que definem o espaço do campo científico da estratégia, evidenciando o *habitus* dos agentes. Igualmente se espera oferecer elementos para o progresso nas pesquisas em estratégia,

demonstrando a ação encadeada dos agentes que compõem e influenciam o desenvolvimento do campo. Para tanto, considera-se fundamental conhecer os interesses envolvidos nas escolhas de produção, reprodução e utilização das abordagens da área de estratégia, a importância e a implicação desse processo no avanço científico, ou seja, na ordem científica vigente com foco nas pesquisas em estratégia.

Cabe destacar que o estudo apresentado nesta Dissertação encontra-se vinculado ao projeto de pesquisa coordenado pela professora doutora Silvana Anita Walter, intitulado “O papel social de professores e de pesquisadores no desenvolvimento do conhecimento no ensino e na pesquisa em estratégia no Brasil”, do Grupo de Pesquisa em Estratégia e Competitividade (GPEC), da Universidade Estadual do Oeste do Paraná.

#### 1.4 ESTRUTURA DA DISSERTAÇÃO

Esta Dissertação encontra-se estruturada em cinco seções. A primeira apresenta uma introdução ao tema trabalhado ao longo do estudo, com a descrição do problema, da pergunta, dos objetivos e da justificativa da pesquisa.

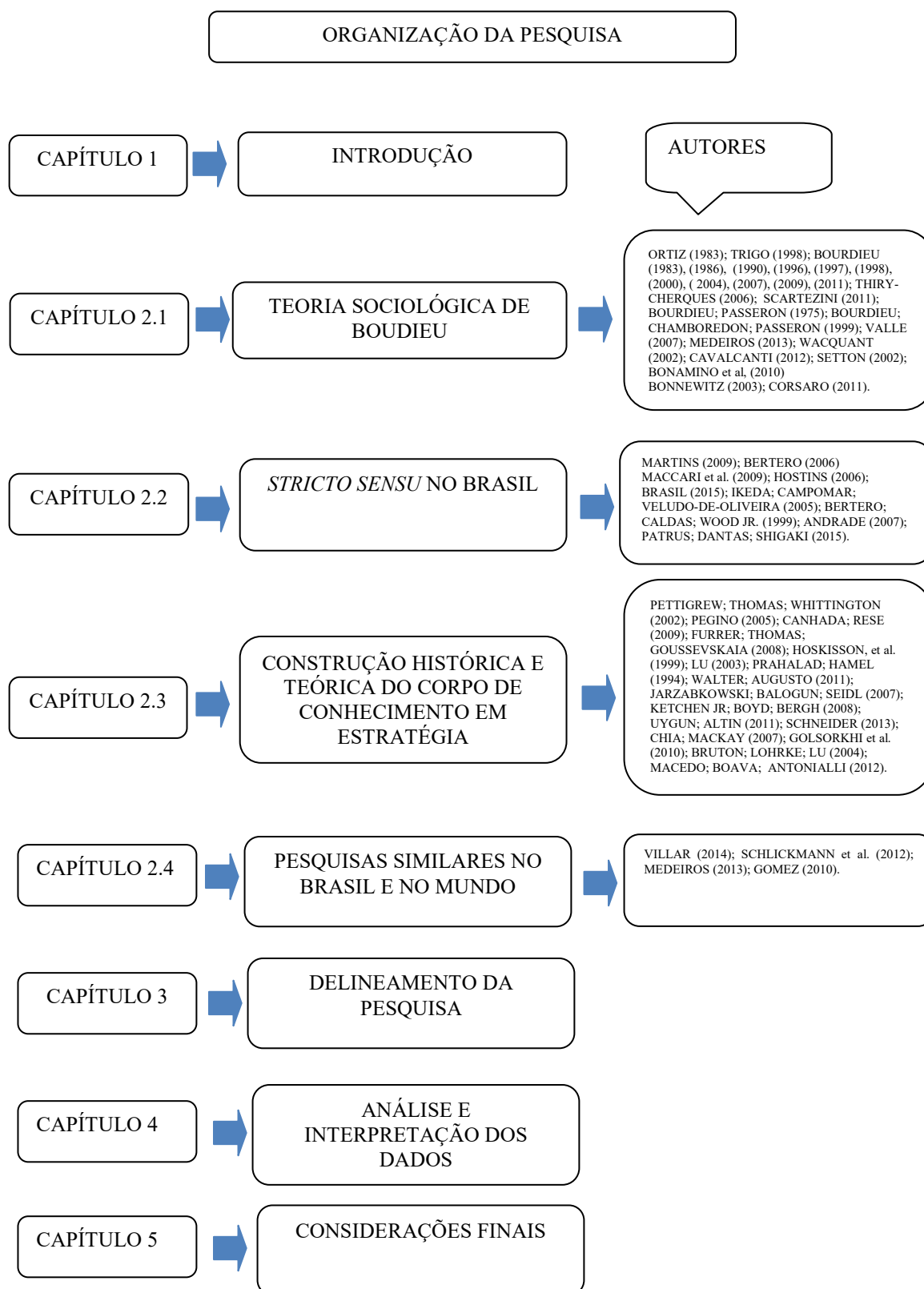
Na segunda seção, tem-se a revisão de literatura cuja finalidade é embasar a pesquisa. Assim, para melhor compreensão dos textos, contextualizam-se os assuntos, a saber: o campo científico sob a ótica de Bourdieu; a teoria dos campos científicos; a noção de *habitus*; a teoria do capital científico; a produção do conhecimento na perspectiva de Bourdieu; *stricto sensu* no Brasil e sua relação com a construção do campo científico; construção histórica e teórica do corpo de conhecimento em estratégia; e posicionamento dos agentes nas escolhas metodológicas das pesquisas em estratégia.

A terceira seção descreve os procedimentos metodológicos adotados no estudo a fim de alcançar os objetivos propostos. Assim, expõe-se a escolha da perspectiva de Bourdieu; o delineamento metodológico; a classificação da pesquisa; as categorias de análise e suas definições constitutivas e operacionais; e os procedimentos de coleta e análise de dados.

Na quarta seção, à luz do referencial teórico-empírico, analisam-se e discutem-se os dados. Para tanto, abordam-se o contexto do campo científico da estratégia, as características incorporadas pelos agentes que visam orientar a prática das pesquisas em estratégia, as posições dos agentes nos espaços acadêmicos, a acumulação de capital científico puro, a acumulação de capital científico institucionalizado, o volume do capital científico acumulado pelos agentes, a estrutura de dominação nas pesquisas em estratégia e o campo das pesquisas

em estratégia. Por fim, na quinta seção, encontram-se as considerações acerca dos resultados obtidos neste estudo. A Figura 1 ilustra a estrutura do estudo.

**Figura 1** – Estrutura do estudo



**Fonte:** Elaborada pela autora.



Com a apresentação da organização da pesquisa, finaliza-se a Introdução e passa-se ao capítulo destinado à revisão da literatura.

## 2 REVISÃO DE LITERATURA

Esta seção apresenta a contextualização das abordagens teórico-empírica consideradas neste estudo: a teoria sociológica de Bourdieu: a teoria do campo científico; a teoria de *habitus*; os capitais de Bourdieu: capital econômico; capital cultural; capital social; capital simbólico e as duas espécies de capital do campo científico; a produção e reprodução do conhecimento na perspectiva de Bourdieu; *stricto sensu* no Brasil; construção histórica e teórica do corpo de conhecimento em estratégia; posicionamento dos agentes nas escolhas metodológicas das pesquisas em estratégia e pesquisas similares no mundo e no Brasil.

### 2.1 TEORIA SOCIOLÓGICA DE BOURDIEU

Pierre Bourdieu, nascido na França, de origem campesina, aluno da *École Normale Supérieure* (ENS), filósofo, sociólogo e antropólogo de formação, foi professor no *Liceu de Moulis*, na França, diretor e editor de revistas consideradas importantes em seu meio e autor de obras como: Pierre Bourdieu: sociologia (1983); *Homo Academicus* (1984); *The Logic of Practice* (1990); O Poder Simbólico (2009), entre outras. É considerado um pensador profundamente original e, ao mesmo tempo, contemporâneo (ORTIZ, 1983).

O ponto fundamental que envolve as discussões de Bourdieu está na relação indivíduo/sociedade. Apresenta uma dicotomia entre dois tipos de conhecimento (métodos epistemológicos) – o objetivismo e a fenomenologia –, sendo que o primeiro consiste na ausência do indivíduo, enquanto que, no outro, parte-se da experiência do indivíduo (TRIGO, 1998). A teoria de Bourdieu repousa na possibilidade de articular-se, dialeticamente, entre as duas perspectivas, a fim de compreender a mediação entre o ator social e a estrutura social, que ele denomina de conhecimento praxiológico, ou seja, a ação se torna o núcleo de significação do mundo no qual a sociedade não existe como totalidade, mas como intersubjetividade com origem, primeiro na ação do homem (ORTIZ, 1983).

Essa perspectiva denota que não existe um método puro. Bourdieu construiu, ao longo de sua vida intelectual, um sistema de hábitos intelectuais que rejeita ideias de outras escolas enquanto absorve outras. Do marxismo, tomou as ideias de luta pela dominação que integra o conceito de *habitus*; do estruturalismo, rejeitou a redução objetivista que nega a prática dos agentes e desconsidera a história e as determinações dos indivíduos; do determinismo, a

estabilidade das estruturas; da fenomenologia, o descritivismo que considera apenas uma etapa do processo de investigação; da mesma forma se mantém a meia distância do subjetivismo que desconsidera a gênese social das condutas individuais (THIRY-CHERQUES, 2006).

O modelo teórico de Bourdieu é reconhecido como depuração formal das relações entre as relações que definem os objetos construídos sob a diversidade e a multiplicidade de um conjunto de práticas (BOURDIEU, 2004, p. 97).

No intuito de desvelar a prática científica inscrita nos corpos dos agentes e na estrutura de suas relações, Bourdieu (1996) apresenta um modelo de análise que funciona como uma arquitetura imanente do mundo social que entende as práticas humanas como sustentadas por sistemas de elementos universais e cuja análise das estruturas é feita a partir da prática (THIRY-CHERQUES, 2006). Bourdieu (1996) busca entender o objeto como um todo e a ele integrar a reflexão sobre a atitude dos agentes e dos pesquisadores.

Ao desenvolver uma sociologia reflexiva, Bourdieu chama a atenção do pesquisador para que tenha uma postura como aquele que se dedica humildemente a um ofício, a fim de orientar-se para a maximização dos recursos aplicados na pesquisa, inclusive no tempo que se dispõe a desenvolvê-la. É ponto fundamental no método de Bourdieu a reflexividade, a constante vigilância em relação ao cientista como ser produtor de conhecimento dentro de seu próprio campo científico e ao objeto de estudo, que deve ser analisado em todas as suas nuances até a exaustão (SCARTEZINI, 2011).

De acordo com as observações de Thiry-Cherques (2006, p. 42), o protocolo de investigação de Bourdieu pode ser explicitado separadamente por etapas que se superpõem:

- i. marcação de um segmento do social com características sistêmicas (campo);
- ii. construção prévia do esquema das relações dos agentes e instituições objeto do estudo (posições);
- iii. decomposição de cada ocorrência significativa, característica do sistema de posições do campo;
- iv. análise das relações objetivas entre as posições no campo;
- v. análise das disposições subjetivas (*habitus*);
- vi. construção de uma matriz relacional corrigida da articulação entre as posições (estrutura);
- vii. síntese da problemática geral do campo.

Bourdieu procurava sempre destacar a importância do papel do cientista para a sociedade, invocando a esse a função de destruir as prenoções e o senso comum, a fim de construir novas formas de compreender suas instituições, suas relações, seu modo de vida, sua sociedade e a si próprio. Essa atividade racional de quebra de doutrinas dentro da própria academia, do conhecimento popular e erudito, são maneiras de não enviezar a pesquisa científica por um único caminho e por possibilidades teóricas e metodológicas restritas e predeterminadas (SCARTEZINI, 2011).

A compreensão desses pressupostos permite conhecer as bases do modelo utilizado por Bourdieu em suas pesquisas. O autor construiu uma teoria da prática que, apesar da contestação entre os partidários do individualismo metodológico – corrente segundo a qual os fenômenos sociais são o resultado de escolhas individuais racionais –, contém os elementos da sua superação e que a constitui como referência no pensamento social (THIRY-CHERQUES, 2006, p. 51).

Outras correntes também se apresentam com resistências à teoria de Bourdieu, entre elas, as correntes convencionalistas da teoria da ação (Thévenot, Boltanski e outros) e as que trabalham com a noção evolucionista de tipos de sociedade caracterizadas por um conflito social (Touraine, Dubet e outros). Essas correntes não aceitam o conceito de *habitus*, pois desconsideraria as relações de amizade e cooperação, nem o conceito de campo, visto que não abarca a mudança social e da inovação, e consideram a luta entre dominantes e dominados uma noção obsoleta (THIRY-CHERQUES, 2006, p. 50).

Contra todas as provocações em torno de sua abordagem teórica, as produções de Bourdieu abriram horizontes para inúmeras outras abordagens científicas (psicologia, antropologia, etnologia, literário, econômico, cultural, entre outros), assim como influenciaram estudos sobre arte, comunicação, linguagem, religião, política e educação (VALLE, 2007). Um dos pensadores mais influentes e citados no mundo deixou um legado que se mostra fértil para a construção do conhecimento, colocando à disposição estudos e pesquisas repletos de reflexões sobre os campos sociais (MEDEIROS, 2013).

Segundo Bourdieu (1983), a sociologia da ciência reside num estado determinado da estrutura e do funcionamento do campo científico. Para o autor, a ideia de uma ciência neutra é uma ficção que serve de substituto para discussões propriamente epistemológicas sobre a neutralidade metodológica e que permite fazer passar por científico uma forma neutralizada e eufêmica da representação dominante do mundo social (BOURDIEU, 1983).

Percebe-se, por meio da perspectiva de campo de Bourdieu, que a reprodução do espaço social, sem ignorar as contradições e os conflitos que podem estar na base das transformações desses espaços e de suas relações, permite compreender como as sociedades avançadas se perpetuam e como elas mudam sob o efeito de contradições específicas do modo de reprodução escolar (BOURDIEU, 1996). O autor acredita que é nas transformações do campo escolar que se encontra o verdadeiro fundamento de novas formas de compreensão do mundo social.

Tais espaços sociais possuem estruturas com diferenças que não podem ser compreendidas verdadeiramente – a não ser construindo o princípio gerador que funda essas diferenças, qual seja, o princípio da estrutura da distribuição das formas de poder ou dos tipos de capital no universo considerado – e que variam de acordo com os lugares e os momentos (BOURDIEU, 1986).

Na obra “A reprodução”, Bourdieu e Passeron (1975) fazem uma análise na qual abordam o sistema de ensino sob um prisma diferente em suas funções de comunicação, de inculcação de uma cultura legítima, de seleção e de legitimação. Consideram que as relações de força entre os grupos de uma formação social estão na base do poder arbitrário, da imposição e da inculcação de um arbitrário cultural, ou seja, os emissores pedagógicos são designados como legítimos a transmitir o que transmitem e, por conseguinte, autorizados a impor a recepção e a controlar a inculcação por sanções socialmente aprovadas ou garantidas.

A produtividade específica dessa imposição pode ser medida pelo grau em que os hábitos reproduzidos nas práticas são capazes de gerar durabilidade, transferibilidade e a exaustividade de um *habitus* como um sistema de disposições duráveis e transponíveis (BOURDIEU; PASSERON, 1975).

Com essa análise, Bourdieu (1997) reforça sua teoria do campo científico como um campo de forças e de lutas pela conservação ou transformação do espaço científico que só existe pelos agentes e pelas relações objetivas entre os agentes que aí se encontram. Nessas condições, uma reflexão prática sobre a dinâmica do campo emerge, o que comanda os pontos de vista, o que comanda as intervenções científicas, os lugares de publicação, os temas escolhidos, os objetos de interesse, etc. Para Bourdieu (1997), são as estruturas das relações objetivas entre os diferentes agentes que determinam o que eles podem e não podem fazer, ou seja, é a posição que ele ocupa nessa estrutura que determina suas tomadas de posição. Isso a tradição marxista chama de sua condição de classe.

Essa estrutura é determinada pela distribuição do capital científico, ou seja, os agentes caracterizados pelo volume de seu capital determinam a estrutura do campo em proporção ao seu peso que, por sua vez, é dependente do peso de todos os outros agentes daquele espaço (BOURDIEU, 1997).

Assim como no campo econômico, uma alteração de preços imposta pelos dominantes do campo muda o panorama das empresas; no campo da pesquisa científica, pesquisadores ou as pesquisas dominantes determinam, num espaço do tempo, os objetos importantes para os pesquisadores sobre os quais concentrarão seus esforços (BOURDIEU, 1997). Vale lembrar que nada é mais difícil e por vezes impossível, do que “manipular” um campo; as oportunidades que um agente tem de se submeter as forças do campo ao seu desejo são proporcionais à sua força sobre o campo, ou seja, à sua posição na estrutura da distribuição do capital (BOURDIEU, 1997).

Nesse sentido, qualquer que seja o campo, a dominação é objeto de luta, tanto em sua representação quanto em sua realidade. Ao se fazer uma analogia com a teoria dos jogos para compreender os jogos sociais, é possível perceber que os campos, assim como em um jogo, possuem regras, que essas regras estão elas próprias postas em jogo e que as estratégias se orientam para a conservação ou subversão de sua estrutura (BOURDIEU; CHAMBOREDON; PASSERON, 1999).

### 2.1.1 Teoria do Campo Científico

Pierre Bourdieu pertence a uma categoria de pensadores que alterou o modo de pensar, indagar e escrever dos estudiosos da sociedade, da cultura e da história em todo o mundo. Incorporou, em suas práticas de pesquisa e em sua produção científica, suas próprias inovações teóricas e ensinamentos. Tratou o campo científico como um espaço social, com relações de força e monopólios, lutas e estratégias, permeado por interesses e lucros, ficando, porém, todas essas variáveis revestidas de formas específicas em sua explicitação (BOURDIEU, 1983).

O campo, quanto mais autônomo, mais tende a provocar uma verdadeira revolução permanente, com cada vez menos implicações políticas ou religiosas, além de que é o campo que define a ordem ordinária da ciência e as rupturas extraordinárias, ou seja, suas revoluções (BOURDIEU, 2000).

O antagonismo, que é o princípio da estrutura e da transformação de todo campo social, se recorta sobre o fundo do campo da *doxa* (consenso), a censura que a ortodoxia exerce e que a heterodoxia denuncia; as questões que assim se colocam são capazes de manter um processo dialético interminável (BOURDIEU, 1983).

Nesse sentido, os estudos de campo de Bourdieu serviram de trampolim empírico para sua teoria da prática. O conceito de campo, formado nas leituras dos textos de Weber (CAVALCANTI, 2012), servia para indicar uma direção à pesquisa que o tratava como universo relativamente autônomo de relações específicas, metáforas orientadas por intenções retóricas de persuasão (entre os agentes envolvidos na vida intelectual – interação, sobretudo entre os autores e os editores). Na aplicação do conceito de campo em domínios diferentes, tais como a alta costura, literatura, filosofia, política, entre outros, Bourdieu propôs uma construção do campo religioso como estrutura de relações objetivas que pudesse explicar a forma concreta das interações de homologias estruturais e funcionais (BOURDIEU, 2009).

Em 1984, em sua obra *Homo Academicus*, Bourdieu faz uma análise do campo universitário francês, do qual ele mesmo faz parte, e retrata o corpo docente e, de maneira genérica, a instituição universitária, as lutas entre as disciplinas, a perspectiva escolástica e os espaços de dominação (BOURDIEU, 2011). Nesse texto, Bourdieu esclarece que os campos devem ser analisados por seus pares, o que confere autonomia e legitimidade ao campo.

Por outro lado, esclarece que o agente, ao tomar como objeto social um mundo ao qual está ligado, tem como desafio a ruptura entre a experiência original e a verdade do produto, sabendo que faz parte, ele mesmo, desse meio (BOURDIEU, 2011).

Todo campo social, seja o campo científico, artístico, burocrático ou político, na relação entre os agentes aí envolvidos, tende a buscar o que o autor chama de *illusio* (investimento nos alvos que existem em certos jogos, que só são evidentes para quem participa do jogo, parecendo ilusórios para aqueles que não participam) (BOURDIEU, 1996).

Para Bourdieu, o campo científico pode ser comparado a um jogo “no qual as regras do jogo estão elas próprias postas em jogo” (BOURDIEU, 2004, p. 29), espaço em que lutas concorrenciais são travadas em busca do monopólio da autoridade científica ou ainda monopólio da competência científica, lugar de disputa por posições de destaque, capacidade técnica e poder social, de falar e de agir legitimamente, conquistada pelo agente em lutas anteriores (BOURDIEU, 1983).

No campo científico, os concorrentes não podem se contentar em se distinguir simplesmente de seus predecessores já reconhecidos; “são obrigados, sob pena de se tornarem

ultrapassados e desqualificados, a integrar suas aquisições na construção distinta e distintiva que os supera” (BOURDIEU, 1983, p. 127). Na luta entre os agentes pela imposição de uma ciência (na limitação do campo dos problemas, dos métodos e das teorias que podem ser considerados científicos), existe uma hierarquia social que orienta a prática científica no interior do campo científico, subdividida em dois princípios: um que confere primazia à observação e à experimentação – empiristas – e outro que privilegia a teoria e os “interesses” científicos correlativos – racionalistas. Esse debate nunca deixou de ocupar o centro da reflexão epistemológica (BOURDIEU, 1983).

Sendo a prática orientada pela busca por reconhecimento e prestígio, o interesse por uma atividade científica tem sempre uma “dupla face”. Isso implica dizer que não é possível considerar apenas a dimensão puramente política nos conflitos pela dominação do campo científico e que, por outro lado, os conflitos políticos são sempre conflitos epistemológicos; o contrário também é verdadeiro e, sendo assim, uma pesquisa “sobre o poder no campo científico poderia perfeitamente só comportar questões aparentemente epistemológicas” (BOURDIEU, 1983, p. 125). A escolha do objeto científico é feita a partir da capacidade de se colocar em jogo essas verdades cientificamente aceitas que estão mais relacionadas às lutas pelo poder do campo científico do que às inovações científicas (SCARTEZINI, 2011).

Ao falar sobre interesse científico e autoridade, Bourdieu (1983, p. 124) refuta qualquer discurso que repouse sobre a ciência, alegando que tratá-lo assim seria pura representação social, poder simbólico, quando, na realidade, os julgamentos sobre a capacidade científica de um estudante ou de um pesquisador “estão sempre contaminados, no transcurso de sua carreira, pelo conhecimento da posição que ele ocupa nas hierarquias instituídas” (grandes escolas ou universidades).

Os interesses que motivam os agentes e os meios que eles podem colocar em ação dependem de sua posição no campo, de seu capital científico, do poder conferido no campo da produção e na circulação científica do lucro simbólico que os agentes produzem. A lógica de funcionamento nas estratégias de conservação ou de subversão do campo considera, além das instâncias responsáveis pela consagração (academias, prêmios, etc.), as revistas científicas – que selecionam em função de critérios dominantes e consagram produções de acordo com os princípios da ciência oficial (BOURDIEU, 1983).

O próprio campo determina a cada agente (segundo sua posição na estrutura do campo e outras variáveis, como a trajetória social) suas estratégias, seja pela manutenção da ordem vigente, seja pela derrubada da ordem científica estabelecida. Nessa lógica, os novatos que



refutam a ordem estabelecida só poderão vencer os dominados se empenharem um suplemento de investimentos científicos sem esperar lucros importantes, ao menos em curto prazo, pois têm contra si todo o sistema (BOURDIEU, 1983). A Figura 2 ilustra a lógica do campo científico.

**Figura 2:** A lógica do campo científico



**Fonte:** Elaborada pela autora com base em Bourdieu (1983).

O campo científico, enquanto espaço social objetivo de um jogo, demonstra que o que é percebido como importante e interessante é o que tem chances de ser reconhecido pelos outros e tornar aquele que o produz importante e interessante aos olhos dos outros (BOURDIEU, 1983).

A noção de campo é uma construção que comanda e orienta todas as opções práticas da pesquisa, e limitar um campo diz respeito aos efeitos que dele advêm. Com esse conceito, Bourdieu, que se contrapõe à ideia do pós-modernismo de que basta ler os textos para compreender a ciência e também a outra corrente da qual Marx é um dos seus autores, que defende que a relação entre o texto o contexto são suficientes, chama a atenção para o que ele denomina de “erro do curto-circuito”, por meio do qual demonstra não ser suficiente a relação entre as obras científicas ou artísticas e as manifestações políticas e/ou partidárias ocorridas

no período para dar conta de uma análise dos acontecimentos sociais, ou seja, entre o objeto e os acontecimentos sociais existe um universo intermediário: o campo (SCARTEZINI, 2011).

As formas específicas de revestimentos das variáveis que envolvem o campo social são tratadas por Bourdieu (1983) e se apresentam com uma configuração de distribuição desigual de diferentes tipos de capital, sendo que o que está em jogo é tão importante a ponto de se desejar aí fazer a revolução.

Segue-se daí que a estrutura do campo científico se define nas relações de força entre os protagonistas em luta – agentes ou instituições – pela estrutura da distribuição desigual de capital científico, que são produtos de estratégias de conservação (os dominantes, que ocupam as posições mais altas na estrutura) ou de subversão (os dominados, os novatos) da ordem científica (BOURDIEU, 1983).

Essa lógica de pensar o campo como estruturas estruturantes (subjetivas – nas mentes) e estruturas estruturadas (objetivas – no social) que se impõe aos agentes como disposições duráveis é chamada por Bourdieu de *habitus* (TRIGO, 1999) e é abordada na próxima subseção.

### 2.1.2 Teoria de *Habitus*

Pensar a gênese dos conceitos – as causas e os fatos que contribuíram para a sua formação – parece, para Bourdieu (1998), ser indispensável, pois, ao não fazê-lo, parece simplesmente uma reprodução de seus usos anteriores. Por isso, a gênese do conceito de *habitus* primeiramente exprime a recusa de toda uma série de alternativas nas quais a ciência social se encerrou – a noção aristotélica de *hexis* (disposição prática), convertida pela escolástica para *habitus* (em que as ações encerram uma intenção objetiva que ultrapassa as intenções conscientes).

Apesar de seus primeiros textos apresentarem a noção de *habitus* relacionada à ideia de reprodução com um efeito impositivo, o conceito sofreu uma evolução, a ele tendo sido atribuída uma conotação mais inventiva e adaptativa, capaz de conter a ideia de transformação (TRIGO, 1998). É neste sentido que Ortiz (1983, p. 29) esclarece que “os estudos de Bourdieu nos parecem da maior valia desde que os consideremos fora da perspectiva imobilista do processo de reprodução”.

Sendo assim, a noção de *habitus* se inspirou nas intenções teóricas de escapar da alternativa do estruturalismo – sem sujeito – e da filosofia do sujeito, ou seja, sair da filosofia

da consciência sem anular o agente como construtor do objeto; Bourdieu queria lembrar a capacidade do agente de invenção, de improvisação, ou seja, um agente ativo (BOURDIEU, 1998).

Bourdieu (1998) esclarece que a intenção, ao retomar uma palavra da tradição teórica, assenta-se na convicção de que o trabalho de conceitualização também pode ser cumulativo – e assim o é em todos os seus textos – e absolutamente oposto à estratégia que consiste em tentar associar seu nome a um neologismo – um novo sentido a uma palavra já existente – a fim de se promover no campo.

O *habitus* se constitui em prática, social e individual, um sistema de crenças e disposições duráveis, produto de uma trajetória social, sempre orientado por funções práticas em que agentes envolvidos em um campo desenvolvem a percepção, a apreciação e crenças sobre o que fazer e o que não fazer (BOURDIEU, 1990). Para o mesmo autor, sustenta-se em sua própria representação social que antecede e orienta a ação, internalizado pelas representações objetivas de acordo com as posições sociais que os agentes ocupam.

Para Bourdieu (2004), a estratégia pode ser considerada um termo prescritivo que conduz a uma concepção ingênua finalista da prática. Por isso, se esforça em definir o conceito de *habitus* como fato gerador de respostas mais ou menos adaptadas às exigências de um campo. O conceito de *habitus* recuperado de Aristóteles (*hexis*) – que indicava características do corpo e da alma num processo de aprendizagem (SETTON, 2002) – contribuiu para elaborar uma teoria da ação e também serviu de propulsor para seus esquemas de percepção e apreciação (WACQUANT, 2002).

Essa força formadora de hábitos, um sistema de esquemas mais ou menos controlados e mais ou menos transponíveis que a cada classe de posição corresponde a um *habitus*, dá conta da unidade de estilo que vincula as práticas de um agente ou de um grupo (BOURDIEU, 1996).

Para Valle (2007), *habitus* são estruturas incorporadas pela história, manifestando-se tanto no estado objetivo (máquinas, monumentos, livros, teorias) quanto sob a forma de dispositivos (corporais, mentais ou cognitivos). Thiry-Cherques (2006), por sua vez, o define como um sistema de disposições, modos de perceber, de sentir, de fazer, de pensar, que leva o agente a agir de determinada forma em uma dada circunstância.

Como agente da estrutura estruturada do campo, com seus códigos e preceitos, não se pode conduzir, improvisar ou criar livremente, pois está sujeito aos limites, às restrições

inculcadas e aceitas que conformam a estrutura estruturante do *habitus* (THIRY-CHERQUES, 2006).

O *habitus* é esse princípio gerador e unificador que retraduz as características intrínsecas e relacionais de uma posição em uma prática; são os princípios de construção do espaço social e mecanismos de reprodução desse espaço (BOURDIEU, 1996) que denotam o sistema de disposições duráveis e transferíveis e funcionam como organizador da interação social na relação entre as posições sociais (conceito relacional), as disposições (os *habitus*) e as tomadas de posição (as escolhas dos agentes).

Os *habitus* são diferenciadores, princípios geradores de práticas distintas e distintivas (o que o agente operário faz e principalmente sua maneira de fazer são distintas das escolhas do agente empresário industrial; o que para um pode parecer ostentatório, para outro pode ser considerado vulgar) (BOURDIEU, 1996).

O termo também se ocupa em descrever a relação que se estabelece entre os agentes – seus *habitus* – e as forças do campo (relação que se objetiva em sua trajetória, que demonstra a série de posições sucessivamente ocupadas pelo mesmo agente em estados sucessivos de determinado campo) e facilita a compreensão de um estado determinado do campo (BOURDIEU, 2004).

Essas relações que se estabelecem entre as posições e as tomadas de posição de um agente não são determinações mecânicas nem determinísticas, mas ocorrem em função de sua percepção e de apreciação, inscritas em seu *habitus* e também relacionadas aos seus interesses associados a sua posição no jogo (BOURDIEU, 1998).

Bourdieu deixa claro, em seus textos, que pensar em termos de *habitus* permite compreender que existem condutas desinteressadas, cujo princípio não é o cálculo do desinteresse, a intenção calculada de superar o cálculo ou de mostrar que se é capaz de superá-lo, mas, sim, que “tudo funciona como uma orquestra sem maestro” (BOURDIEU, 1996, p. 89).

*Habitus*, portanto, são maneiras de ser permanentes, duráveis que podem levar os agentes a resistir, a opor-se às forças do campo. Aqueles que adquirem seus *habitus* fora do campo, diferentes daquelas exigidas pelo campo, arriscam-se a estar sempre defasados, deslocados, na contramão e na hora errada (BOURDIEU, 2004).

Ao utilizar o conceito de *habitus*, é possível compreender o princípio gerador e unificador que retraduz as características intrínsecas e relacionais de uma posição em um estilo de vida (BOURDIEU, 1998).

Pode-se dizer que certos *habitus* encontram as condições para sua realização e seu desenvolvimento na lógica (no fundamento, na estrutura e nas expressões do agente) do campo; o inverso também pode ser considerado verdadeiro, ou seja, a lógica do campo explora em seu proveito as tendências inscritas nos *habitus* (BOURDIEU, 1998).

Em última análise, é o *habitus* conceito-chave para pensar a relação que envolve o indivíduo e a sociedade como esquema de percepção, apropriação e ação que é experimentado e posto em prática em função de estímulos advindos das conjunturas de um campo constituído socialmente (SETTON, 2002).

### 2.1.3 Capitais de Bourdieu

O conceito de capital, termo da área econômica, foi cunhado por Bourdieu (2009) como recurso ou poder manifestado nas atividades sociais, ou seja, aquilo que é valorizado em determinado campo, diferente de Marx (1996). Para fazer uso do conceito de capital numa análise social, não apenas em sua forma econômica, mas também em sua forma cultural e social, Bourdieu vê o espaço social como um campo de disputas em que os agentes elaboram estratégias a fim de manter ou melhorar sua posição social, sendo essas estratégias relacionadas com os diferentes tipos de capital (BONAMINO et al. 2010).

Os agentes envolvidos nessa disputa no campo científico pretendem fazer valer sua forma correta de fazer ciência, a fim de acumular determinado capital para certo campo. Desse modo, o capital é tratado como elemento central nas disputas entre os agentes que se empenham em acumulá-lo com o objetivo de que suas aspirações se concretizem (BOURDIEU, 1983).

Os poderes sociais fundamentais são: a) capital econômico, em suas diversas formas; b) capital cultural, ou melhor, o capital informacional também em suas diversas formas; c) capital social, formado pelos recursos baseados nas relações sociais; e d) capital simbólico, altamente relacionado ao capital social, que é a forma como os diferentes tipos de capital se fazem percebidos e reconhecidos como legítimos (BOURDIEU, 1986).

Pode-se dizer que, em cada campo, se opera um tipo de capital e que o espaço social é construído de forma que os agentes ou grupos são distribuídos em função de sua posição, ou seja, de acordo com o peso relativo dos diferentes tipos de capital que formam as classes sociais ou o espaço multidimensional das formas de poder (BOURDIEU, 1996). Vale lembrar que as formas de capital são conversíveis uns pelos outros.

### 2.1.3.1 Capital econômico

Como capital econômico, Bourdieu (1996) compreende a propriedade privada dos meios de produção (terras, fábricas, trabalho), do conjunto de bens econômicos (dinheiro, patrimônio, bens materiais) (BONAMINO et al. 2010). Sua distribuição é simétrica e inversa à estrutura da distribuição do capital cultural, podendo, entretanto, ser uma das condições de acesso ao controle do capital econômico (BOURDIEU, 2004).

Bourdieu (2004) considera que, da mesma forma que o capital econômico é a fonte de todas as outras formas de capital, outros tipos de capitais (cultural e social) também podem ser revertidos em capital econômico e fortalecer essa relação.

O capital econômico figura como espécie dominante em relação ao capital simbólico (reputação, representação, honra), ao capital social e ao capital cultural. Esse fato pode estar relacionado à possibilidade de uma gestão racional, de trabalho de conservação e transmissão, ou seja, é mais fácil de gerir racionalmente, de calcular e de prever (representado pela moeda) (BOURDIEU, 2004).

Em uma de suas pesquisas, Bourdieu (2004) identificou que os agentes mais ricos em capital econômico estão propensos a fazer investimentos que lhes deem retornos econômicos em detrimento de investimentos em práticas culturais e na educação. O cálculo econômico é orientado para os fins exclusivamente econômicos. É também considerado, ao menos em sociedades mais desenvolvidas, como princípio de diferenciação, assim como o capital cultural.

Na representação do espaço social, os agentes são distribuídos segundo o volume de capital global (capital econômico + capital cultural = capital global) em suas diferentes espécies e pela estrutura de seu capital, ou seja, segundo o peso relativo dos diferentes tipos de capital (BOURDIEU, 2004).

### 2.1.3.2 Capital cultural

Bourdieu (2004) coloca em evidência o papel do capital cultural na seleção escolar e na relação entre as práticas culturais (as opiniões aferentes), o capital escolar (avaliado pelos diplomas obtidos) e a origem social (apreendida por meio da profissão do pai). Há que se

considerar que o capital escolar influencia o peso da origem social e serve de indicador para o sistema explicativo das práticas ou das preferências, ou seja, a relação entre o desempenho e o diploma é fortemente referendada pelo capital escolar (BOURDIEU, 2004).

O capital cultural se manifesta em três estados: a) incorporado, mediante um trabalho de inculcação e assimilação, e tem como principais elementos constitutivos os gostos, o domínio maior ou menor da língua culta e das informações sobre o mundo escolar; b) objetivado, na forma de bens culturais, tais como esculturas, pinturas, livros, entre outros, e para possuí-los, é necessário o capital econômico; c) institucionalizado, se apresenta na forma de títulos escolares, e seu retorno é percebido no mercado de trabalho; quanto mais fácil o acesso a um título escolar, maior a tendência à sua desvalorização (BONAMINO, 2010).

Para Bourdieu (2004), o capital cultural é herdado da família e assegurado pela instituição escolar. “Aqueles que adquirem, pela e para a escola, o essencial de seu capital cultural fazem investimentos culturais mais clássicos e menos arriscados que as pessoas que receberam uma importante herança cultural”, tendo a instituição escolar o monopólio da certificação da conversão do capital cultural herdado em capital escolar (BOURDIEU, 2004, p. 78). “O que a comunicação pedagógica consegue produzir é função da competência cultural que o receptor deve à sua educação familiar” (BOURDIEU, 2007, p. 296).

A noção de capital cultural permite compreender a desigualdade escolar dos indivíduos oriundos de diferentes grupos sociais (BONAMINO, 2010). Como variável educativa, o capital cultural é um princípio de diferenciação tão poderoso como o capital econômico, sendo possível notar uma luta política que não pode ser compreendida se não tiver em mente a distribuição do capital cultural, e sua evolução (BOURDIEU, 1997) depende, com maiores ou menores chances, de suas origens de formação, de um título escolar credenciado, ou seja, aqueles com formação nas grandes escolas têm maiores potencialidades de realizar suas pretensões (BOURDIEU, 1983, p. 124). O mesmo autor assevera que “não existe uma neutralidade nas ações, pois toda realização pressupõe necessariamente uma série de interesses em jogo” (p. 126).

A instituição escolar contribui para a reprodução da distribuição do capital cultural e, como consequência, para a reprodução da estrutura do espaço social. As dimensões fundamentais desse espaço correspondem à combinação de mecanismos que definem o modo de reprodução e fazem com que o capital e a estrutura social se perpetuem (BOURDIEU, 1997). Essa reprodução citada pelo autor se opera na relação entre as estratégias das famílias e

a lógica específica da instituição escolar que outorga em forma de títulos (credenciais) ao capital cultural todos seus poderes e privilégios (BOURDIEU, 1997).

Nesse sentido, é possível perceber que a instituição escolar que deveria introduzir uma forma de meritocracia privilegiando as aptidões individuais em detrimento dos privilégios hereditários, tende a transmitir, por meio de uma ligação velada entre a aptidão escolar e a herança cultural, uma nobreza de que a autoridade e a legitimidade estão garantidas por um título escolar (BOURDIEU, 1997).

As qualificações educacionais (medidas de classificação) indicam a posição de um agente na estrutura da distribuição do capital cultural e são socialmente percebidas como garantia de posse de uma determinada quantidade de capital cultural (BOURDIEU, 1990).

A ciência da reprodução de estruturas, entendidas como sistema de relações objetivas que conferem suas propriedades relacionais aos indivíduos aos quais existem e sobrevivem, nada tem em comum com o registro analítico das relações existentes em uma dada população, seja ela uma conexão das relações entre o sucesso escolar das crianças e a posição social de sua família ou das relações entre as posições ocupadas pelas crianças e seus pais (BOURDIEU, 2007). Em termos mais precisos, a estrutura tende a se reproduzir com agentes dotados do sistema de disposição capazes de gerar práticas adaptadas às estruturas e, por consequência, em condições de reproduzir as próprias estruturas (BOURDIEU, 2007).

Mais uma vez se percebe que o sistema escolar cumpre uma função de legitimação da ordem social, fazendo com que o êxito escolar, ao menos nas grandes escolas, seja proporcional à importância do capital cultural legado pela família, que pode ser constatado na relação entre o êxito escolar e o capital cultural familiar medido pelo nível de escolaridade dos ascendentes (BOURDIEU, 2007).

O professor, antes de ser um professor, encarregado de assegurar a formação científica e intelectual de seus alunos ou de seus discípulos, é, de maneira mais evidente que em qualquer outra parte, um protetor responsável por assegurar a carreira de seus alunos (BOURDIEU, 2011).

Os agentes que saem com essa proteção possuem uma vantagem considerável porque detêm certas propriedades exigidas explicitamente ou tacitamente aos recém-ingressados: em primeiro lugar, o capital simbólico associado a um nome ilustre e que lhe assegure uma relação durável em seu ingresso no mercado de trabalho (seja ele no campo científico ou fora dele) e, em segundo lugar, o capital cultural que se constitui uma carta de triunfo tanto mais poderosa quanto menos objetivada, formalizada no campo considerado (BOURDIEU, 2011).



A pesquisa de Bourdieu em *Homo academicus*, no qual interpreta o mundo universitário, demonstra que o campo da universidade é um lugar de constante luta de poder que se manifesta seguindo uma lógica específica em que o poder acadêmico e o prestígio intelectual ou científico são os pontos dessa luta, e as disciplinas e as práticas dominantes e dominadas se distribuem em torno deles (BOURDIEU, 2011).

Os efeitos dessa luta podem contribuir para a reprodução da ordem social, mas também, por outro lado, aqueles que veem amenizadas suas possibilidades de produção são estimulados a discutir a legitimidade do instrumento de sua exclusão, questionando os fundamentos da perpetuação da ordem social e provocando uma reação na ordem vigente (BOURDIEU, 2011).

Há ainda que compreender que os agentes possuidores de um capital social elevado, mas pobres em capital cultural (títulos acadêmicos), conservam certo valor simbólico aos olhos dos mais despojados, mascarando a desvalorização dos diplomas; com isso, alguns benefícios lhes são assegurados, como a criação de “novos mercados” adequados para fazer valer seus títulos e o direito de ocupar posições dominantes e, correlativamente, na estrutura das posições do campo do poder (BOURDIEU, 2011). Esse fenômeno assegura que as disciplinas tradicionais não sejam questionadas pela geração acadêmica que teve seu título acadêmico desvalorizado, mas dotado de possibilidades de provocar uma crise na ordem social (BOURDIEU, 2011).

A lei que rege a extensão da crise dentro da instituição acadêmica rege também fora da instituição, que pode ser vista na frequência, entre os ocupantes de uma posição social, dos agentes pertencentes a uma geração acadêmica marcada pela desvalorização de seus títulos acadêmicos; portanto, dotados de aspirações desajustadas relacionadas às suas possibilidades objetivas de realização, dão conta das reações diferenciadas da crise dos ocupantes das diferentes posições no espaço social (BOURDIEU, 2011).

### 2.1.3.3 Capital social

O capital social, tratado por Bourdieu (2004) em um tópico específico de estudo (BONAMINO et al. 2010), está relacionado ao conjunto de acessos sociais que, por sua vez, compreende o relacionamento e a rede de contatos dos agentes ou das instituições.

O autor, na tentativa de compreender como agentes se beneficiavam de sua posição ou geravam externalidades positivas para outros membros, destacou três aspectos: a) os

elementos constitutivos, a agregação dos recursos atuais ou potências das relações institucionalizadas de reconhecimento e de inter-reconhecimento; b) os benefícios obtidos na e pela rede de relacionamento; e c) a reprodução desse tipo de capital como produto do trabalho necessário para produzir as relações duráveis (BONAMINO, 2010).

Também é possível observar que a literatura trata o capital social por dois ângulos. No primeiro, considera a construção do capital social nas redes familiares e como isso contribui para o desenvolvimento cognitivo dos filhos e, conseqüentemente, para seu desempenho escolar; de outro lado, examina o papel da família na construção do capital social em redes fora do lar e no interior do contexto econômico, estatal ou comunitário, formal e informal (BONAMINO, 2010).

Sabe-se também que o capital associado a uma origem social elevada cresce à medida que o agente sobe na hierarquia dos diplomas (BOURDIEU, 2004). Assim, os mais desprovidos de informação no mercado de títulos também são os primeiros a serem atingidos em decorrência da falta de capital social, pela desvalorização dos diplomas (BOURDIEU, 2004). A desvalorização do diploma “serve diretamente aos interesses dos detentores de cargos [...] e quanto maior for sua desvalorização [...] resta como único recurso do diplomado a recusa em vender sua força de trabalho pelo preço que lhe é oferecido” (BOURDIEU, 2004, p. 135).

O capital social pode ser utilizado para exercer pressão e obter uma modificação nas regras do jogo em favor do agente (BOURDIEU, 2000). Esse tipo de capital também assegura um poder sobre os mecanismos constitutivos do campo, em que quanto maior for a autonomia do campo, o agente, em razão de ter como seus próprios clientes seus concorrentes, “só pode esperar o reconhecimento do valor dos seus produtos de outros produtores, os quais são os menos inclinados a reconhecê-lo sem discussão ou exame”, pois esses concorrentes não se distinguem de seus predecessores já reconhecidos (BOURDIEU, 1983, p. 127).

Para manter e acumular o capital social, o que assegura os benefícios sociais desse tipo de capital, os agentes investem tempo para cultivar os relacionamentos, participando de comitês, comissões, bancas examinadoras, entre outras; isso demanda competência no trabalho científico que é a condição da acumulação e da manutenção do capital científico (BOURDIEU, 2011).

Os detentores de um elevado capital social têm a possibilidade de conservar ou aumentar esse capital, apoiados por sua antiguidade na classe e por intermédio da notoriedade

do nome, assim como da extensão e da qualidade da rede de relações que estabelece a oposição entre as diferentes frações da classe dominante (BOURDIEU, 2004).

Quem não é oriundo da classe fica desprovido do capital social necessário para obter o pleno rendimento de seus diplomas (BOURDIEU, 2004, p. 142).

As estratégias utilizadas por aqueles que tentam escapar da desclassificação de seus diplomas e recuperar sua trajetória de classe, por serem detentores de um capital social de relações herdadas e também para suprir a ausência de diplomas ou obter o rendimento máximo de seus diplomas, são consideradas um dos fatores mais importantes da transformação das estruturas sociais (BOURDIEU, 2004).

A posição e a trajetória individual não são totalmente independentes, haja vista que nem todas as posições de chegada são iguais para todos os pontos de partida (BOURDIEU, 2004). Isso implica dizer que existe uma correlação forte entre as posições sociais e as disposições dos agentes que as ocupam. Alguns mecanismos orientam as posições aos indivíduos ajustados de antemão: a) uns por se sentirem feitos para determinados cargos, ou seja, “vocação”, que é imposta pelas disposições da classe; b) outros por aparecerem para os que ocupam posições privilegiadas na classe, baseada na harmonia imediata das disposições; c) por fim, há aqueles que estabelecem uma dialética no decurso de sua vida entre as disposições e as posições, entre as aspirações e as realizações (BOURDIEU, 2004).

Bourdieu (2004) alerta para o que chama de envelhecimento social, que é o lento trabalho de assumir a perda de suas possíveis realizações, estimulado do ponto de vista social e que tem por objetivo conduzir os agentes a ajustarem suas aspirações às suas possibilidades objetivas, ou seja, a se contentarem com o que são e com o que têm.

O princípio das diferenças relevantes entre os modos de dominação reside no grau de objetivação do capital, está representada no campo científico pela luta por autoridade científica que assegura um poder sobre os mecanismos constitutivos do campo (BOURDIEU, 1983).

#### 2.1.3.4 Capital simbólico

O capital simbólico, correspondente ao conjunto de rituais de reconhecimento social, compreende o prestígio, a honra, uma espécie de capital de reputação ligado à maneira de ser conhecido (BOURDIEU, 2011b). O capital simbólico é uma síntese dos demais (cultural,

econômico e social), pois apenas o crédito e a autoridade conferem a um agente o reconhecimento e a posse das três outras formas de capital (BONNEWITZ, 2003).

A legitimidade produzida nesse tipo de capital encontra sua eficácia simbólica se, por um lado, os agentes estiverem preparados para se submeterem aos seus vereditos, ou seja, o discurso institucional só funcionará se encontrar nos agentes estruturas internas, cognitivas e afetivas dispostas a acolhê-lo; por outro lado, apenas os agentes autorizados do campo, que tiram sua autoridade do capital simbólico, podem promover a formulação da definição da realidade (BONNEWITZ, 2003). Importa dizer que o capital simbólico é um crédito de crença e de confiança concedido por agentes que reconhecem naquele agente uma propriedade de valor.

Nesse sentido, trata-se, antes de tudo, de ser reconhecido, percebido pelos outros, ter uma identidade social, seja ela com base no nome da família ou ainda em uma nacionalidade, na profissão, na religião, numa classe social. A intenção de conseguir convencer os outros do capital que o agente afirma ter para assim tirar proveitos reais de suas propriedades imaginárias (BONNEWITZ, 2003).

Em sua obra *Homo Academicus*, Bourdieu reconhece “que o mundo acadêmico é *locus* do debate, do diálogo, mas também de disputas acirradas de poder, no qual as carreiras e reputações são construídas” (CORSARO, 2011, p. 490). Apresenta ainda, nessa mesma obra, o método utilizado para medir o capital simbólico dos pesquisadores em que considerou as traduções em língua estrangeira, atuação em grandes escolas, prêmios recebidos, número de menções no indexador *Citation Index* e em outros índices de reconhecimento internacional, alegando ser a forma mais segura de se obter a informação, haja vista que a questão gira em torno de ser conhecido e reconhecido (BOURDIEU, 2008). Seu poder depende de sua posição no jogo, do seu poder sobre os títulos objetivados do capital específico (BOURDIEU, 1998).

As forças do campo orientam os dominantes em direção às estratégias a fim de intimidar os concorrentes, de forma que o agente que dispõe de capital simbólico pode emitir sinais visando a dissuadi-los de atacar (por exemplo, organizando vazamentos sobre a fragilidade de determinadas pesquisas); apesar de poderem ser blefes, alcançam seu propósito, pois o capital simbólico torna plausível e eficaz a estratégia (BOURDIEU, 2000).

Por outro lado, pode acontecer que, confiantes de que têm os meios de sustentar uma longa ofensiva e que o tempo joga a seu favor, os dominantes escolhem abster-se em suas manifestações e deixar que seus oponentes se engajem em ataques custosos e condenados ao fracasso (BOURDIEU, 2000).

Para Bourdieu (1999, p. 10), “a competência específica e o capital simbólico adquiridos num campo autônomo representam a condição de autonomia dos intelectuais em relação aos poderes”, ou seja, a capacidade do agente de resistir ao conformismo e a todas as formas de dependência.

#### 2.1.3.5 As duas espécies de capital do campo científico

Os pesquisadores ocupantes de posições privilegiadas – reconhecidas – detêm o poder de legitimar o campo e se movimentam em busca de ocupar novas posições. “No caso da ciência, o capital se refere à autoridade científica” (BOURDIEU, 1983, p. 21).

O capital científico é uma espécie particular do capital simbólico, e suas relações de força se efetivam por meio das relações de conhecimento e comunicação. Nesse tipo de capital, o poder simbólico exerce-se apenas sobre os agentes que têm as categorias de percepção necessárias para conhecer e reconhecer (BOURDIEU, 2001).

O campo científico está dotado de duas formas de poder do capital científico: a) um poder temporal (ou político), poder institucional e institucionalizado, que está relacionado a importantes posições nas instituições científicas (direção de laboratórios, membro de comissões e comitês de avaliação) e ao poder sobre os meios de produção (contratos, créditos e postos) e de reprodução (poder de nomear e de fazer carreiras) assegurado pelo posto; b) um poder específico – prestígio pessoal – que repousa sobre o reconhecimento do conjunto de pares ou da fração mais consagrada do campo (BOURDIEU, 2004).

É sabido que a inovação científica não ocorre sem rupturas sociais com a ordem vigente; sendo assim, o capital científico, ainda que revestido de uma imagem ideal, ou seja, daquilo que o campo quer ter e dar, em sua fase de acumulação inicial está exposto a contestações e críticas muito mais do que o capital científico já institucionalizado, o que faz com que se corra o risco de ser tratado como heresia, como consequência, combatido pela instituição (BOURDIEU, 2004).

As duas espécies de capital científico identificadas por Bourdieu (2004, p. 36-37) são: a) capital científico puro, que não tem outro objetivo senão a própria ciência, que é indiferente às imposições do mercado, ao reconhecimento oficial e ao sucesso e que se adquire, em especial, pelas contribuições reconhecidas do progresso da ciência, das invenções ou das descobertas (as publicações nos órgãos mais seletivos e mais prestigiosos, portanto, aptos a conferir prestígios); b) o capital científico institucionalizado, um capital de poder sobre o

mundo científico, que pode ser acumulado por vias que não são puramente científicas, ou seja, por meio de estratégias políticas (específicas) e que é o princípio burocrático de poderes temporais sobre o campo científico – participação em comissões, bancas (de teses e de concursos), colóquios, cerimônias e reuniões. Esses poderes temporais são, sobretudo, nacionais, ou seja, ligados às instituições nacionais, principalmente as que regem a reprodução do corpo dos cientistas.

Essas espécies de capital científico, difíceis de acumular diferem em suas formas de transmissão. No caso, o capital científico puro tem sempre alguma coisa de carismático; na percepção comum, está ligado à pessoa, aos seus dons pessoais; é extremamente difícil de transmitir na prática, mas o grande pesquisador pode transmitir a parte mais formalizada de sua competência científica em um longo e lento trabalho de formação; da mesma forma, todos os detentores de capital simbólico podem consagrar os pesquisadores formados ou não por ele, fazendo sua reputação, assinando com eles, publicando-os, recomendando-os para as instâncias de consagração (BOURDIEU, 2004).

Já o capital científico institucionalizado possui praticamente as mesmas regras de transmissão que qualquer outra espécie de capital burocrático, ainda que, por vezes, assuma a aparência de uma eleição pura por meio de concursos de recrutamento burocrático, em que a escolha do candidato ao posto está, de algum modo, pré-ajustada (BOURDIEU, 2004). Nas “operações de cooptação”, que visam perpetuar o corpo de pesquisadores e em que o conflito entre os dois princípios se faz mais visível, os detentores do capital científico organizam os procedimentos segundo a lógica da nomeação burocrática, enquanto que os detentores do capital científico puro se situam na “lógica carismática” do inventor (BOURDIEU, 2004, p. 37).

Obtém-se e se mantém o capital científico por meio da ocupação de posições que permitem dominar outras posições e seus ocupantes. O poder sobre as instâncias de reprodução do campo científico assegura a quem o detém uma autoridade estatutária que está muito mais ligada à posição hierárquica que à propriedade intelectual do agente. Esse poder exerce, não somente sobre o público de rotatividade rápida dos estudantes, mas também sobre candidatos ao doutorado que são recrutados por terem algo em comum. Sua relação se configura com uma dependência difusa e prolongada (BOURDIEU, 2011).

#### 2.1.4 A Produção e a Reprodução do Conhecimento na Perspectiva de Bourdieu

O mundo social pode ser objeto de três modos de conhecimento: a) o fenomenológico, que explicita a verdade da experiência primeira do mundo social – apreensão do mundo como mundo natural e evidente sobre o qual, por definição, não se pensa – e que exclui as próprias condições de possibilidades, o homem como produto e produtor de sua história; b) conhecimento objetivista (positivismo), que constrói as relações objetivas (econômicas ou linguísticas) que estruturam as práticas e as representações das práticas, que supõe a existência de uma essência transcendental exterior aos indivíduos e que os enquadra coercitivamente na dimensão da norma, distinta das vontades e das ações individuais; e c) conhecimento praxiológico, que tem por objeto não só os sistemas de relações objetivas, mas também as relações dialéticas entre essas estruturas e as disposições estruturadas nas quais elas se atualizam e tendem a reproduzi-las (BOURDIEU, 1983).

A diferença entre o conhecimento praxiológico de Bourdieu e a fenomenologia se dá em que, na escola fenomenológica, aquele que fala escolhe sempre suas palavras tendo em conta o seu ouvinte, enquanto que, na praxiologia, a comunicação ocorre enquanto interação socialmente estruturada, ou seja, os agentes da fala entram em comunicação num campo em que as posições sociais já se encontram objetivamente estruturadas, numa relação de poder que reproduz a distribuição desigual de poderes agenciados no nível da sociedade global (BOURDIEU, 1983).

Bourdieu não pretende simplesmente rejeitar o conhecimento objetivista, mas conseguir, uma vez explicitados seus limites, ultrapassá-lo; à medida que o conhecimento objetivista se afasta da construção da teoria do conhecimento prático do mundo social, a praxiologia retoma a ação como núcleo da significação do mundo, reintroduz o agente negligenciado pelo objetivismo (ORTIZ, 1983, p. 12).

No campo das produções, objeto de análise com pretensões científicas, encontra-se um antagonismo. De um lado, os internalistas, aqueles que sustentam que, para compreender a literatura, basta ler tão somente os textos; do outro lado, outra tradição que relaciona o texto ao contexto e propõe-se a interpretar as obras colocando-as em relação ao mundo social ou econômico (BOURDIEU, 2004).

Contra essas alternativas, as quais considerou um tanto quanto minimalistas, extremamente simples, Bourdieu (2004) elaborou a noção de campo, um universo no qual

estão inseridos os agentes e as instituições que produzem, reproduzem ou difundem a ciência, com leis sociais mais ou menos específicas.

Uma das grandes questões que permeiam os campos, em especial, o campo científico, é o seu grau de autonomia. Os problemas conexos são os de conhecer a natureza das pressões externas, a forma sob a qual elas se exercem (créditos, ordens, instruções e contratos) e sob quais formas se manifestam as resistências que caracterizam a autonomia (BOURDIEU, 2004).

O campo científico é um mundo social, relativamente independente das pressões do mundo social que o envolve, e uma das manifestações mais visíveis de sua autonomia é sua capacidade de refratar, desviar, de uma forma específica, a direção, as pressões ou as demandas externas (BOURDIEU, 2004).

Por outro lado, um campo heteronômico, sem autonomia, se manifesta, essencialmente, pelo fato de problemas exteriores influenciarem diretamente sua direção e atuação. Isso reflete um grande problema enfrentado pelas ciências sociais na conquista da autonomia, a saber: “é o fato de que pessoas pouco competentes, do ponto de vista de normas específicas, possam sempre intervir em nome de princípios heterônimos sem serem imediatamente desqualificadas” (BOURDIEU, 2004).

Para uma reflexão prática, o que comanda os pontos de vista, o que comanda as intervenções científicas, os lugares de publicação, os temas escolhidos e os objetos de pesquisa é a estrutura das relações objetivas entre os diferentes agentes que são os princípios do campo, ou seja, ao se fazer referência a um agente engajado no campo, se faz referência à posição que ele ocupa (BOURDIEU, 2004).

Os pesquisadores ou as pesquisas dominantes definem o que é, num dado momento do tempo, o conjunto de objetos importantes, mas também o sentido do jogo, leis não escritas que são inscritas na realidade em estado de tendências, as leis que fazem que seja ou não importante escrever sobre tal tema e o que é mais compensador publicar nesta ou naquela revista (BOURDIEU, 2004).

A arte de antecipar as tendências está estreitamente relacionada a uma origem social e escolar elevada e é um dos fatores que determinam as diferenças sociais nas carreiras científicas (BOURDIEU, 2004).

A teoria científica se apresenta como um programa de percepção e de ação revelado no trabalho empírico em que se realiza (BOURDIEU, 1998).

Compreender trabalhos científicos que, diferentemente dos textos teóricos, exigem não a contemplação, mas a aplicação prática é fazer funcionar praticamente, a respeito



de um objeto diferente, o modo de pensamento que nele se exprime (BOURDIEU, 1998, p. 64).

Para Bourdieu (1998), só pode dirigir uma pesquisa aquele que tem a responsabilidade direta sobre ela, ou seja, que trabalha na preparação do questionário, na leitura dos quadros estatísticos ou na interpretação dos documentos e que, se surgirem hipóteses, assevera que não é possível conduzir um grande número de trabalhos concomitantes, pois, se assim o fosse, não faria verdadeiramente em sua maioria.

Compreender o modo de produção científico supõe um modo de percepção, um conjunto de princípios de visão e de divisão, e, para adquirir um *habitus* científico, é preciso vê-lo operar na prática, observar como reage diante de opções práticas, não só quanto aos esquemas transmitidos, mas também aos esquemas empregados na transmissão (BOURDIEU, 1998).

As capacidades científicas só crescem à medida que cresce o conhecimento do que mais recentemente foi adquirido em relação aos métodos, às técnicas e aos conceitos ou teorias (BOURDIEU, 1998). O *habitus* científico é uma regra, um *modus operandi* científico que funciona em estado prático segundo as normas da ciência; uma espécie de regra do jogo científico, regra que permite gerar a conduta adequada (BOURDIEU, 1998).

As compilações puramente teóricas alheias a toda aplicação são boas para o ensino; segundo Bourdieu (1998), para isso somente. É em função da construção do objeto que um método de amostragem, uma técnica de coleta ou de análise de dados, entre outras, se impõe; mais precisamente, é em função de um corpo de hipóteses derivado de um conjunto de pressuposições teóricas que um dado empírico pode funcionar como prova (BOURDIEU, 1998).

Segundo Bourdieu (1998), é possível combinar técnicas que, dada a definição do objeto, sejam pertinentes, tal como fez na pesquisa sobre “as diferentes empresas de produção de casas pré-fabricadas” na qual utilizou a análise das correspondências (permite estudar relações semelhantes) para fazer uma análise do discurso ou combinar a análise estatística com um conjunto de entrevistas em profundidade ou de observações etnográficas (*La Distinction*). O autor faz essas colocações para dizer que não se pode confundir “rigidez” – que é o contrário da inteligência e da invenção – com o “rigor” e se privar dos recursos oferecidos pelo conjunto das tradições intelectuais.

Nesse sentido, esclarece que a construção do objeto não é um plano que se desenha antecipadamente, como um engenheiro: “é um trabalho de grande fôlego, que se realiza pouco a pouco, por retoques sucessivos por toda uma série de correções, de emendas [...] por um

conjunto de princípios práticos” que orientam os procedimentos da pesquisa (BOURDIEU, 1998, p. 27).

Ao construir um objeto de pesquisa, rompendo-se com o senso comum, supõe-se uma postura ativa: abordar um caso empírico com a intenção de construir um modelo, que não tem a necessidade de se revestir de uma forma matemática para ser rigoroso – e sistemático – retirar do objeto as propriedades gerais ou invariantes que só se denunciam por meio de uma interrogação (BOURDIEU, 1998). “Uma prática científica que se esquece de se pôr a si mesma em causa não sabe, propriamente falando, o que faz” (BOURDIEU, 1998, p.35).

A noção de campo pode ser compreendida como um esquema que orienta e comanda o modo de construção do objeto e as opções práticas da pesquisa; o objeto não está isolado de um conjunto de relações em que se retira o essencial das suas propriedades (BOURDIEU, 1998).

Algumas questões não podem ser colocadas, pois permeiam as crenças fundamentais que estão na base da ciência e do funcionamento do campo científico (BOURDIEU, 2004). “A ciência social está sempre exposta a receber do mundo social que ela estuda os problemas que levanta a respeito dele: cada sociedade, em cada momento, elabora um corpo de problemas sociais” (BOURDIEU, 1998, p. 35).

O fato de uma metafísica contrapor uma construção científica parece um sinal evidente de fraqueza; para não cair em debates pré-universitários e seminários culturais, é preciso levar a discussão para o campo da ciência (BOURDIEU, 2004).

Ao fazer uma análise das estruturas mentais, é possível realizar uma das eternas ambições da filosofia, que é conhecer as estruturas cognitivas e, ao mesmo tempo, alguns dos limites mais bem escondidos do pensamento (BOURDIEU, 2004).

## 2.2 *STRICTO SENSU* NO BRASIL

A reforma da universidade brasileira, em 1968, visou, fundamentalmente, a modernização e expansão das universidades públicas e a indissociabilidade entre ensino e pesquisa. Criou condições para as instituições (federais e estaduais) articularem ensino e pesquisa. O novo sistema institucionalizou a carreira acadêmica para os docentes com uma política nacional de pós-graduação (MARTINS, 2009).

Nesse contexto, o campo científico da administração no Brasil, com a implantação da pós-graduação no país, além da formação de pesquisadores para o trabalho científico, tem

fortalecido o desenvolvimento das pesquisas científicas e tecnológicas legitimando a comunidade científica brasileira no processo de produção e divulgação do conhecimento.

Os cursos de pós-graduação em administração passaram a ser implantados no Brasil a partir de 1970, acompanhado da instituição da pós-graduação, a *priori* com programas de mestrado, sendo o doutorado ofertado apenas pela Universidade de São Paulo (USP) e Fundação Getúlio Vargas (FGV). As transformações no ensino superior, por meio da reforma universitária contribuíram para a expansão dos programas *stricto sensu* no Brasil e também foram importantes na formação do corpo docente e de pesquisadores para o sistema (BERTERO, 2006).

O modelo prussiano de universidade serviu para formatar a pós-graduação, em especial o *stricto sensu*. “Os cursos não devem se estruturar em função de áreas ou de disciplinas específicas, mas em torno de linhas de pesquisa”; pensava-se na formação dos futuros professores universitários e pesquisadores, qualificando-os na pesquisa (BERTERO, p. 83, 2006).

O mesmo autor complementa que, nessa perspectiva, a avaliação dos programas de pós-graduação, pela CAPES, é realizada com base na produção articulada com as linhas de pesquisa. Esse sistema de avaliação fortaleceu o direcionamento dos programas àqueles voltados à formação de professores e pesquisadores: o mestrado acadêmico e os programas de mestrado profissionais (BERTERO, 2006). O estabelecimento de metas e requisitos de qualidade pela CAPES também propiciou grandes avanços no campo da pesquisa científica e tecnológica no país (MACCARI et al. 2009).

O Plano Nacional de Pós-Graduação (PNPG), promovido pela Comissão de Aperfeiçoamento de Pessoal do Nível Superior (CAPES), traz em sua primeira edição, como um de seus objetivos, a formação de pesquisadores para o trabalho científico (BRASIL, 2015). As políticas e os planos estabelecidos nas edições subsequentes propiciaram legitimidade à comunidade científica brasileira, além de induzirem o redirecionamento do processo de produção e divulgação do conhecimento no país (HOSTINS, 2006).

As tendências e os desafios da pós-graduação brasileira, apresentados por Ikeda, Campomar e Veludo-de-Oliveira (2005), entre outros, além de formar pesquisadores, era também a formação de recursos humanos altamente qualificados para prover o país. Severino (2006) afirma que, no âmbito da pós-graduação, a postura e a prática sistematizada da investigação são imprescindíveis, pois é nesse ambiente que ocorre a produção de conhecimento.

A pesquisa em administração como geradora ou produtora do conhecimento pressupõe que o conhecimento acumulado na área resulta em publicações que contribuam para o avanço científico, para a aplicação em geração de tecnologias. Exerceu, nesse contexto, papel significativo a CAPES que, por meio dos seus processos de avaliação, influenciou as pesquisas. Também a Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Administração (ANPAD) teve seu papel consistente na promoção da pesquisa e na produção do conhecimento científico do campo da administração (BERTERO, 2006).

Outra questão que envolve a pesquisa científica são os financiamentos que dão aporte financeiro ao seu custeio. Isso chama a atenção das autoridades governamentais, que compreendem que as pesquisas geram conhecimento que, por sua vez, gera poder e controle (BERTERO, 2006). O modelo de fazer pesquisa, oriundo de um relacionamento entre a ciência e a sociedade, influenciado pelo mercado ainda indefinido, tem pressionado o pesquisador a se alinhar às demandas desse cenário altamente competitivo e, por vezes, hostil (GOLDANI, et al. 2010).

O Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), criado em 1951, com o objetivo de movimentar a pesquisa científica e tecnológica em todos os campos do conhecimento, figura também como órgão de fomento que financia projetos de pesquisas e fornece bolsas aos pesquisadores. Entre eles, se encontram: a Financiadora de Estudos e Projetos (FINEP), a Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP,) a Fundação Araucária e ainda as próprias Instituições de Ensino Superior que destinam recursos próprios e do custeio a fim de subsidiar as pesquisas, além de outras fontes nacionais, internacionais e privadas (BERTERO, 2006). Vale ressaltar que, para cada um dos órgãos citados, existem interesses que pautam as decisões pelas escolhas das pesquisas a serem aportadas.

Um estudo realizado por Bertero, Caldas e Wood Jr. (1999) apresentou preocupação com a qualidade da produção científica de docentes e discentes dos cursos de pós-graduação *stricto sensu*, que indicava uma predominância acadêmica em detrimento de sua aplicabilidade, fazendo com que a produção fosse gerada e consumida dentro da própria academia. Especulou-se ainda que essa produção não passava “de exercícios de autodesenvolvimento, sem valor relevante para a construção do conhecimento [...] de natureza prática ou teórica” (BERTERO; CALDAS; WOOD JR., 1999, p. 151).

Uma reflexão realizada por Andrade (2007) sobre a insustentável qualidade da produção científica em administração no Brasil alerta para duas questões-chave: em primeiro

lugar, a pertinência cultural em que se constata um mimetismo ao estrangeiro, limitando a expressividade da produção nacional, e, em segundo lugar, a inserção internacional da produção científica brasileira em administração, que como já exposto, faz parte das recomendações do sistema de avaliação dos programas *stricto sensu*, sendo considerados de excelência aqueles que apresentam grau de inserção internacional significativo. A mesma autora relaciona essas questões com a falta de originalidade e as deficiências epistemológicas e metodológicas das produções (ANDRADE, 2007).

Para Bertero et al. (2013b), essa realidade não se alterou. Apesar de apresentar um expressivo crescimento, as fragilidades teóricas e metodológicas ainda estão presentes nas produções e a inserção internacional vem dando seus primeiros passos. Os autores propõem três vetores nos quais o desenvolvimento de teorias devem se apoiar: (a) o uso de teorias desenvolvidas em outros países para explicar fenômenos locais – a utilização das teorias originadas fora do país, mas com aplicação consistente na realidade local; (b) o desenvolvimento de teorias locais, com base em conhecimento local, voltadas para explicar fenômenos específicos locais – gerar contribuição teórica no âmbito da comunidade científica internacional, além de contribuir para a compreensão da realidade local; e (c) a busca por rigor na pesquisa científica – competência de construção teórica e utilização de métodos de pesquisa (BERTERO et al. 2013b).

Esta subseção apresentou a relação do *stricto sensu* com o campo científico. A próxima subseção descreve a construção histórica do corpo de conhecimento das pesquisas em estratégia.

### 2.3 CONSTRUÇÃO HISTÓRICA E TEÓRICA DO CORPO DE CONHECIMENTO EM ESTRATÉGIA

Para compreender como o espaço histórico e teórico do corpo de conhecimento, mapeou-se a abordagem da estratégia e suas aspirações no campo da administração no Brasil e no mundo. É esse mapeamento que se apresenta nesta subseção.

No campo inicial da estratégia, entre os pesquisadores que investigaram o papel da gestão e as possibilidades de escolhas estratégicas, se destacam os trabalhos de Barnard (1939), Taylor (1947), Simon (1947) e Selznick (1957), que deram importante contribuição ligando o estudo das organizações às ideias econômicas (FURRER; THOMAS;

GOUSSEVSKAIA, 2008). De acordo com Hoskisson et al. (1999), o modelo econômico da organização industrial pode ter sido uma das contribuições mais significativas para o desenvolvimento da gestão estratégica.

Corroborando esse resgate histórico do corpo de conhecimento em estratégia, Hoskisson et al. (1999) destaca que contribuições significativas para o campo da gestão estratégica foram feitas por pesquisadores, à época, tratada como política de negócios. Entre as obras mais importantes, estão *Estratégia e Estrutura*, de Chandler (1962); *Estratégia Corporativa*, de Ansoff (1965); e *Políticas de Negócios: textos e casos*, de Learned et al. (1965-1969). As três obras seminais fornecem a base para o campo da gestão estratégica (HOSKISSON, et al. 1999). Com esses autores, as pesquisas partem de uma abordagem determinística para uma perspectiva mais contingente segundo a qual as organizações precisam se adaptar ao ambiente externo. Tais estudos, por darem ênfase à prescrição normativa, não serem analíticos e, em sua grande maioria, estarem baseados em estudos de caso em profundidade de empresas individuais, não podiam ser generalizáveis (FURRER; THOMAS; GOUSSEVSKAIA, 2008).

Durante a década de 1970, inicia-se uma transição nas escolhas de pesquisa, havendo uma dicotomia entre dois conjuntos: abordagem de processos, que consistia em estudos de caso basicamente descritivos; e abordagem estrutural, em que o uso de estatísticas dedutivas também era testado.

Posteriormente, na década de 1980, mais uma vez muda a direção, passando o foco para a estrutura interna, para os recursos da empresa e sua capacidade. Com essa mudança, duas correntes de pesquisa em economia atraem a atenção de pesquisadores em gestão estratégica: economia dos custos de transação e teoria da agência (FURRER; THOMAS; GOUSSEVSKAIA, 2008).

Já década de 1990, com a visão baseada em recursos, abordagens mais qualitativas passam a ser utilizadas (HOSKISSON et al. 1999). É possível observar que as perspectivas teóricas foram mudando de teorias econômicas para abordagens multidisciplinares (LU, 2003).

Prahalad e Hamel (1994), referindo-se às transições no campo de estudo em estratégia, destacam que, em meio a um ambiente turbulento, gestores e acadêmicos se colocam em busca de novos campos de estudo na área de estratégia. Ainda na década de 1990, membros da comunidade acadêmica reconheciam que os conceitos e ferramentas que fundamentavam a literatura de estratégia precisavam de uma reavaliação, a fim de propiciar um caminho para

novas ideias. Com esse intuito os autores assumem a tarefa da edição de um número especial do *Strategic Management Journal*, que tinha como tema “Estratégia: busca por novos paradigmas”, sendo que, dos estudos apresentados, emergiram oportunidades para pesquisas inovadoras e uma revisão dos principais pressupostos sobre análise da estratégia que foram construídos durante o período de 1965 e 1985 (PRAHALAD; HAMEL, 1994).

Alguns dos pressupostos, segundo Prahalad e Hamel (1994), se resumem da seguinte forma:

1. Estratégia sobre o posicionamento de um negócio em uma dada estrutura da indústria – Porter, 1980-1985. Esse ponto de vista se baseia nas estruturas estáveis; entretanto, a realidade dos negócios, durante a década de 1990, remete às estruturas que passam por grandes transições;
2. Foco nas ferramentas de estratégia e análise das indústrias existentes em detrimento de uma atenção acadêmica nas indústrias em transição;
3. O foco principal da análise estratégica é a unidade de negócio – a centralização em empresas individuais, enquanto que o foco deveria estar nas corporações, coalizões ou *cluster* de empresas;
4. Resultados estratégicos podem ser explicados com base em uma análise econômica, desconsiderando a complexa interação de políticas públicas e privadas como determinantes dos resultados estratégicos;
5. Estratégia como resultado de um processo analítico, execução da estratégia como um processo organizacional, subestimando as questões de processo e pessoas na busca por compreensão econômica da estratégia.

A ideia da edição especial do *Strategic Management Journal* era identificar alguns exemplos dos pressupostos implícitos na literatura de estratégia e com isso refletir sobre a necessidade de reavaliar conceitos e ferramentas, tensionando a exploração de novos territórios na área (PRAHALAD; HAMEL, 1994).

Outra análise sobre as várias perspectivas da estratégia é posta por Whittington (2002), que apresenta, em seu livro, quatro perspectivas sobre estratégia. São elas: (a) abordagem clássica (1960) – que tem como principais autores Chandler, Andrews, Ansoff e Porter, com foco na maximização do lucro, na visão prescritiva e no planejamento racional da estratégia e cujo nível de análise concentrava-se na organização e em seu ambiente; (b) abordagem evolucionária (1970) – teorizada por Hannan, Freeman, Williamson e Aldrich, com vistas à sobrevivência da organização; o planejamento das estratégias são emergentes, de maneira

fatalista, e faz uma analogia à lei da selva: vence quem melhor se adaptar ao ambiente; (c) abordagem processualista 1960-1970) – com Mintzberg, Quinn, Pettigrew, Cyert e March; refuta o planejamento a longo prazo, considerando que os processos organizacionais e dos mercados não ocorrem de maneira sistemática a fim de prever o futuro; (d) abordagem sistêmica (1980-1990) – preconizada por Whitley e Granovetter, influenciada pela sociologia econômica, considera que os fatores culturais, sociais e políticos devem ser considerados na composição das estratégias de uma organização (WHITTINGTON, 2002).

A abordagem preconizada por Whittington (1996) para a estratégia, que se baseia em perspectivas alternativas, é a estratégia como prática (SAP). Considerada por alguns pesquisadores como uma ruptura paradigmática nos estudos em estratégia (CANHADA; RESE, 2009), ganha espaço nos estudos organizacionais (WALTER; AUGUSTO, 2011). A noção de estratégia como prática se assemelha à noção de estratégia tratada por Bourdieu (2004) como produto do senso prático, o sentido do jogo, adquirido desde a infância nas relações sociais e que se torna invenção indispensável para se adaptar às diversas situações de um determinado campo.

Nessa perspectiva, a estratégia como prática foca como a estratégia acontece de fato nas organizações, ou seja, como sendo algo que as pessoas fazem no seu dia a dia, que envolve seus colegas e faz parte de seu trabalho. Para isso, Whittington (2006) enfatiza que é preciso analisar criticamente o tipo de trabalho que as pessoas estão fazendo, o que é estratégia e como as pessoas fazem estratégia.

A estratégia como prática pode ser vista como parte de uma preocupação mais ampla em humanizar a gestão e os pesquisadores. Sob esse ponto de vista, a estratégia não é algo que uma organização tem, mas algo que seus membros fazem (JARZABKOWSKI; BALOGUN; SEIDL, 2007), sendo importante definir a atuação dos estrategistas na formação da estratégia (WALTER; AUGUSTO, 2012). A força da abordagem prática é tratar com seriedade o trabalho e falar dos próprios praticantes (BOURDIEU, 1990).

Por meio do exposto, é possível observar que as pesquisas na área de estratégia mudaram nas últimas décadas (HOSKISSON, et al. 1999; KETCHEN JR; BOYD; BERGH, 2008; UYGUN; ALTIN, 2011). Contudo, pesquisas com o objetivo de mapear essa evolução continuam a ser desenvolvidas, o que possibilita tensionar as pesquisas para cobrir as lacunas teóricas. Nesse sentido, em um estudo sobre a evolução e as lacunas existentes na literatura de gestão estratégica internacional no período de 1991 a 2000, Lu (2003) apresenta como um de



seus resultados a estratégia corporativa como uma das áreas mais pesquisadas na década de 1990.

As investigações concentravam-se na formulação e implementação da estratégia corporativa, na diversificação internacional e nas alianças estratégicas. O estudo identificou também tópicos pouco explorados, tais como: estratégias empresariais e de negócio, ética empresarial, interesse dos *stakeholders*, configurações da estratégia em nível de negócios no mercado interno e medidas de desempenho utilizadas na investigação de gestão estratégica (LU, 2003).

É possível notar que a expansão da área de estratégia tem ocorrido com caráter específico: com pontos fortes, o que demonstra uma relação aberta e recíproca com as ciências sociais e humanas; e pontos fracos que podem ser percebidos na falta de reflexão crítica e na estreiteza epistemológica de base teórica e metodológica (PETTIGREW; THOMAS; WHITTINGTON, 2002). Para os mesmos autores, além da gestão estratégica, outros estudiosos também têm se envolvido com questões relacionadas à direção, organização e desempenho das organizações, em especial das áreas de história, filosofia, ciência política, sociologia, psicologia e economia. Essa relação contribui para o desenvolvimento da gestão e é recomendado que haja essa relação aberta e recíproca entre as diversas áreas do conhecimento a fim de aprender mais sobre gestão e estratégia.

Por outro lado, percebe-se, nas pesquisas em estratégia, uma tradição de investigação que é importada dos Estados Unidos. No entanto, um contexto mundial e dinâmico, em que se pesem as diversidades institucionais e culturais nas diferentes sociedades, exige uma maior sensibilidade nas referências da literatura, a fim de não torná-la teórica e empiricamente restritiva (PETTIGREW; THOMAS; WHITTINGTON, 2002).

No Brasil, há uma tendência de se utilizar modelos e teorias estrangeiras sem se preocupar com o contexto social, histórico e econômico do país (PEGINO, 2005). Os teóricos utilizados nos estudos são predominantemente estrangeiros (BIGNETTI; PAIVA, 2002), o que pode ser entendido como reflexo da pouca produção teórica brasileira na área (PEGINO, 2005).

Um conjunto de disposições influenciam o pensamento e a ação dos agentes no fazer estratégia nas organizações, e essas práticas refletem uma delimitação entre as tradições de pesquisa, provocando uma fragmentação na área.

As perspectivas históricas e contextos que envolvem a prática da pesquisa em estratégia; como ocorrem as mudanças estratégicas no campo das pesquisas em estratégia, na

qual seja contemplada a evolução da estrutura de dominação, a posição dos agentes específicos e a mudança em seu *habitus*, contribuem para a compreensão das lutas que caracterizam a estratégia e o papel dos agentes no campo científico (GOMEZ, 2010).

Na perspectiva da epistemologia construtivista, a pesquisa em estratégia se concentra na criação, construção, transformação e tradução de conceitos de estratégia e práticas de estratégias (GRAND; RÜEGG-STÜRM; ARX, 2010). Essa prática remete às análises de Bourdieu (1983) sobre os três elementos que guiaram suas pesquisas: (a) o campo – “campos de forças e campo de lutas que visam transformar esse campo de forças”; (b) o *habitus* – “sinal incorporado de uma trajetória social, capaz de opor uma inércia maior ou menor às forças sociais e de um campo social funcionando”; e (c) o capital – “diferentes formas de energia social que é produzida e reproduzida dentro e pelas tensões e as lutas constitutivas de cada um desses espaços” (BOURDIEU, 1983, p. 45).

### 2.3.1 Posicionamento dos Agentes nas Escolhas Metodológicas das Pesquisas em Estratégia

Um rico conjunto de teorias e estruturas vem sendo empregado nas pesquisas na área de estratégia que, em grande parte, é retirado de outras disciplinas, a economia, a sociologia, a ciência política, a análise organizacional, finanças e marketing (BERTERO; VASCONCELOS; BINDER, 2003; BRUTON; LOHRKE; LU, 2004).

As pesquisas em estratégia se desenvolvem em torno da oposição entre níveis micro e macro, em que micro se refere ao aspecto individual ou intraorganizacional e macro, ao ambiente externo. Nesse viés, pesquisadores adotam como objeto de investigação uma microperspectiva, como dominada, ou macroperspectiva, dominante, sobre a estratégia (GOMEZ, 2010).

Essa dialética entre os agentes e o campo abre perspectivas e desafia uma das principais dicotomias das ciências sociais e que também se apresentam como relevantes nos estudos de estratégia (GOMEZ, 2010).

As escolhas metodológicas na pesquisa em estratégia têm se desenvolvido e se tornado cada vez mais sofisticadas, combinando métodos de obtenção de dados qualitativos e quantitativos. A variedade de temas e métodos tem tornado a pesquisa em estratégia um campo proeminente para estudos acadêmicos. A diversidade nas abordagens metodológicas, desafiadas por novas questões de investigação, contribui para a utilização de diferentes

métodos, enriquecendo a compreensão dos problemas e gerando novos campos de conhecimento (HOSKISSON et al. 1999).

As abordagens teóricas RBV e suas correlatas, Teorias dos Custos de Transação, Teoria da Agência e Teoria Institucional foram identificadas como predominantes no estudo de Pinto et al. (2014) em cinco importantes periódicos internacionais de estratégia no período de 2008 a 2012.

Na análise da produção acadêmica sobre o tema estratégia em periódicos internacionais, no período de 2001 a 2010, Padilha e Zanquetto Filho (2011) concluíram que o tipo *survey* foi o mais comum entre os métodos utilizados e que a vertente teórica sobre estratégia mais abordada nas publicações atuais ainda é a processual.

Por outro lado, um estudo bibliométrico, que também tinha por objetivo identificar o estado da arte em estratégia nas publicações da Revista de Administração Contemporânea no período de 2005 e 2007, apontou que 56% dos trabalhos tiveram abordagem qualitativa, predominando a pesquisa documental como fonte de coleta de dados, sendo a abordagem clássica a mais utilizada (ROCZANSKI, 2010). O predomínio da abordagem clássica nas pesquisas de estratégia em periódicos brasileiros também se confirmou na pesquisa de Bertero, Vasconcelos e Binder (2003).

As pesquisas denominadas empíricas e positivistas ocupam boa parte das publicações em eventos como o ENANPAD (PEGINO, 2005), com o predomínio de uma visão funcionalista como forma de conceber a estratégia organizacional (MACEDO; BOAVA; ANTONIALLI, 2012; SCHNEIDER, 2013). Nesse sentido, esperando contribuir com novos modelos de pesquisa, Macedo, Boava e Antonialli (2012) apresentam uma proposta de acesso ao fenômeno estratégico a partir da fenomenologia social com vistas à orientação interpretativa em que o sujeito e suas escolhas figuram como objeto de pesquisa.

O estudo aponta uma estratégia de pesquisa que pode contribuir para a compreensão do estrategista, do ambiente organizacional, do significado da estratégia, do processo de formulação e decisão estratégica, das relações sociais que permeiam a estratégia, da estratégia como escolha, do projeto e pensamento estratégico, das motivações da ação estratégica e da metodologia de pesquisa subjetivo-objetiva acerca do fenômeno estratégico, sendo todos esses subsidiados pela fenomenologia social (MACEDO; BOAVA; ANTONIALLI, 2012).

O estudo de Guedes; Walter e Lopes (2014) revela que, nos estudos qualitativos, os procedimentos de pesquisa que mais se destacaram foram a entrevista em profundidade e a análise de conteúdo e, nas quantitativas, a utilização de grandes bancos de dados secundários,

de métodos estatísticos diversificados e de softwares para a análise de dados. Ainda para os mesmos autores, destacou-se a necessidade de desenvolver estudos mistos, qualitativo/quantitativo, para o aprofundamento das pesquisas.

A análise qualitativa e de caráter empírico predominou nos estudos de estratégia sob a perspectiva da Teoria de Custos e Transações entre 2001 e 2010, concentrada nas seguintes escolas: USP, UFLA, UFMG e UNISUL (MARANHO; ABIB; FONSECA, 2013).

No estudo bibliométrico em artigos teórico-empírico do Brasil e do exterior, sob a perspectiva de estratégia como prática, predominaram os estudos de caso, a perspectiva temporal longitudinal, a entrevista como instrumento de coleta de dados, a *grounded theory* como técnica, o uso do software Atlas ti, o nível de topo como unidade de análise e o ensino superior como objeto de análise (WALTER; AUGUSTO, 2009).

Furrer, Thomas e Goussevskaia (2008) asseveram que questões futuras de investigação estão relacionadas com a integração de estratégias corporativas e competitivas e com sua implicação para o desempenho das empresas. As contribuições para a literatura nas pesquisas devem fechar lacunas entre teoria e prática (UYGUN; ALTIN, 2011).

Para compreender o que envolve a estratégia orientada para a ação, é preciso desenvolver certa sensibilidade na pesquisa para o não dito, o inarticulado e até mesmo os aspectos muitas vezes inconscientes da tomada de estratégia. Essa sensibilidade, necessária nos estudos antropológicos, expõe uma variedade de situações que torna o pesquisador de estratégia mais sintonizado com a variedade de métodos que supera o processo de investigação tradicional nas pesquisas em estratégia (CHIA; MACKAY, 2007).

A prática social emergiu como conceito-chave para a compreensão de questões centrais da ação individual e das instituições ligadas a um sistema social e cultural. As pesquisas sob a perspectiva prática são visíveis em muitas áreas das ciências sociais, incluindo a investigação organizacional (GOLSORKHI et al. 2010).

No entanto, em um mundo cada vez mais interdependente e multicultural, é fundamental reconhecer tanto as diferenças de contexto e a diversidade institucional e cultural em tradições intelectuais em diferentes sociedades quanto a diversidade intelectual disponível dos pesquisadores da área de estratégia (PETTIGREW; THOMAS; WHITTINGTON, 2002).

## 2.4 PESQUISAS SIMILARES NO MUNDO E NO BRASIL

Para compreensão da constituição do ensino e da pesquisa em estratégia nos programas de pós-graduação *stricto sensu* em administração no Brasil, Villar (2014) realizou, por meio de uma pesquisa explicativa e qualitativa, um estudo de caso coletivo de 27 programas brasileiros de pós-graduação *stricto sensu*. Na análise do corpo de conhecimento em estratégia, identificou que as disciplinas de estratégia, dominadas pelo método de ensino teórico, são caracterizadas pela variedade de livros e artigos empregados e uso preferencial de material bibliográfico em língua inglesa. Na constituição dos aspectos metodológicos da pesquisa em estratégia, revelou um alinhamento entre os professores quanto à abordagem do problema, ou seja, ou realizam pesquisas qualitativas ou preponderantemente quantitativas. Segundo o autor, embora o estudo tenha revelado um avanço no conhecimento na área de estratégia, a falta de unidade entre os pesquisadores e de alinhamento entre suas pesquisas dificulta tanto a estruturação de um campo científico maduro quanto a geração de conhecimentos inovadores e de relevância internacional.

Num trabalho, utilizando como suporte a literatura de Bourdieu e com o objetivo de apresentar uma discussão teórica sobre o funcionamento do campo científico de administração e a influência do contexto sobre seus pesquisadores, Schlickmann et al. (2012) destacaram que a atuação dos pesquisadores no campo administrativo brasileiro tem se submetido às práticas do chamado *mainstream*, de tendência anglo-saxão (composto por países como Grã-Bretanha, Austrália, Nova Zelândia, Estados Unidos da América, Canadá, Malásia, Índia, África do Sul e Singapura), as quais são tomadas como modelos. Com isso, alertou que o campo científico de administração no Brasil precisa avançar rumo à consolidação de um paradigma crítico, ainda que este pareça estar mais vultoso nos últimos anos.

A pesquisa de Gomez (2010) sob a perspectiva de Bourdieu revelou a importância de conhecer as transformações nas escolhas epistemológicas, teóricas e metodológicas que afetam o campo científico da administração, inclusive no foco da definição das pesquisas em estratégias. Destacou que autores se baseiam principalmente nas características práticas e na relação entre a prática e o *habitus* para entenderem como os indivíduos desenvolvem sua capacidade de fazer estratégia. Entretanto, não levam em conta o conceito de campo, que é essencial para compreender a relação entre os indivíduos e a ação, a luta pelo poder entre os agentes nesse campo específico.

Apesar de se ter encontrado pesquisas similares no Brasil e no mundo que procuram compreender o campo científico da administração com foco nas pesquisas em estratégia numa abordagem social, como a realizada por Villar (2014), por Gomez (2010), na França, e a de Schlickmann et al. (2012), é possível perceber, pelos resultados das pesquisas, que é preciso uma atividade racional de quebra de doutrinas dentro da própria academia, do conhecimento popular e erudito, para não enviesar a pesquisa científica por um único caminho e por possibilidades teóricas e metodológicas restritas e predeterminadas.

### 3 DELINEAMENTO DA PESQUISA

Nesta seção, abordam-se as razões da escolha da perspectiva de Bourdieu, o delineamento metodológico adotado na pesquisa, a classificação da pesquisa, os procedimentos de coleta e análise de dados, as categorias de análise e as definições constitutiva e operacional.

#### 3.1 ESCOLHA DA PERSPECTIVA DE BOURDIEU

A escolha da perspectiva teórica e metodológica de Bourdieu decorreu do fato de que o autor trata, em seus estudos, do campo científico como um espaço social e das relações entre os agentes que agem e lutam dentro do campo de interesse, cuja compreensão pode contribuir para a elucidação das questões que direcionam este estudo sobre a prática científica dos agentes nas pesquisas em estratégia nos programas *stricto sensu* em administração no Brasil.

O conhecimento praxiológico de Bourdieu tem por objeto, além do modo de conhecimento objetivista que considera os sistemas de representações somente como estrutura estruturada, “as relações dialéticas entre as estruturas objetivas e as disposições estruturadas nas quais elas se atualizam e que tendem a reproduzi-lás”, o que permite conhecer a ação do agente como núcleo de significação das transformações do campo científico (ORTIZ, 1983, p. 8). Para o autor, o trabalho científico é mais constitutivo do que descritivo ou comprovativo e deve reunir teoria e metodologia, facilitando a compreensão das condições sociais e das posições ocupadas pelos agentes da pesquisa.

Bourdieu (2007) rompeu com o monoteísmo metodológico e combinou a clássica análise estatística com um conjunto de entrevistas em profundidade, em sua obra *La Distinction*, procedimento que se adotou neste estudo. O autor faz um alerta para que o pesquisador não confunda a rigidez, que é o contrário da inteligência e da invenção, com o rigor metodológico e não se prive desse ou daquele recurso entre os vários que podem ser oferecidos pelo conjunto das tradições intelectuais da disciplina. O bom senso tem como contrapartida uma extrema vigilância das condições de utilização das técnicas e da sua adequação ao problema posto e às condições de seu emprego na pesquisa.

### 3.2 DELINEAMENTO METODOLÓGICO

No intuito de desvelar a prática científica inscrita nos corpos dos agentes e na estrutura de suas relações, Bourdieu (1996) apresenta um modelo de análise que funciona como uma arquitetura imanente do mundo social que entende as práticas humanas como sustentadas por sistemas de elementos universais, em que, para o autor, a análise das estruturas é feita a partir da prática (THIRY-CHERQUES, 2006). Bourdieu (1996) busca entender o objeto como um todo e a ele integrar a reflexão sobre a atitude dos agentes e dos pesquisadores.

Outro fator que levou à escolha do autor para subsidiar a pesquisa foi que Bourdieu (2000), ao utilizar, em suas pesquisas, as técnicas estatísticas de construção e de análise, observou que é preciso ir do *opus operatum* (estruturas estruturadas) ao *modus operandi* (estruturas estruturantes), da regularidade estatística ou estrutura algébrica ao princípio de produção dessa ordem observada e construir a teoria da prática. Nesse sentido, o autor defende que as práticas dos agentes são resultado do processo de formação recíproca entre a objetividade e a subjetividade.

Um grande desafio se coloca ao pesquisador que se inspira no empreendimento científico da perspectiva de Bourdieu para compreender a dinâmica dos espaços sociais, pois o autor tem como premissa que só é possível capturar a lógica mais profunda do mundo social submergindo na particularidade da realidade empírica, historicamente situada e datada para construí-la (BOURDIEU, 1996).

Neste sentido, utilizar as bases teóricas e metodológicas de Bourdieu como guia na construção do objeto de pesquisa foi bastante desafiador, pois não existe uma fórmula de seu método, apenas recomendações. Para Bourdieu, não existe um método, uma filosofia pura do conceito, um trabalho científico descarnado; tudo isso não passa de uma ilusão escolástica (THIRY-CHERQUES, 2006).

A escolha da pós-graduação *stricto sensu* em administração como foco da pesquisa se deu, pois, segundo Ikeda, Campomar e Veludo-de-Oliveira, (2005), é no âmbito da pós-graduação que a postura e a prática sistematizada da investigação são imprescindíveis, pois é nesse ambiente que ocorre a produção de conhecimento. Optou-se, portanto, pelos cursos de mestrado e doutorado acadêmico, não sendo considerados os mestrados profissionais por terem um foco na orientação profissional. O critério de seleção dos programas foi que ofertassem a disciplina de estratégia em sua grade.



Para que o leitor possa se situar no cenário dos programas acadêmicos de pós-graduação *stricto sensu* em administração no Brasil, apresentam-se, no Quadro 1, os programas que ofertam a disciplina de estratégia, agrupados por região, estado e universidade.

**Quadro 1:** Programas acadêmicos de pós-graduação *stricto sensu* em administração que ofertem a disciplina de estratégia por região, estado e universidade

| Região                      | Estado   | Universidade  | Mestrado | Doutorado |
|-----------------------------|--|---|----------|-----------|
| Sul                         | Paraná   | Universidade Federal do Paraná – UFPR                         | X        | X         |
|                             |  | Universidade Estadual de Maringá – UEM                        | X        | -         |
|                             |  | Pontifícia Universidade Católica do Paraná – PUCPR            | X        | X         |
|                             |  | Universidade Positivo – UP                                    | X        | X         |
|                             | Santa Catarina                                     | Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC                 | X        | X         |
|                             |  | Universidade do Estado de Santa Catarina – UDESC              | X        | X         |
|                             |  | Universidade do Vale do Itajaí – UNIVALI                      | X        | X         |
|                             |  | Universidade Regional de Blumenau – FURB                      | X        | X         |
|                             |  | Universidade do Sul de Santa Catarina – UNISUL                | X        | -         |
|                             | Rio Grande do Sul                                  | Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS             | X        | X         |
|                             |  | Universidade Federal de Santa Maria – UFSM                    | X        | X         |
|                             |  | Universidade do Vale do Rio do Sinos – UNISINOS               | X        | X         |
|                             |  | Universidade de Caxias do Sul – UCS                           | X        | -         |
|                             |  | Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande Do Sul - PUCRS | X        | X         |
| Faculdade Meridional - IMED |  | X   | -        |           |
| Norte                       | Pará   | Universidade da Amazônia – UNAMA                              | X        | -         |
|                             | Rondônia   | Universidade Federal de Rondônia – UNIR                       | X        | -         |
| Nordeste                    | Bahia  | Universidade Federal da Bahia - UFBA                          | X        | X         |
|                             |  | Universidade de Salvador – UNIFACS                            | X        | X         |
|                             | Ceará  | Universidade Estadual do Ceará – UECE                         | X        | -         |
|                             |  | Universidade de Fortaleza – UNIFOR                            | X        | X         |
|                             |  | Universidade Federal do Ceará - UFCE                          | X        | -         |
|                             | Paraíba  | Universidade Federal da Paraíba - UFPB                        | X        | X         |
|                             | Pernambuco   | Universidade Federal de Pernambuco - UFPE                     | X        | X         |
|                             |  | Universidade Federal Rural de Pernambuco - UFRPE              | X        | -         |
| Rio Grande do Norte         | Universidade Federal do Rio Grande do Norte - UFRN | X   | X        |           |
| Sergipe                     | Fundação Universidade Federal de Sergipe - FUFSE   | X   | -        |           |
| Centro-Oeste                | Goiás  | Universidade Federal de Goiás – UFG                           | X        | -         |
|                             | Mato Grosso do Sul                                 | Fundação Universidade Federal de Mato Grosso do Sul - UFMS    | X        | -         |

continua...

...continuação.

|   |                |   |   |   |
|---|----------------|---|---|---|
| Sudeste   | Espírito Santo | Universidade Federal Do Espírito Santo - UFES   | X | X |
|   |                | Fundação Instituto Capixaba De Pesquisa em Contabilidade Economia e Finanças - FUCAPE | X | X |
|   | Minas Gerais   | Universidade Federal de Minas Gerais - UFMG   | X | X |
|   |                | Universidade Federal de Viçosa - UFV  | X |   |
|   |                | Universidade Federal de Lavras - UFLA   | X | X |
|   |                | Universidade Federal de Uberlândia - UFU  | X | - |
|   |                | Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais - PUCMG                              | X | X |
|   |                | Universidade Fumec - FUMEC  | X | X |
|   |                | Faculdade Novos Horizontes (FNH)  | X |   |
|   | Rio de Janeiro | Universidade Federal do Rio De Janeiro - UFRJ   | X | X |
|   |                | Universidade Federal Fluminense - UFF   | X | - |
|   |                | Fundação Getúlio Vargas - FGV RJ  | X | X |
|   |                | Universidade Do Grande Rio - UNIGRANRIO   | X | X |
|   |                | Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro – PUCRJ                            | X | X |
|   | São Paulo      | Universidade de São Paulo – USP   | X | X |
|   |                | Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – PUCSP                                 | X | X |
|   |                | Universidade Metodista de São Paulo - UMESP   | X | - |
|   |                | Centro Universitário da Faculdade de Engenharia Industrial – FEI                      | X | X |
|   |                | Universidade Paulista - UNIP  | X | - |
|   |                | Universidade Nove de Julho - UNINOVE  | X | X |
| Universidade Municipal de São Caetano Do Sul - USCS |                | X   | X |   |
| Fundação Getúlio Vargas - FGVSP                     |                | X   | X |   |
| Universidade Presbiteriana Mackenzie – UPM          | X              | X   |   |   |

Fonte: Capes, 2015.

Conforme o exposto no Quadro 1, dos 52 programas que ofertam a disciplina de estratégia, 15 estão localizados na região Sul, 2 na região Norte, 10 na região Nordeste, 2 na Centro-Oeste e 23 na região Sudeste.

A Figura 3 expõe a síntese do processo de construção do estudo, do contexto da problemática às categorias analíticas.

**Figura 3:** Síntese da pesquisa



**Fonte:** Elaborada pela autora.

### 3.3 CLASSIFICAÇÃO DA PESQUISA

Para compreender a prática científica dos agentes nas pesquisas em estratégia nos programas acadêmicos *stricto sensu* em administração no Brasil, a estratégia adotada nesta pesquisa combinou a praxiologia proposta por Bourdieu e a técnica de estudo de caso coletivo, para uma análise em profundidade (STAKE, 1995).

Para Bourdieu, teoria, método e técnica são inseparáveis no processo de pesquisa, de modo que a abordagem sobre a produção da ciência como um campo de práticas científicas está incorporada na atenção ao estudo de caso, que permite a descrição e compreensão do espaço social investigado. Além disso, permite evidenciar as condições sociais, históricas e econômicas desse espaço social, identificando as lutas e disputas de poder entre os agentes a partir das transformações em suas linhas de atuação (produção científica) (STAKE, 1995; THIRY-CHERQUES, 2006).

Assim, para atingir o objetivo geral da pesquisa, buscou-se compreender o contexto do campo científico da estratégia; investigar as características incorporadas pelos agentes que visam orientar a prática das pesquisas em estratégia (*habitus*); evidenciar as posições dos agentes nos espaços acadêmicos (capital científico); interpretar a estrutura de dominação nas pesquisas em estratégia (categorias temáticas, abordagens epistemológica e metodológica predominante nas pesquisas); e identificar as características sistêmicas do campo das pesquisas em estratégia (natureza das pressões; mecanismos de refração; forças; lutas; tendências no processo de construção do conhecimento).

Sem a pretensão de cristalizar o objeto de investigação num sistema classificatório, esta pesquisa manteve um permanente controle operacional das atividades de coleta de dados com a dupla função de limitar o campo de investigação e de possibilitar compreender seu funcionamento.

Nesse sentido, ao estudar o campo das pesquisas em estratégia tendo como base os conceitos de campo, *habitus* e capital preconizados por Bourdieu, foi possível desvelar a prática científica do campo científico das pesquisas em estratégia e conhecer as relações que explicam a lógica interna desse campo.

A unidade de observação da pesquisa foram os docentes da disciplina de estratégia dos mestrados e doutorados acadêmicos em administração no Brasil recomendados pela CAPES e que já tivessem formado a primeira turma.

### 3.4 CATEGORIAS DE ANÁLISE E SUAS DEFINIÇÕES CONSTITUTIVAS E OPERACIONAIS

Esta subseção apresenta a definição constitutiva (DC) e a definição operacional (DO) das categorias de análise da pesquisa.

#### **a) Categoria de análise: contextualização do campo científico da estratégia**

DC: O contexto da pesquisa científica pode ser considerado como campo científico, um espaço social formado por relações de força entre agentes que acumulam capital científico (autoridade científica), capacidade técnica e poder social, de falar e de agir legitimamente, mediados por “regras do jogo”, *habitus*, que são constituídas pelos grupos – de um lado, os dominantes, que estabelecem as estratégias de conservação, e, de outro, os dominados, que desenvolvem estratégias de subversão e sucessão (BOURDIEU, 1983).

DO: Contextualização do campo científico da estratégia, destacando as instituições científicas que o caracterizam e como essas exercem influência em suas estruturas.

#### **b) Categoria de análise: características incorporadas pelos agentes que visam orientar a prática das pesquisas em estratégia (*habitus*)**

DC: As posições e as tomadas de posição de um agente não são determinações mecânicas nem determinísticas, mas ocorrem em função de sua percepção e de apreciação, inscritas em seu *habitus* e também relacionadas aos seus interesses associados a sua posição no jogo (BOURDIEU, 1998).

DO: Investigação das características incorporadas pelos agentes que visam orientar a prática das pesquisas em estratégia (a prática como resultado de um *habitus*, linha de atuação, conduta do agente – *habitus*).

#### **c) Categoria de análise: posição dos agentes nos espaços acadêmicos (capital científico)**

DC: O funcionamento do campo científico produz e supõe uma forma específica de interesses, contaminado pelo conhecimento da posição ocupada nas hierarquias instituídas daquele campo, em que os agentes são caracterizados pelo volume de seu capital científico que depende do peso de todos os outros agentes (BOURDIEU, 2004). As duas espécies de capital científico identificadas por Bourdieu (2004, p. 36-37) são: a) capital científico puro, que não tem outro objetivo senão a própria ciência, que é indiferente às imposições do

mercado, ao reconhecimento oficial e ao sucesso e que se adquire, em especial, pelas contribuições reconhecidas do progresso da ciência, das invenções ou das descobertas (as publicações nos órgãos mais seletivos e mais prestigiosos, portanto, aptos a conferir prestígios); b) o capital científico institucionalizado, um capital de poder sobre o mundo científico, que pode ser acumulado por vias que não são puramente científicas, ou seja, por meio de estratégias políticas (específicas) e que é o princípio burocrático de poderes temporais sobre o campo científico – participação em comissões, bancas (de teses e de concursos), colóquios, cerimônias e reuniões. Esses poderes temporais são, sobretudo, nacionais, ou seja, ligados às instituições nacionais, principalmente as que regem a reprodução do corpo dos cientistas.

DO: Identificação das posições dos agentes nos espaços acadêmicos. Para operacionalização dessa categoria de análise, foi necessária uma composição em consideração às duas espécies de capital científico: puro e institucionalizado. Nesse sentido, as duas dimensões contemplaram para o capital científico puro 5 indicadores: Titulação, Produção Científica, Índice H, Bolsista de Produtividade em Pesquisa do CNPq e Prêmios Recebidos da Área; e para capital institucionalizado: Cargos Ocupados e Membro de Corpo Editorial. Uma vez que esses indicadores não são mencionados nas pesquisas de Bourdieu, para viabilizar a determinação do volume de capital científico puro e institucionalizado dos agentes, foi necessário encontrar indicadores que pudessem legitimar aquilo que os agentes consideraram como relevante a ponto de conferir prestígio ou poder aos seus pares e a eles próprios. Portanto, se consideraram os indicadores utilizados para análise dos currículos *lattes* dos candidatos que concorrem a uma vaga na carreira docente da Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE). A escolha se deu pelo fato de a autora desta pesquisa fazer parte do quadro de servidores dessa Instituição de Ensino, o que favoreceu a compreensão na construção dos indicadores. Além disso, se observou que os indicadores utilizados eram semelhantes aos das demais Universidades Públicas. Para utilização do Índice H, indicador que combina quantidade e qualidade da produção científica, fez-se uma adaptação, haja vista que não figura como indicador na proposta considerada, sendo atribuída a mesma pontuação dada aos artigos publicados em periódicos Qualis A1 para cada H. A conceituação do Índice H é mais bem explorada na subseção 3.5. A Tabela 1 ilustra o sistema de pontuação.

**Tabela 1:** Sistema de pontuação para composição do capital científico puro

| Indicadores de Capital Puro  | Pontos |
|--|--------|
| 1 Titulação  |        |
| 1.1 Pós-Doutorado/Livre Docência   | 250    |
| 2 Produção Científica – artigos completos na área de estratégia, em que os agentes figuram como primeiro autor |        |
| 2.1 Qualis A   | 10     |
| 2.2 Qualis B   | 05     |
| 2.3 Qualis C   | 01     |
| 3 Índice H (adaptado)  |        |
| 3.1 Pontuar por H citação  | 10     |
| 4 Bolsista de Produtividade em Pesquisa CNPq   |        |
| 4.1 Pontuar por receber a bolsa  | 05     |
| 5 Prêmios Recebidos na Área  |        |
| 5.1 Pontuar por prêmio   | 02     |

**Fonte:** Elaborada pela autora.

Para composição dos pontos atribuídos às fontes de capital institucionalizado, se consideraram os indicadores da análise dos currículos *lattes* dos candidatos que concorrem a uma vaga na carreira docente da UNIOESTE e, para os que não estavam contemplados, se fez uma adaptação de Teixeira et al. (2011), conforme se pode observar na Tabela 2.

**Tabela 2:** Sistema de pontuação para composição do capital científico institucionalizado

| Indicadores de Capital Institucionalizado                     | Ponto            |
|---|------------------|
| 5 Experiência Profissional                                    |                  |
| 5.1 Cargo de Reitor   | 50               |
| 5.2 Cargo de Pró-Reitor                                       | 40               |
| 5.3 Cargo de Diretor de Universidade                          | 30               |
| 5.4 Cargo de Diretor de Centro                                | 20               |
| 5.5 Coordenação de Curso de Pós-Graduação <i>Strico Sensu</i> | 10               |
| 5.6 Coordenação de Curso de Graduação                         | 10               |
| 6 Outros Títulos e Atividades                                 |                  |
| 6.1 Membro de Corpo Editorial                                 | 01 por periódico |
| 6.2 Consultor Científico (CAPES e CNPQ)                       | 05               |
| 6.3 Cargos na ANPAD   | 05               |

**Fonte:** Elaborada pela autora.

O volume dos capitais científico, puro e institucionalizado, possibilitou demonstrar as posições dos agentes nos espaços acadêmicos.

**d) Categoria de análise: a estrutura de dominação nas pesquisas em estratégia (categorias temáticas, abordagens epistemológicas e metodológicas predominantes)**

DC: As bases de transformações do campo científico podem ser vistas nas estratégias de conservação ou de subversão produzidas no interior da estrutura do campo (BOURDIEU, 1983). Essas transformações afetam o campo científico da administração em todas as direções e interferem na evolução da estrutura de dominação desse campo, a posição dos agentes específicos e a mudança em seu *habitus*, expressando as lutas que caracterizam a estratégia e o papel dos agentes desse campo (GOMEZ, 2010).

DO: Interpretação da estrutura de dominação nas pesquisas em estratégia (categorias temáticas, abordagens epistemológicas e metodológicas predominantes) com base nos artigos completos publicados em periódicos, na área de estratégia, em que os agentes figuram como primeiro autor, durante toda a sua trajetória acadêmica.

**e) Categoria de análise: as características sistêmicas do campo das pesquisas em estratégia (marcação de um segmento do social – natureza das pressões; mecanismos de refração; forças; lutas; tendências)**

DC: O campo científico pode ser comparado a um jogo “no qual as regras do jogo estão elas próprias postas em jogo” (BOURDIEU, 2004, P. 29), espaço em que lutas concorrenciais são travadas em busca do monopólio da autoridade científica ou ainda monopólio da competência científica, lugar de disputa por posições de destaque, capacidade técnica e poder social, de falar e de agir legitimamente conquistada pelo agente em lutas anteriores (BOURDIEU, 1983).

DO: Identificação das características sistêmicas do campo das pesquisas em estratégia com base em um estrato do campo, resultado das análises das produções, dos *lattes*, das fichas de avaliação da CAPES e das entrevistas; a percepção dos agentes sobre as pressões do campo e suas tendências enquanto campo de pesquisa.



### 3.5 PROCEDIMENTOS DE COLETA E ANÁLISE DE DADOS

Esta subseção apresenta os procedimentos de coleta e análise de dados adotados na pesquisa e que envolveram dados primários e secundários.

Em virtude de o presente trabalho encontrar-se vinculado ao projeto de pesquisa coordenado pela professora doutora Silvana Anita Walter, intitulado “O papel social de professores e de pesquisadores no desenvolvimento do conhecimento no ensino e na pesquisa em estratégia no Brasil”, do Grupo de Pesquisa em Estratégia e Competitividade (GPEC), da Universidade Estadual do Oeste do Paraná, a coleta de dados ocorreu desde o ano de 2012. Dessa forma, esses dados têm contribuído para o desenvolvimento do ensino e da pesquisa em estratégia no Brasil, o que pode ser constatado nos trabalhos apresentados pelos integrantes do grupo de pesquisa Tatiana Marceda Bach (2013) e Eduardo Guedes Villar (2014).

No processo circular desta pesquisa, o levantamento do problema de pesquisa à luz do referencial teórico já apresentado e a elaboração do roteiro utilizado na coleta inicial dos dados por meio de técnicas diversas possibilitaram a atualização das informações primárias e a mobilização de novas incursões no campo a fim de minimizar as fragilidades da pesquisa e captar como ocorre de fato a pesquisa como prática, conforme preconizado na perspectiva construtivista de Bourdieu.

Esse movimento permitiu um alinhamento, não apenas do roteiro, mas, sobretudo, das questões de pesquisa. Esse processo de idas e vindas exigiu um trabalho de grande fôlego, pois a coleta inicial dos dados resultou em uma grande quantidade de informações, mas que, especialmente, facilitou a qualificação dos dados.

Na primeira fase da coleta de dados, realizaram-se duas buscas: uma no site da CAPES para identificar os programas acadêmicos *stricto sensu* em administração e outra nos sítios eletrônicos dos programas para mapear aqueles que ofertam a disciplina de estratégia.

Após esse mapeamento, entrou-se em contato, via telefone, com as assistentes dos programas para que indicassem os docentes que ministravam a disciplina de estratégia e seus *e-mails*, o que resultou num total de 62 docentes. O próximo passo foi verificar, entre os 62 docentes, quais tiveram suas entrevistas coletadas.

O resultado foi o seguinte movimento: no período de novembro de 2012, foram coletadas 2 entrevistas por Bach (2013) e, entre os meses de maio e agosto de 2013, 20 entrevistas por Villar (2014). Restaram, portanto, 40 docentes a serem entrevistados.

Com os *e-mails* dos docentes já planilhados, enviaram-se 40 convites aos docentes que ainda não haviam participado das entrevistas. Também se encaminhou *e-mail* aos Coordenadores dos Programas apresentando a pesquisa e pedindo o apoio para estimular os docentes a participarem.

Dos 40 convites enviados, 5 foram aceitos, sendo que esses docentes se disponibilizaram a participar da pesquisa. A coleta ocorreu no período de setembro de 2015 a janeiro de 2016, por meio remoto, com o auxílio do software de conversas instantâneas Skype. Gravaram-se as entrevistas e, posteriormente, se fez a transcrição literal.

Somando-se, então, as 2 entrevistas coletadas por Bach (2013), as 20, por Villar (2014) e as 5, pela pesquisadora, obteve-se, nesse movimento de coleta de entrevistas, um total de 27.

As 27 entrevistas, com duração média de 60 minutos se mostraram suficientes, visto que se constatou a não ocorrência de novos elementos para subsidiar a análise almejada, atingindo-se, portanto, com as percepções e as informações dos docentes, a saturação da pesquisa, conforme indicado por Paiva Junior, Leão e Mello (2011).

O Quadro 2 apresenta como se fez a identificação dos 62 docentes que ministravam, na época da coleta de dados, a disciplina de estratégia nos programas acadêmicos de pós-graduação *stricto sensu* em administração no Brasil identificados e já expostos no Quadro 1 deste capítulo. Igualmente se especifica, no Quadro 2, se os docentes – nesta pesquisa, denominados de Interlocutores – concederam ou não entrevistas, tiveram ou não seu *lattes* coletados e se tiveram ou não seu Índice H verificado.

**Quadro 2: Interlocutores da pesquisa**

| Interlocutores  | Universidade | Entrevista | Lattes | Índice H |
|-----------------|--------------|------------|--------|----------|
| Interlocutor 1  | UFPE         | X          | X      | X        |
| Interlocutor 2  | UFPB         | X          | X      | X        |
| Interlocutor 3  | UFSC         | X          | X      | X        |
| Interlocutor 4  | PUCMG        | X          | X      | X        |
| Interlocutor 5  | UFBA         | X          | X      | X        |
| Interlocutor 6  | UCS          | X          | X      | X        |
| Interlocutor 7  | FUCAPE       | X          | X      | X        |
| Interlocutor 8  | UEM          | X          | X      | X        |
| Interlocutor 9  | UNISINOS     | X          | X      | X        |
| Interlocutor 10 | UFF          | X          | X      | X        |
| Interlocutor 11 | UFSM         | X          | X      | X        |
| Interlocutor 12 | UFES         | X          | X      | X        |
| Interlocutor 13 | USP/UNIP     | X          | X      | X        |
| Interlocutor 14 | UNIGRANRIO   | X          | X      | X        |
| Interlocutor 15 | PUCRS        | X          | X      | X        |
| Interlocutor 16 | UNISUL       | X          | X      | X        |
| Interlocutor 17 | PUCPR        | X          | X      | X        |
| Interlocutor 18 | PUCRJ        | X          | X      | X        |
| Interlocutor 19 | PUCRJ        | X          | X      | X        |

|                 |          |   |   |   |
|-----------------|----------|---|---|---|
| Interlocutor 20 | FUMEC    | X | X | X |
| Interlocutor 21 | UDESC    | X | X | X |
| Interlocutor 22 | UFRJ     | X | X | X |
| Interlocutor 23 | UNIFACS  | X | X | X |
| Interlocutor 24 | UFPR     | X | X | X |
| Interlocutor 25 | UNINOVE  | X | X | X |
| Interlocutor 26 | PUCSP    | - | X | X |
| Interlocutor 27 | PUCSP    | - | X | X |
| Interlocutor 28 | PUCSP    | - | X | X |
| Interlocutor 29 | PUCSP    | - | X | X |
| Interlocutor 30 | UNISINOS | - | X | X |
| Interlocutor 31 | FEI      | - | X | X |
| Interlocutor 32 | FGVRJ    | - | X | X |
| Interlocutor 33 | FGVRJ    | - | X | X |
| Interlocutor 34 | FGVSP    | X | X | X |
| Interlocutor 35 | FGVSP    | X | X | X |
| Interlocutor 36 | FNH      | - | X | X |
| Interlocutor 37 | FUFSE    | - | X | X |
| Interlocutor 38 | FUFSE    | - | X | X |
| Interlocutor 39 | FUFSE    | - | X | X |
| Interlocutor 40 | FURB     | - | X | X |
| Interlocutor 41 | IMED     | - | X | X |
| Interlocutor 42 | UECE     | - | X | X |
| Interlocutor 43 | UFC      | - | X | X |
| Interlocutor 44 | UFG      | - | X | X |
| Interlocutor 45 | UFLA     | - | X | X |
| Interlocutor 46 | UFMS     | - | X | X |
| Interlocutor 47 | UFRGS    | - | X | X |
| Interlocutor 48 | UFRN     | - | X | X |
| Interlocutor 49 | UFU      | - | X | X |
| Interlocutor 50 | UFV      | - | X | X |
| Interlocutor 51 | UMESP    | - | X | X |
| Interlocutor 52 | UNAMA    | - | X | X |
| Interlocutor 53 | UNAMA    | - | X | X |
| Interlocutor 54 | UNIFOR   | - | X | X |
| Interlocutor 55 | UNIR     | - | X | X |
| Interlocutor 56 | UNIVALI  | - | X | X |
| Interlocutor 57 | UNIVALI  | - | X | X |
| Interlocutor 58 | UP       | - | X | X |
| Interlocutor 59 | UPM      | - | X | X |
| Interlocutor 60 | USCS     | - | X | X |
| Interlocutor 61 | USP      | - | X | X |
| Interlocutor 62 | USP      | - | X | X |

**Fonte:** Dados da pesquisa.

Para análise de fontes secundárias, coletaram-se informações disponíveis nos portais dos programas, da CAPES, do CNPq e da ANPAD, que serviram de subsídio para o processo de investigação. Destaca-se que as coletas desses dados ocorreram no período de outubro a novembro de 2015.

A coleta na Plataforma *Lattes* dos 62 currículos dos docentes, foco desta pesquisa, possibilitou verificar a origem, afiliação, a ocupação de cargos administrativos, os prêmios recebidos da área e a participação como membro de comissões e comitês de avaliação, como

também identificar os artigos completos publicados em periódicos, na área de estratégia, em que os docentes figuravam como primeiro autor, durante toda a sua trajetória acadêmica.

Coletaram-se, no Portal da CAPES, as fichas de avaliação dos programas que apresentam os resultados das avaliações trienais de cada programa de pós-graduação. Isso possibilitou que se conhecesse a nota atribuída ao programa, considerando que, nos sítios eletrônicos dos programas, nem sempre as notas estavam atualizadas.

A fonte de informação utilizada para coleta de dados sobre o Índice H dos docentes foi a base de dados ISI Web of Knowledge – Web of Science. A escolha por essa base de dados se deu pela praticidade, visto que essa base fornece isoladamente para cada pesquisador o Índice H e tem uma cobertura a mais de 9.200 títulos de periódicos.

Ressalta-se que o Índice H é um indicador que combina quantidade e qualidade da produção científica. Vale esclarecer que os indexadores apontam o índice sem considerar os estágios da carreira do docente, o que pode ser constatado, por exemplo, comparando o índice de um pesquisador sênior ao de um pesquisador que acabou de iniciar sua carreira (MARQUES, 2013). Nesse sentido, o levantamento da produção dos artigos dos agentes da pesquisa contribuiu para minimizar essa fragilidade.

Marques (2013) aponta vantagens e limitações na utilização do Índice H. As vantagens são: a) combina quantidade e impacto da pesquisa em único indicador; b) é facilmente obtido pela base dados Web of Science; c) permite caracterizar a produtividade científica de um pesquisador com objetividade, principalmente em áreas em que há uma cultura consolidada de publicação em revistas indexadas e pode ter utilidade na tomada de decisões sobre promoções, alocação de verbas e atribuições de prêmios (no Brasil, o Índice H tem sido adotado por algumas fundações de amparo à pesquisa – CNPq, FAPs e CAPES – como critério para alocação de recursos e benefícios (LIMA; VELHO; LOPES DE FARIA, 2012); e d) apresenta um desempenho diferenciado de outros indicadores isolados, tais como fator de impacto, número de artigos, número de citações, para avaliar a produtividade científica de um pesquisador.

Quanto às limitações do Índice H apontadas por Marques (2013), encontram-se refletidas: a) na comparação de pesquisadores de disciplinas diferentes; b) nas possíveis manipulações por meio de autocitações; c) no fato de dar a artigos e livros o mesmo peso; e d) no fato de não considerar o contexto das citações. Além disso, não faz distinções entre um paper feito por um pesquisador e um artigo com vários autores, cuja participação individual é difícil de avaliar.

Para conhecer a estrutura predominante nos artigos, coletaram-se os artigos completos publicados em periódicos, nos quais os agentes desta pesquisa figuravam como primeiro autor. A escolha pelos artigos de primeira autoria se justifica, pois, de acordo com Petroianu (2002), a principal condição para ser incluído entre os autores é ter tido participação intelectual na elaboração, análise ou redação do trabalho. Entretanto, a maior pontuação cabe a quem criou a ideia que originou o trabalho e estruturou o método de trabalho. Neste sentido, o primeiro autor deveria orientar a linha condutora do artigo (categoria temática, enquadramento metodológico e epistemológico da pesquisa), sendo estas um dos objetos de análise da pesquisa.

Por meio da busca dos artigos, localizaram-se 431 artigos em que os Interlocutores desta pesquisa figuravam como primeiro autor. Desse total, excluíram-se 289, por não tematizarem com área de estratégia, restando 142 artigos para consulta, dos quais 19 foram publicados em revistas sem estratos indicativos. A Tabela 3 apresenta um resumo da análise.

**Tabela 3:** Resumo dos artigos

| <b>Análises</b>                                    | <b>Estratos</b> | <b>Quantidade</b> |
|--|-----------------|-------------------|
| <b>Artigos selecionados (a)</b>                    | A1              | 8                 |
|  | A2              | 38                |
|  | B1              | 14                |
|  | B2              | 26                |
|  | B3              | 21                |
|  | B4              | 8                 |
|  | C               | 1                 |
| <b>TOTAL</b>                                       |                 | <b>123</b>        |
| <b>Artigos eliminados por falta de relação (c)</b> |                 | 289               |
| <b>TOTAL</b>                                       |                 | <b>289</b>        |
| <b>Artigos sem estrato (b)</b>                     |                 | 19                |
| <b>TOTAL</b>                                       |                 | <b>19</b>         |
| <b>Total Geral de Análise (a+b+c)</b>              | <b>TOTAL</b>    | <b>431</b>        |

Fonte: Dados da pesquisa.

Os termos de busca dos artigos foram “estratégia ou *strategy*”. Para a composição dos artigos utilizados na pesquisa, realizou-se a busca em títulos, resumos, palavras-chave e estrutura (títulos e subtítulos) do referencial teórico de todos os artigos apresentados no currículo *lattes* dos Interlocutores desta pesquisa em que figuravam como primeiro autor.

Os critérios de análise dos artigos foram: ano de publicação, título do periódico, instituição do periódico, o *Qualis* dos periódicos, a categoria temática e o enquadramento metodológico e epistemológico. Os textos foram planilhados com o auxílio do software Excel e de ferramentas de filtro, classificação e tabela dinâmica a fim de facilitar a visualização e análise dos dados.

Para a análise dos dados, a estratégia adotada foi a análise temática categorial que, segundo Bardin (2010, p. 153), consiste no “desmembramento do texto em unidades, em categorias segundo reagrupamentos analógicos”.

Organizou-se a análise em três etapas, conforme preconizado por Bardin (2010): a) a pré-análise, que consistiu na escolha dos documentos, na delimitação dos objetivos, na organização sistemática dos documentos que envolveram a pesquisa, na transcrição das entrevistas e em uma leitura exaustiva dos textos supramencionados; b) a exploração dos materiais, em que, para a compreensão da unidade de registro, se estratificaram dos textos (dados brutos) as unidades de registro, ou seja, frases, palavras, parágrafos, tanto dos documentos selecionados como das entrevistas, a fim de instrumentalizar a análise; e c) a categorização realizada possibilitou a apreensão das categorias significativas para os resultados.

A categorização se deu por meio da classificação, da diferenciação e do reagrupamento dos elementos constitutivos de um conjunto, o que possibilitou elaborar classes que reunissem grupos de elementos comuns: as representações simplificadas dos dados brutos. Destaca-se que, como não há uma fórmula para essa etapa, se fez uso de pequenos recortes que foram colados em um quadro. Tal processo facilitou a visualização dos elementos comuns, as exclusões dos elementos que se apresentavam uma única vez e a apreensão das categorias significativas para os resultados.

A escolha da análise de conteúdo se alinha à praxiologia de Bourdieu, o qual argumenta que as análises, por meio das quais a operação se efetua, é um trabalho “de grande fôlego, que se realiza pouco a pouco, por retoques sucessivos, por toda uma série de correções” (BOURDIEU, 2000, p. 82), ou seja, esse trabalho ultrapassa a mera descrição do conteúdo das informações coletadas em campo, atingindo, mediante a inferência com outras proposições já aceitas como verdadeiras, uma interpretação mais profunda (BARDIN, 2010).

Ainda para análise dos dados, optou-se pela reflexividade, a qual Bourdieu aponta como essencial. O autor apresenta uma preocupação quanto às condições de apreensão do conhecimento, ou seja, ao fato de que todo conhecimento é condicionado pelo *habitus*, o que implica em uma distorção na percepção do empírico, não só pelo agente da pesquisa, mas também pelo *habitus* do pesquisador (THIRY-CHERQUES, 2006). Nesse sentido, reconhecendo essa limitação, buscou-se adotar uma postura crítica na construção da interpretação dos dados.

Igualmente se fez uso da triangulação dos dados – realizada entre as entrevistas, informações dos currículos *lattes* e produções dos agentes –, o que conferiu confiabilidade aos resultados da pesquisa (FLICK, 2009), pois minimizou as confusões, os enganos e equívocos e permitiu maior controle dos dados obtidos (GODOI; BANDEIRA-DE-MELLO; SILVA, 2006).

A triangulação dos dados favorece a ruptura com as falsas evidências de uma simples leitura do real na percepção dos agentes, tendo nesses discursos uma condição de ver, não a explicação do comportamento, mas um aspecto do comportamento a ser explicado (BOURDIEU; CHAMBOREDON; PASSERON, 1999).

O Quadro 3 apresenta o alinhamento metodológico da pesquisa, isto é, uma síntese dos objetivos específicos relacionando-os com as definições constitutivas e operacionais, técnica de coleta de dados e método de análise.

**Quadro 3:** Alinhamento metodológico da pesquisa

| Objetivos Específicos   | Definição Constitutiva  | Definição Operacional   | Técnica de coleta de dados  |  | Método                        |
|---|---|---|---|--|-------------------------------|
|   |   |   | Fontes Primárias  | Fontes Secundárias   |                               |
| Compreender o contexto do campo científico da estratégia.   | Espaço social formado por relações de força entre agentes (BOURDIEU, 1983).   | Identificação das Instituições Científicas e os Agentes que caracterizam o campo científico da estratégia e como estes exercem influência em sua estrutura. | Entrevistas   | Textos da área<br>Dados da CAPES<br>Dados do CNPQ<br>Dados da ANPAD<br>Dados das revistas científicas da área  | Análise temática de categoria |
| Investigar as características incorporadas pelos agentes que visam orientar a prática das pesquisas em estratégia ( <i>habitus</i> ). | A percepção e apreciação, inscritas em seu <i>habitus</i> e também relacionadas aos seus interesses associados a sua posição no jogo (BOURDIEU, 1998).  | Investigação das características incorporadas pelos agentes que visam orientar a prática das pesquisas em estratégia.                                       | Entrevistas (conduta, prática como resultado de um <i>habitus</i> ; linha de atuação nas escolhas nas pesquisas, preferências: metodológicas, temáticas, de publicação) |  | Análise temática de categoria |
| Evidenciar as posições dos agentes nos espaços acadêmicos (capital científico).   | Posição ocupada nas hierarquias instituídas daquele campo, em que os agentes são caracterizados pelo volume de seu capital científico (BOURDIEU, 2004). | Identificação das posições dos agentes nos espaços acadêmicos.  | Entrevistas   | Índice H<br><i>Lattes</i> : (origem, filiação, formação, cargos ocupados, produção científica, tradução para língua estrangeira; prêmios recebidos, lugares de publicação, Bolsista de Produtividade em Pesquisa CNPQ) | Análise temática de categoria |
| Interpretar a estrutura de dominação nas pesquisas em estratégia (categorias temáticas, abordagens epistemológicas e                  | As bases de transformações do campo científico podem ser vistas nas estratégias de conservação ou de subversão produzidas no interior da                | Interpretação da estrutura de dominação nas pesquisas em estratégia   | Entrevistas   | Produção Científica (identificar categorias temáticas, as bases epistemológicas,   | Análise temática de categoria |



|   |   |   |  |   |                               |
|---|---|---|--|---|-------------------------------|
| metodológicas predominantes nas pesquisas.  | estrutura do campo (BOURDIEU, 1983).<br>Espaço em que lutas concorrenciais são travadas em busca do monopólio da autoridade científica ou ainda monopólio da competência científica, lugar de disputa por posições de destaque, a capacidade técnica e poder social, de falar e de agir legitimamente conquistada pelo agente em lutas anteriores (BOURDIEU, 1983). | Identificação das características sistêmicas do campo das pesquisas em estratégia com base em um estrato do campo | Entrevistas (percepção dos agentes sobre as pressões do campo e suas tendências enquanto campo de pesquisa). | metodológicas predominantes)<br><br>Produção Científica | Análise temática de categoria |
| Identificar as características sistêmicas do campo das pesquisas em estratégia (natureza das pressões; mecanismos de refração; forças; lutas; tendências no processo de construção do conhecimento. |   |   |  |   |                               |

**Fonte:** Elaborado pela autora.

Após a fase de estruturação dos procedimentos metodológicos, foi possível chegar à análise e à interpretação dos dados, as quais se apresentam na próxima seção.

## 4 ANÁLISE E INTERPRETAÇÃO DOS DADOS

Esta seção destina-se à análise empírica e sistêmica da pesquisa por meio da qual se buscou relacionar os conceitos-chave da abordagem de Bourdieu – campo, capital e *habitus* – para melhor compreender a dinâmica social que envolve as pesquisas em estratégia. Os agentes desta pesquisa, como já mencionado, foram 62 docentes que ministravam, na época da coleta de dados, a disciplina de estratégia nos programas acadêmicos de pós-graduação *stricto sensu* em administração no Brasil.

A partir dos dados coletados, que considerou informações das dimensões objetivas e subjetivas do campo científico da estratégia, analisam-se, nesta seção, os principais resultados da pesquisa referentes ao contexto do campo científico da estratégia, as características incorporadas pelos agentes que visam orientar a prática das pesquisas em estratégia, as posições dos agentes no campo nas pesquisas em estratégia, a estrutura de dominação nas pesquisas em estratégia e as características do campo das pesquisas em estratégia.

### 4.1 CONTEXTO DO CAMPO CIENTÍFICO DA ESTRATÉGIA

Esta subseção apresenta o contexto do campo científico da estratégia, construindo explicações sobre as variáveis que o envolvem, não apenas na percepção dos agentes desta pesquisa, mas também com base nas estruturas objetivas identificadas nas produções da área de estratégia, na formação dos seus agentes e nas leis próprias do campo.

O tema da administração como campo científico, desde Audet e Malouin (1986) – que, ao examinarem o campo científico da administração concluíram que o campo é um lugar de relações entre agentes que buscam produzir conhecimentos legitimados e que estão em concorrência a fim de obter o controle da definição das condições de produção e validação desses conhecimentos –, até Barbosa et al. (2013) – que apontou o campo científico da administração como um espaço de competitividade e lutas políticas em que os agentes figuram como opressores ou privilegiados, mas nunca como meros expectadores –, aponta para um campo que sofre influências, sejam elas externas (políticas) ou internas (ligadas à luta no campo). Com isso, as aspirações científicas dos agentes não estão dotadas de neutralidade, mas envolvem uma série de interesses (ORTIZ, 1983). É nesse cenário que se descreve a

seguir a radiografia do campo científico da estratégia, apontando como ocorrem as relações nesse espaço de disputas e lutas políticas.

O campo científico da administração no Brasil, com a implantação da pós-graduação no país, além da formação de pesquisadores para o trabalho científico, tem fortalecido o desenvolvimento das pesquisas científicas e tecnológicas, legitimando a comunidade científica brasileira no processo de produção e divulgação do conhecimento (BERTERO, 2006).

Nesse cenário, a temática estratégia ganha espaço e notoriedade, ocupando boa parte das linhas de pesquisa dos programas de pós-graduação em administração e também de outras áreas. Entretanto, como apresentado pelo Interlocutor 22, é possível mais:

[...] a gente já fez mais de 35 pesquisas de históricos de empresas brasileiras, eu acho que a gente poderia estar contribuindo para a teorização que é muito pequena em estratégia para o nível global [...] eu acho que a gente poderia ousar mais [...] nos últimos anos de maneira geral, os pesquisadores que estão na área já estão com um bom conhecimento da literatura externa, tem um grande GAP, mas fica só nisso [...] a gente tem exemplos aí, a gente tem estudado empresas, a gente tem coisas maravilhosas aqui [Interlocutor 22].

Na mesma direção indicada pelo Interlocutor 22, assim se manifestou o Interlocutor 15:

É preciso escapar um pouco de alguns conflitos hegemônicos, como eu estava dizendo antes. Nada contra, por exemplo, o Porter, a abordagem dele foi hegemônica durante muitos anos, mas há algumas situações onde claramente o tipo de proposta de análise que ele faz não é adequada para analisar o contexto [Interlocutor 15].

A fala dos Interlocutores 22 e 15 apresentam elementos em comum com a pesquisa realizada por Machado-da-Silva e Rossoni (2007) que apontaram o campo científico da estratégia em organizações como um campo em que os autores da área compartilham sistemas de significados comuns, crenças sobre a noção de ciência e do fazer científico, implicando na possibilidade de conversação entre as perspectivas analíticas do campo e assegurando um poder sobre os mecanismos constitutivos do campo, orientados para o monitoramento do sistema social. Apesar do tensionamento demonstrado, por exemplo, pelo Interlocutor 15 – que apresentou concepções, teorias e propostas como resultado de suas pesquisas e demonstrou a expectativa de que essas se tornem, para o campo da estratégia, a delimitação imposta pelos dominantes –, alguns agentes têm a pretensão de deter essa hegemonia, reproduzindo o campo.

Tal perspectiva, do ponto de vista de Bourdieu (1983), constitui-se de estratégia que tende a garantir a respeitabilidade acadêmica dos dominantes e a impor uma delimitação do científico e do não científico que lhe permita coibir todo questionamento que é considerado inconveniente cientificamente, que ponha em questão os fundamentos de sua respeitabilidade, ou seja, é possível perceber um jogo ao qual compromissos estão engajados a fim de perpetuar um sistema.

Nesse sistema, o que pode ser dito e a maneira de dizê-lo dependem da estrutura da relação objetiva entre as posições que o emissor e o receptor ocupam na estrutura de distribuição do capital. Para compreender onde estão os porta-vozes do campo científico da administração com foco nas pesquisas em estratégia, mapeou-se por região a distribuição dos programas de pós-graduação em administração no Brasil que ofertam a disciplina de estratégia (Figura 4).

**Figura 4:** Distribuição por região dos programas de pós-graduação



**Fonte:** Elaborada pela autora com base nos dados da pesquisa.

A Figura 4 deixa perceptível que a região Sudeste concentra 44% dos programas de pós-graduação em administração que ofertam a disciplina de estratégia, seguida da região Sul com 30% e Nordeste com 18%. As regiões Norte e Centro-Oeste, por sua vez, aparecem com 4% em cada uma delas. A proeminência dos programas na Região Sudeste pode estar relacionada ao fato de essa região concentrar 49% das Instituições de Ensino Superior do total do país. Há também que considerar que os estados que a compõem (Espírito Santo, Minas Gerais, Rio de Janeiro e São Paulo) acolhem 42% da população do Brasil (ALVAREZ, 2013). Cabe destacar que, dos 50 programas, 25 são ofertados por Universidades Públicas e 25 por Universidades Privadas.

Outro dado que se considera relevante para esta pesquisa é a filiação dos Interlocutores, uma vez que as oportunidades que um agente tem de submeter às forças do campo o seu desejo são proporcionais à sua força sobre o campo, refletida na posição ocupada nas hierarquias instituídas, além de que o fato de ser oriundo de uma grande escola lhe confere certos privilégios (BOURDIEU, 1997). Diante disso, mapeou-se a filiação dos Interlocutores desta pesquisa, a qual se expõe no Quadro 4, juntamente com os conceitos atribuídos pelo Sistema de Avaliação da CAPES aos programas aos quais esses Interlocutores se encontram afiliados.

**Quadro 4:** Conceitos dos programas e filiação dos Interlocutores

| Conceito CAPES | Universidade/Interlocutores  |
|----------------|--|
| 7              | USP (13 - 61 - 62); FGVSP (34 - 35)  |
| 6              | FGVRJ (32 - 33)  |
| 5              | PUCPR (17); UNIVALI (56 - 58); UFRGS (47); UNISINOS (30); PUCRS (15); UFBA (5); UFPB (2); UFRN (48); UFLA (45); UFRJ (22); PUCRJ (18 - 19); UNINOVE (25); USCS (60); UPM (59)  |
| 4              | UFPR (24); UEM (8); UP (58); UFSC (3); FURB (40); UFSM (11); UCS (6); UNAMA (52 - 53); UNIR (56); UECE (42); UNIFOR (54); UFCE (43); UFPE (1); UFMS (46); UFES (12); FUCAPE (7); UFV (50); PUCMG (4); FUMEC (20); UNIGRANRIO (14); PUCSP (26 - 27 - 28 - 29); FEI (31) |
| 3              | UDESC (21); UNISUL (16); IMED (41); UNIFACS (23); FUFSE (37 - 38 - 39); UFG (44); UFU (49); FNH (36); UFF (10); UMESP (51)   |

**Fonte:** Elaborado pela autora com base nos dados da pesquisa.

O Quadro 4 permite constatar que os Interlocutores 13, 61, 62, 34 e 35 ocupam posição privilegiada, sendo oriundos de escolas reconhecidas e legitimadas pelos agentes do campo com a maior nota atribuída aos programas de pós-graduação (7) e que os Interlocutores 32 e 33, da FGVRJ, com nota 6, também fazem parte de uma elite reconhecida. Ressalta-se, porém, que a característica de poucos ocupando espaços da elite começa a mudar, como é possível perceber nos Interlocutores – em número de 16 – que se encontram afiliados a programas com nota 5. O Quadro 3 também mostra que há grande concentração dos

Interlocutores – um total de 26 – afiliados aos programas com nota 4 e que os demais Interlocutores, totalizando 15, estão em programas com nota 3 atribuída pelo Sistema de Avaliação da CAPES.

A partir da caracterização desses agentes, foi possível perceber, ao longo desta análise, o papel das Instituições como um dos principais agentes no processo de constituição do ser social dos indivíduos, possibilitando a manutenção e a reprodução do campo. Isso porque, segundo Bourdieu (2004), a arte de antecipar as tendências no meio científico está estreitamente relacionada a uma origem escolar elevada e é também um dos fatores que determinam as diferenças sociais mais marcantes nas carreiras científicas.

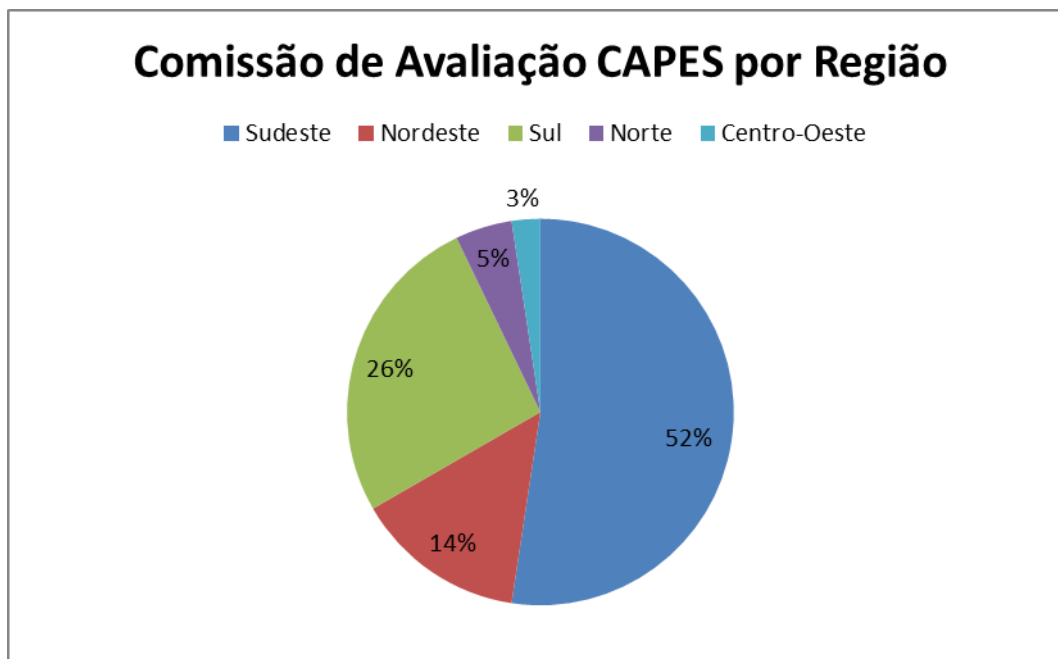
A leitura do campo científico da estratégia também envolve as Instituições que atuam como entidades regulatórias, como a CAPES e o CNPq, que atua como órgão de fomento, e a ANPAD, que desenvolve um trabalho de interação entre os programas de pós-graduação em administração, promove e apoia encontros anuais de natureza acadêmica de socialização do conhecimento da área de administração. Além de destacar o papel dessas entidades, buscou-se identificar os grupos que as formam, conforme se apresenta a seguir.

A consolidação do campo científico da administração sofreu e continua a sofrer forte influência da CAPES por meio de seus processos de avaliação (BERTERO, 2013). Além de coordenar o sistema de avaliação dos programas de pós-graduação, atua como órgão de fomento fornecendo bolsas de estudo, auxílio e apoio à pesquisa (CAPES, 2015).

O Conselho Superior, além do Presidente e dos Secretários, é formado por membros designados do Setor Acadêmico, por representantes do Setor Empresarial e por representante do Fórum de Pró-Reitores de Pesquisa e Pós-Graduação, da Associação Nacional de Pós-Graduação e do Conselho Técnico-Científico da Educação Superior e Conselho Técnico-Científico da Educação Básica. Os membros do Conselho têm como atribuição definir o processo de escolha dos coordenadores de áreas de avaliação dos programas de pós-graduação.

Já a os membros que compõem o Triênio 2013 da área de Administração, Ciências Contábeis e Turismo são os seguintes: como Coordenadora, a Prof<sup>fa</sup>. Dr<sup>a</sup>. Eliane Pereira Zamith Brito, da FGVSP; como Coordenadora Adjunta, a Prof<sup>fa</sup>. Dr<sup>a</sup>. Marcia Martins Mendes de Luca, da UFC; e, como Coordenador Adjunto de Mestrado Profissional, o Prof. Dr. Aridelmo José Campanharo Teixeira, da FUCAPE. A Figura 5 ilustra a distribuição geográfica da Comissão Responsável pela Avaliação da Área por região.

**Figura 5:** Comissão de avaliação da CAPES das áreas de Administração, Ciências Contábeis e Turismo por região



**Fonte:** Elaborada pela autora com base nos dados da pesquisa.

Em termos de distribuição geográfica, conforme mostra a Figura 5, a comissão de avaliação é composta por 52% de avaliadores da região Sudeste, dos quais 3 são da USP, 3 da FGVSP (incluindo a Coordenadora) e 1 da FGV RJ; 26% da região Sul; 14% da Nordeste; 5% da Norte; e 2% da Centro-Oeste. Essa distribuição demonstra a força da região Sudeste por meio dos seus agentes inseridos em instituições e que atuam como porta-vozes dos padrões da área.

Outro agente importante no contexto do campo científico é o Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) cuja missão é fomentar a ciência, a tecnologia e a inovação e atuar na formulação de suas políticas, contribuindo para o avanço das fronteiras do conhecimento, o desenvolvimento sustentável e a soberania nacional.

Compete ao CNPq participar da formulação, da execução, do acompanhamento, da avaliação e difusão da Política Nacional de Ciência e Tecnologia. Também é de competência do CNPq a concessão de bolsas para a formação de recursos humanos no campo da pesquisa científica e tecnológica, em universidades, institutos de pesquisa, centros tecnológicos e de formação profissional, no Brasil e no exterior (CNPq, 2015). A concessão de bolsas



produtividade em pesquisa segue critérios que são estabelecidos pelos Comitês de Assessoramento das Áreas.

A classificação, o enquadramento e a progressão do bolsista também são atribuições do Comitê de Assessoramento da Área e contemplam os seguintes itens: a) produção científica; b) formação de recursos em nível de pós-graduação; c) contribuição científica e tecnológica para inovação; d) coordenação ou participação principal em projetos de pesquisa; e) participação em atividades editoriais e de gestão científica e administração de instituições e núcleos de excelência científica e tecnológica.

Os pesquisadores são enquadrados em categorias, por meio de avaliação baseada em sua produtividade nos últimos cinco anos: Pesquisador 1 (PQ1), que deve possuir, no mínimo, 8 anos de doutorado, e, Pesquisador 2 (PQ2), 3 anos de doutorado. Também são enquadrados em níveis, com base na comparação entre os pares e em dados de ações dos últimos dez anos. Na categoria 1, por exemplo, têm-se A, B, C e D. A área de administração conta com 184 bolsistas produtividade, sendo 9 na categoria Pesquisador 1 nível A (PQ – 1A), 6 PQ – 1B; 6 PQ – 1C; 26 PQ – 1D; 135 PQ – 2; e 2 PQ – SR.

A instituição que ocupa papel de destaque no campo científico de estratégia é a ANPAD, associação que congrega programas de pós-graduação *stricto sensu* dentro do campo das ciências administrativas, contábeis e afins no Brasil. Figura como o principal órgão de incentivo e interação entre grupos e programas de pós-graduação visando à formação de redes de conhecimento sobre ensino em administração e áreas afins. Os eventos da ANPAD são os principais meios de socialização do conhecimento na área.

A ANPAD está organizada em Divisões Acadêmicas que reúnem variados temas de interesse científico. Professores pesquisadores da área são convidados a compor as Divisões Acadêmicas como Coordenadores e a liderar Temas de Interesse. A Divisão Estratégia em Organizações é Coordenada pelo Prof. Dr. Jorge Carneiro, da PUC-Rio. Os líderes dos 11 Temas de Interesse dessa Divisão estão distribuídos entre as seguintes Instituições: UFRJ, UNINOVE, UNIVALI, UNISUL, PUC-Rio, UFPR, UNISINOS, ESPM, FEA/USP, PMDA/USP e UFF.

Dos 11 líderes dos Temas de Interesse, 7 são da região Sudeste, assim como o Coordenador da Área, demonstrando mais uma vez a força dessa região. Também é possível observar que a Divisão está formada por 2 agentes oriundos de escolas com conceito 7 pela CAPES e 6 com conceito 5, o que reflete a valorização dos títulos escolares no campo da estratégia.

Além das Instituições já apresentadas que fazem parte do campo científico, também se destaca o papel das editoras e revistas científicas encarregadas de fazer circular a informação científica. Faz-se a apresentação e exploração dessas revistas na seção 4.3, destacando os Interlocutores que fazem parte do seu corpo editorial.

Assim, tendo realizado uma leitura prévia do campo científico da estratégia, com suas propriedades mais gerais, é possível ter uma noção das relações de força que implicam tendências iminentes e probabilidades objetivas nas estruturas sociais, como também entender que os agentes não são partículas passivamente conduzidas pela força dos campos, mas fazem suas escolhas e têm disposições adquiridas que podem levá-los a resistir, a opor-se às forças do campo (BOURDIEU, 2004). A próxima subseção apresenta como ocorrem essas escolhas que são resultado de um *habitus* inscrito na prática do campo científico da estratégia.

#### 4.2 CARACTERÍSTICAS INCORPORADAS PELOS AGENTES QUE ORIENTAM A PRÁTICA: *HABITUS*

As características incorporadas pelos Interlocutores do campo científico da estratégia, denominadas *habitus*, constituídos por embates entre os agentes do campo, determinam as posições, e o conjunto de posições, por sua vez, determina o *habitus*. Ainda que sejam sujeitos da estrutura estruturada do campo, dos seus códigos e preceitos, a conduta, a improvisação e criação dos Interlocutores são livres e conformam a estrutura estruturante do *habitus* (THIRY-CHERQUES, 2006).

O conceito de *habitus*, de Bourdieu (1983), permitiu identificar os princípios geradores das práticas e das representações que conformam e orientam as ações dos Interlocutores nas pesquisas, produto das relações sociais e que tende a assegurar a reprodução das relações objetivas engendradas nesse espaço.

Presente no corpo (gestos e posturas) e na mente (formas de ver, de classificar) o *habitus* automatiza as escolhas e as ações (THIRY-CHERQUES, 2006). Sob essa perspectiva, as estratégias dos agentes que compõem o campo científico da estratégia vão se revelando por meio do sistema de transformação ou de conservação desse campo. O relato do Interlocutor 8 traduz esse movimento, evidenciando a relação que circunda o campo das pesquisas em estratégia:

A área de administração tenta se tornar uma área cientificamente legítima. Ao fazer isso, nós estamos mimetizando as áreas mais tradicionais da ciência, que são: biologia,

física, química talvez, e a matemática, que é uma conceituação pura, né, mas principalmente física e biologia. O que a gente tem são modelos matemáticos; então, a área pra se legitimar, ela tenta dar um rebuscamento, uma ênfase na construção de algoritmos, na matemática, né. O que acontece com isso, nacional e internacionalmente, acho que internacionalmente mais, o estudo qualitativo, salvo que ele seja pelo estudo feito com rigor enorme, uma base de dados enorme, comparando dois, três, quatro países, ele passa a não ter aceitabilidade, né. Enquanto o estudo quantitativo, às vezes, basta que seja uma base, a base é muito mais fácil quando ela é quantitativa do que qualitativa, é uma base [...] multivariada, uma análise passa a ter maior probabilidade de aceitação. Então, concordo também com essa crítica, se tornando cada vez mais difícil publicar um estudo qualitativo. Eu acho que também, se você me permite dizer, em parte é indício a um modelo, aquele modelo anglo-saxão, de que quem faz a reflexão teórica é a pessoa que já fez vários estudos empíricos e agora pode o que é uma tolice, é uma ingenuidade enorme porque existem áreas que o aluno quando pisou numa área como filosofia ou estudo emergente já tá fazendo reflexão teórica, né. Não há essa necessidade de que se tenha que ter feito muitos e importantes estudos empíricos pra depois você poder fazer reflexão sobre conceito; eu não vejo essa linearidade [Interlocutor 8].

A fala do Interlocutor 8 vai ao encontro da análise de Bourdieu, Chamboredon e Passeron (1999) que entendem que, ao mimetizar as áreas tradicionais das ciências da natureza, que está exposta às atividades das ciências sociais, corre-se o risco de querer eternizar, em uma natureza, o produto de uma história, independente das condições históricas e sociais que o constituem em sua especificidade para determinada sociedade e em determinado momento do tempo. Essa tendência de monopolizar a explicação na expectativa de encontrar uma característica universal, particularidade do positivismo, tem a pretensão de deter a hegemonia, e ninguém está imunizado contra essa sedução (BOURDIEU, 2004). Isso faz com que os agentes das pesquisas em estratégia, ao fazerem suas escolhas do objeto científico, se orientem por essas verdades cientificamente aceitas, que estão mais relacionadas às lutas pelo poder científico do que às inovações científicas entre o modelo anglo-saxão e a hegemonia nas pesquisas quantitativas.

Percebe-se que as relações entre os agentes das pesquisas em estratégia e as forças que influenciam as transformações do campo têm se submetido às práticas do chamado *mainstream*, tendência anglo-saxão constituída por 50% da América do Norte e 50% da Europa, as quais são tomadas como modelos (PETTIGREW; THOMAS; WHITTINGTON, 2002; SCHLICKMANN *et al*, 2012). Esse fato pode ser considerado um limitador do avanço no campo científico. O Interlocutor 8 reforça que “é preciso escapar um pouco de alguns conflitos hegemônicos”. As críticas a essa hegemonia, feitas tanto no Brasil quanto em diferentes países, têm sido ignoradas pela literatura dominante de estratégia (FARIA, 2011), pois a lógica da hierarquia acadêmica valoriza o conhecimento gerado nas grandes escolas, ou seja, o campo da estratégia tem se submetido às influências desses países.

Isso se reflete no funcionamento do campo científico que produz e supõe uma forma específica de interesses, contaminada pelo conhecimento da posição ocupada nas hierarquias instituídas daquele campo, (BOURDIEU, 2004). O Interlocutor 1 aponta o grupo que define o foco das pesquisas em estratégia: “hoje a Estratégia é predominantemente dominada pelo pessoal positivista, com viés de Economia gerencialista”. Vale destacar que esse Interlocutor faz parte do grupo dominante nas pesquisas em estratégia, conforme se expõe na subseção 4.3. Isso se confirma na fala do Interlocutor 16: “a hegemonia da pesquisa funcionalista que está associada à estratégia [...] a área de estratégia reproduz aquilo que a administração como um grande campo tem de digamos assim, eu vou chamar de mal de origem?”.

Nessa luta entre os agentes pela imposição de uma ciência (na limitação do campo dos problemas, dos métodos e das teorias que podem ser considerados científicos), existe uma hierarquia social que orienta a prática científica no interior do campo científico, subdividida em dois princípios: um que confere primazia à observação e à experimentação – definido pelos empiristas – e outro que privilegia a teoria e os “interesses” científicos correlativos – defendido pelos racionalistas. Esse debate nunca deixou de ocupar o centro da reflexão epistemológica (BOURDIEU, 1983) e parece permear igualmente o campo da estratégia com a discussão quali/quantum.

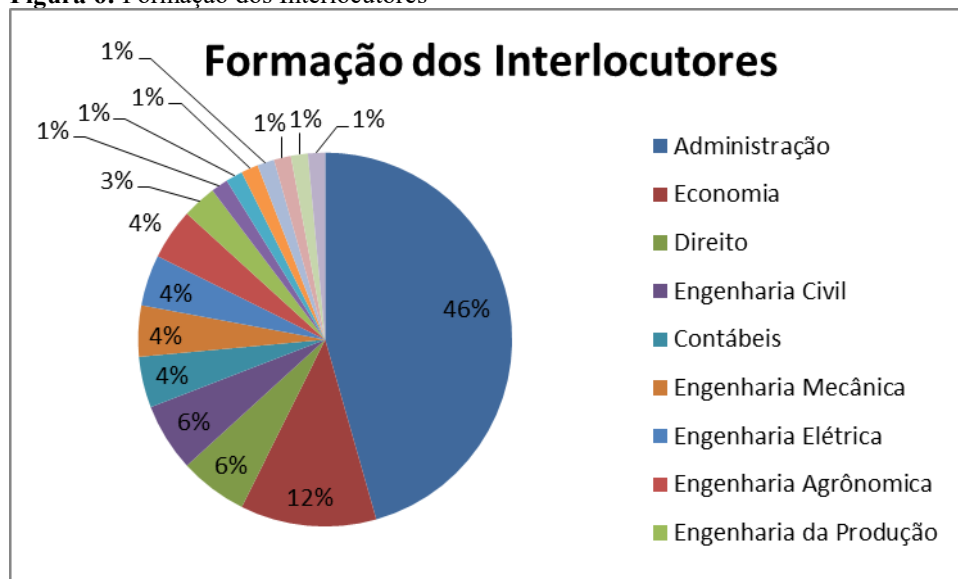
Nesse debate, os concorrentes não podem se contentar em se distinguir simplesmente de seus predecessores já reconhecidos, sendo “obrigados, sob pena de se tornarem ultrapassados e desqualificados, a integrar suas aquisições na construção distinta e distintiva que os supera” (BOURDIEU, 1983, p. 127). O Interlocutor 14 explicita a percepção de qualificação/desqualificação da produção, que implica acesso maior ou menor ao campo junto às abordagens privilegiadas:

Aqui no Brasil, os caras detestam pesquisas qualitativas, gostam de quantitativas, isso é claro, tá? [...] Eu mandei um paper pra lá uma vez, não era nada de mais o paper não, mas era um paper qualitativo, que usava visão baseada em recurso pra poder analisar, era um estudo de caso e não chegou nem perto de entrar na Anpad [...]. Depois eu peguei, eu vi claramente que os caras não gostaram do paper principalmente por ser qualitativo. Tinham alguns problemas o paper obviamente, porque era um paper de aluno. Depois eu melhorei o paper, mas não ficou nada muito melhor e consegui publicar numa revista, tá? Claro, não foi numa revista A1 nem A2, mas foi a B3, uma revista científica. B3 é uma revista de bastante respeito. [...] Enfim, o que acontece, [...] obviamente, os nossos professores, todos eles na estratégia particular, têm forte formação em matemática e os professores deles também têm essa formação em matemática, tá? Então, o que acontece: você acaba criando, e o nosso curso de administração tem uma base muito forte dos ensinamentos dos americanos e eles são extremamente positivistas, a administração tem forte influência do positivismo, ok, tudo bem. Então, a maioria das revistas, dos editores, de quem avalia segue uma linha mais positivista quantitativa, tá? Então quando você vem com alguma coisa qualitativa e principalmente que tem coisa qualitativa positivista, tá? Quando você vem com uma coisa mais qualitativa, ainda mais para um lado mais simbólico,

interpretativista, aí é complicado meu amigo, é complicado. Agora, você sabe, você não vai mandar um artigo desse tipo para uma revista que você sabe claramente que não segue essa linha editorial, não tem uma posição positivista. Agora, óbvio que a maioria delas tem essa previsão. [...] Se você fizer uma pesquisa quantitativa, mas não seguir as regras, vai fazer um trabalho de baixa qualidade [Interlocutor 14].

Em sua fala, o Interlocutor 14 argumenta que os professores da área de estratégia têm uma formação “forte” em matemática. A Figura 6 ilustra a formação dos Interlocutores de acordo com a área de conhecimento.

**Figura 6:** Formação dos Interlocutores



**Fonte:** Elaborada pela autora com base nos dados da pesquisa.

Percebe-se que a grande área predominante é a de Ciências Sociais Aplicadas, subdividida em da Administração (46%), de Economia (12%), de Direito (6%) e de Ciências Contábeis (4%). A formação na área de Ciências Sociais apresentou apenas 1%. Dá-se destaque aos 31% com formação na área de Engenharias e Ciências Exatas, o que reflete o argumento do Interlocutor 14.

Um possível reflexo do argumento apresentado é que os cálculos matemáticos são necessários para orientar os gestores nas tomadas de decisão, uma vez que a competitividade tem como base informações com dados quantitativos. Esse fato pode estar relacionado ao percentual significativo na formação de professores da área de administração e que fazem parte dos quadros dos professores dos cursos de administração.

Outro dado destacado pelo Interlocutor 14 é que a área de estratégia “tem forte influência do positivismo”, havendo, com isso, uma inclinação dos editores em aceitar trabalhos mais quantitativos. Esse Interlocutor faz ainda a argumentação de que os “caras detestam pesquisas qualitativas” aqui no Brasil.

Sendo, portanto, a prática orientada pela busca por reconhecimento e prestígio, Bourdieu (1983, p. 124) refuta qualquer discurso que repouse sobre a ciência, alegando que tratá-la assim seria pura representação social, poder simbólico. Na realidade, os julgamentos sobre a capacidade científica de um pesquisador “estão sempre contaminados, no transcurso de sua carreira, pelo conhecimento da posição que ele ocupa nas hierarquias instituídas”. Fica demonstrado, pelas escolhas dos Interlocutores que ocupam posições dominantes no campo científico da estratégia, que, de fato, a prática nas pesquisas em estratégia em suas escolhas epistemológicas é predominantemente positivista. Esse fato pode, como apontado pelo Interlocutor 14, estar relacionado à área de formação. Os dominantes do campo tem a seguinte formação: 38% em Administração, 38% em Engenharias e 25% em Economia.

O interesse por uma atividade científica tem sempre uma “dupla face”, o que implica dizer que não é possível considerar apenas a dimensão puramente política nos conflitos pela dominação do campo científico; por outro lado, os conflitos políticos são sempre conflitos epistemológicos, e o contrário também é verdadeiro (BOURDIEU, 1983, p. 125). A escolha do objeto científico é feita a partir da capacidade de se colocar em jogo essas verdades cientificamente aceitas que estão mais relacionadas às lutas pelo poder do campo científico do que às inovações científicas (SCARTEZINI, 2011), como ficam evidenciadas nas escolhas feitas pelos agentes da pesquisa no campo científico da estratégia ao optarem pelas pesquisas quantitativas.

Tais escolhas são feitas igualmente em relação às teorias evidenciadas no comportamento dos agentes nas pesquisas. O Interlocutor 15 corrobora a forma de perceber o campo dos demais Interlocutores já relacionados e argumenta:

Na área de pesquisa a gente anda um pouco a reboque, dos principais desenvolvimentos e pesquisas internacionais. Só que tem que ser considerado um aspecto, porque muitas vezes essas pesquisas internacionais não refletem exatamente a nossa realidade. Então é preciso tomar um cuidado com isso, não dá pra analisar um contexto de um outro país, ver uma abordagem fantástica, uma teoria que explica algo lá que não necessariamente é aplicável aqui. A gente tem na verdade é que fazer concessões ou reanalisar aquela proposta frente a nossa realidade [Interlocutor 15].

Apesar de apontar as críticas relacionadas aos *habitus* dos pesquisadores do campo, o Interlocutor 5 justifica sua escolha atribuindo às regras do jogo impostas pelo campo, ou seja, regras do jogo científico que geram a conduta adequada àquele momento:

A galera faz mais pesquisa quanti, se tiver uma coisa quali bem feita, vai ser bem feita, os principais *journals* de Administração, eles não são fechados à pesquisa quali, [...] o problema é que as pessoas não fazem pesquisa quali bem feita com um tema. O cara tem que pegar um tema relevante, um tema relevante, que contribua alguma coisa com o conhecimento, e aí precisa fazer uma coisa metodologicamente consistente; se não faz isso, se não tem tema relevante, uma audiência que não faz uma metodologia

consistente, meu amigo, não tem aceitação certa [...] Se me perguntar ‘Qual é a sua tradição de pesquisa?’ Ah, sou positivista, aí sei lá, só quero responder às perguntas que eu me proponho a fazer. Tem um viés mais positivista mesmo, muda tudo que eu responder né; eu to aqui pra dar problema, eu to aqui pra fazer uma teoria que vai ajustamento teórico e que espero que ajude o gestor também, e tem uma questão de entender a realidade e tentar diagnosticar, mas tendo um *report* mais positivista de trabalho quanti, feito nas duas linhas [Interlocutor 5].

Percebe-se que essa definição de ciência que supõe a boa maneira de fazer ciência, a qualificação ou desqualificação do trabalho científico, implica a utilização de análises estatísticas dos dados e formalização dos resultados, instaurando, como medida de toda boa prática científica, o padrão mais favorável às suas capacidades intelectuais. Em outras palavras, aquilo que é percebido como importante e interessante é o que tem chances de ser reconhecido como importante e interessante pelos outros; portanto, aquilo que tem a possibilidade de fazer aparecer aquele que o produz como importante e interessante aos olhos dos outros (BOURDIEU, 1983), conforme se encontra evidenciado na fala do Interlocutor 17:

A comunidade científica define padrões que ela aceita né. E um dos aspectos que é da própria comunidade que vem de alguma maneira consolidando alguns tipos de trabalho, aceitando com mais facilidade, né, determinados tipos de trabalho, metodologias inclusive. [...] é um quase que comportamento social [...] eles vão definindo o que eles aceitam e o que é rejeitado. No campo da estratégia você tem um determinado subgrupo [...] trabalhando com pesquisas quantitativas mais pesadas, mais robustas [...] ao mesmo tempo a gente percebe que há espaço para trabalhos qualitativos. Existe uma produção rara [...] significativa de trabalhos qualitativos. [...] A questão metodológica, ela tem que ser mais robusta, tem que ser mais rigorosa, senão você não publica naquele periódico. No Brasil a gente percebe que isso, eu acho que nenhum periódico tem uma linha de tutorial tão clara, tão marcante, tão explícita nesse sentido, né. E aí surgem infelizmente, trabalhos que não tem tanta qualidade. Eu acho que quando você tem na comunidade científica que deixa claro que os trabalhos têm [...] rigor científico ‘metológico’ muito forte, isso ajuda a levar o padrão né. O lado negativo aí, às vezes se rejeita novas abordagens metodológicas, abordagens inovadoras, e que acabam não tendo muito espaço. Mas daí vão criar seu próprio espaço em outros periódicos, né, em outros grupos. Isso até certo ponto é positivo na minha avaliação. O problema é a superficialidade que acaba acontecendo em alguns estudos né, sejam qualitativos, sejam quantitativos. Existem muitos trabalhos aí que alegam ser análise de conteúdo e quando você vai ver, na análise de conteúdo ela tem uma parte quantitativa muito pesada e uma interpretação qualitativa que tem que estar fundamentada numa sistemática [...] e aí quando a gente vai ler o artigo não é uma coisa nem outra. Aquela análise de conteúdo é na verdade uma análise de texto, infelizmente. E aí, sem validação [...] falta de aprofundamento da área e na questão metodológica. Mas claro, há trabalhos que tiveram esse cuidado né, principalmente os trabalhos quantitativos, tem uma frequência maior aí de preocupação com rigor né, testes quantitativos robustos. E da parte qualitativa tem coisa muito boa mas que infelizmente a maioria são trabalhos que têm uma fragilidade metodológica [Interlocutor 17].

Nesse relato do Interlocutor 17, é possível perceber o controle das normas do campo científico de estratégia em que o agente se empenha em fazer valer suas razões, seus

argumentos, suas demonstrações e refutações acerca dos métodos, dos instrumentos e das técnicas empregados nas pesquisas. Esse poder sobre as instâncias de reprodução do campo científico assegura a quem o detém uma autoridade estatutária que está muito mais ligada à posição hierárquica que à propriedade intelectual do agente (BOURDIEU, 2011).

As produções científicas dos Interlocutores, objeto de análise desta pesquisa, confirmam essa afirmativa, em especial aqueles que ocupam posições no grupo dominante do campo científico da estratégia demonstraram ter, em sua maioria, pesquisas empíricas e positivistas, com o predomínio de uma visão funcionalista como forma de conceber a estratégia organizacional, corroborando pesquisas já realizadas (MACEDO; BOAVA; ANTONIALLI, 2012; SCHNEIDER, 2013). A evidência desses dados apresenta-se nas próximas subseções.

Esse sistema classificatório preside toda a ideologia e ação de um grupo específico dominante que assegura a reprodução da estrutura do campo. Fica evidente que a conservação dessa estrutura, como demonstrado nas percepções dos Interlocutores, ocorre muitas vezes disfarçada em tomadas de posição epistemológicas e busca rejeitar produções que não operem em função dos padrões estabelecidos pela comunidade científica dominante.

O Interlocutor, 9 ao justificar os padrões estabelecidos no campo científico da estratégia, alega que “as pesquisas quantitativas são para testar teorias e as pesquisas qualitativas para construir teoria” e que não existe muito espaço para pesquisas qualitativas uma vez que os temas de pesquisas são mais “pré-pragmáticos” e que isso é uma consequência da forma como a ciência é feita.

Percebe-se que esse sistema de disposições socialmente constituído funciona como espaço de obrigações, por meio de suas sanções potenciais, que quase sempre possuem a propriedade de operar com a complicitade do *habitus* (BOURDIEU, 1983). Os Interlocutores 7 e 17 percebem as sanções impostas ao campo científico da estratégia:

Na verdade isso de certa forma é algo natural do campo [...] sempre foram durante muito tempo, foram dominantes né?! [...] a ideia de mensurar e de quantificar e trabalhar com uma realidade fortemente objetiva, concreta [...] apreendida por métodos científicos bem elaborados, sempre foi algo predominante na administração. Na estratégia não é diferente. Isso fez com que os periódicos em geral acabassem dando prioridade pra pesquisas quantitativas [...] há um preconceito muito grande em relação à pesquisa qualitativa em termos pejorativos [Interlocutor 7].

Discute-se muito essa questão da dicotomia quali e quanti essa briga por espaço que existe sobre esse assunto dentro da academia de administração né? O que eles levam a gente a refletir o seguinte: pouco importa, até porque a dicotomia ela é utópica né? A gente não consegue delimitar onde é que está o quanti, onde é que começa o quali [...] essa hegemonia da pesquisa funcionalista que está associada à estratégia [...] conduz a uma tendência da reprodução do que já é hegemônico assim, ou seja, é como se a área de estratégia reproduzisse aquilo que a administração como um grande campo tem de



digamos assim, eu vou chamar de mal de origem né [...] estratégia não é essa coisa que se idealiza né, que as teorias, os modelos, os autores, os clássicos da estratégia, tem muito uma relação direta com a questão assim, do mercado, da fama [Interlocutor 17].

O *habitus*, portanto, se constitui em prática, social e individual, um sistema de crenças e disposições duráveis, produto de uma trajetória social, sempre orientado por funções práticas em que agentes envolvidos em um campo desenvolvem a percepção, a apreciação e as crenças sobre o que fazer e o que não fazer (BOURDIEU, 1990).

As estruturas constitutivas apreendidas na regularidade produzem *habitus*, estruturas estruturantes (subjetivas – nas mentes, como a relatada pelo Interlocutor 7 ao afirmar que essa prática da predominância das pesquisas quantitativas é algo natural do campo) e estruturas estruturadas (objetivas – no social, como a relatada também pelo Interlocutor 7, ao argumentar que os periódicos dão prioridade às pesquisas quantitativas) predispostas a funcionar como princípio gerador e estruturador das práticas.

A avaliação subjetiva das chances de sucesso de uma ação determinada numa situação determinada faz intervir todo um corpo de sabedoria semiformal, ditados, lugares-comuns, preceitos éticos e, mais profundamente, princípios inconscientes que regem a moral cotidiana. Sendo produto de um aprendizado dominado por um tipo determinado de regularidades objetivas, determina as condutas de qualquer agente submetido a essas regularidades, como avalia o Interlocutor 4:

Normalmente os textos nacionais são muito ruins. Então eu prefiro pegar aqueles autores que são os que são citados de fato na literatura internacional, eu foco muito a comunidade científica internacional, eu te confesso que não dou muita bola pra academia brasileira [...] eu tenho uma absoluta desconfiança dessas teorias metodológicas modernas, eu acho que elas não funcionam, eu venho de escola tradicional [Interlocutor 4].

O cálculo das probabilidades que a ciência constrói com base em experiências controladas e a partir de dados estabelecidos segundo regras precisas dá conta de assegurar a ordem social do campo, a exemplo do que é apontado pelo Interlocutor 15:

O que a gente percebe ao longo dos últimos anos: conseguir publicar tem se tornado uma exigência cada vez maior, nós temos sido compelidos a um produtivismo, tem que ter artigo saindo o tempo inteiro [...] a gente nota é que os periódicos começam a valorizar ostensivamente, dar um valor bastante grande pra questão da pesquisa quantitativa [...] na verdade eu tenho deixado isso um pouquinho de lado e começado progressivamente a migrar pra artigos mais quantitativos. Só que aí eu vou ter uma noção geral de alguns comportamentos estratégicos padrões, mas não uma riqueza tão grande na compreensão da construção da estratégia de algumas organizações individualmente. Eu vou ter que sacrificar [...] é compelido, sendo levado a isso, a mudar a forma metodológica em virtude da publicação [...] tu tens de uma maneira geral, uma aceitação melhor de artigo de natureza quantitativa do que qualitativa, independentemente do critério. Tu podes fazer um estudo qualitativo fantástico, mas

segundo a percepção dos revisores e até mesmo de editores dos serviços periódicos, há uma tendência à aceitação maior de artigos de natureza quantitativa [Interlocutor 15].

Em razão dessa tendência de se conservar a ordem social estabelecida que está necessariamente implicada na lógica da constituição do *habitus*, as práticas se expõem sempre a receber sanções negativas quando o meio com o qual se defrontam está muito distante daquele ao qual elas estão objetivamente ajustadas (BOURDIEU, 1983). Esse fato, na visão do Interlocutor 22, demonstra que a visão crítica da área de estratégia no Brasil está “alinhada demais com o estrangeiro, ela poderia ousar mais, acho que a gente fica muito limitado aos modelos de fora”. Entretanto, também admite que mudar esse enfoque “é uma estratégia de risco”, pois seguir o *mainstream*, segundo a percepção do Interlocutor 22, “o normal” tem maiores chances de publicação, “você tem uma audiência maior”.

Percebe-se, de maneira geral, o tensionamento pela mudança na forma de pensar, de agir e interagir no campo científico da estratégia, mesmo para aqueles que seguem a ordem social estabelecida, apresentam suas inconformidades com o campo e, ao mesmo tempo, justificam suas disposições como sendo naturais, ajustadas às exigências inscritas nas estruturas do campo. Para Bourdieu (1983, p. 64), “é preciso abandonar todas as teorias que tornam explícita ou implicitamente a prática como uma reação mecânica, diretamente determinada pelas condições antecedentes ao funcionamento mecânico de esquemas pré-estabelecidos”.

Os determinantes das condutas nas pesquisas em estratégia, individuais e coletivas, são as posições ocupadas pelos agentes no campo, reconhecido e legitimado pelo campo. Nessa análise, evidencia-se a preferência pelas pesquisas quantitativas, uns por uma questão de formação, outros por seguirem o *mainstream* do campo e também por entenderem que essas são as regras do jogo. A fim de alcançarem suas aspirações, acabam sendo conduzidos por essa corrente: “como um bom jogador de *rugby* sabe para onde vai a bola e se põe lá onde a bola vai cair, o bom cientista jogador é aquele que, sem ter necessidade de calcular, de ser cínico, faz escolhas que compensam” (BOURDIEU, 1983, p. 28).

Essa conduta nas escolhas pelas pesquisas quantitativas aponta outra prática adotada pelos Interlocutores ao calcularem os periódicos aos quais submeterão o resultado de suas pesquisas, ou seja, aqueles que têm a tendência de publicação de pesquisas quantitativas, pois, nesses, suas chances de serem reconhecidos como importantes e interessantes podem lhes dar a oportunidade de se fazerem aparecer como importantes e interessantes aos olhos dos outros.

Há também outro dado tão relevante quanto o que publicar e onde publicar. Refere-se ao quanto publicar, isto é, a produtividade científica resulta da adoção de uma conduta considerada pelos Interlocutores como uma regra de sobrevivência do pesquisador, que é o sistema de avaliação dos programas de pós-graduação *stricto sensu* da CAPES. O Interlocutor 1 faz um desabafo: “os programas às vezes não são tão atrativos em função da exigência da CAPES [...] quem não fizer 150 pontos, pelo menos 150 pontos, vai ser descredenciado, um problema político infernal”.

O problema apontado pelo Interlocutor 1 reflete o que o Interlocutor 2 aponta: “sem dúvida que a CAPES pressiona muito a questão da produtividade, não vou discutir se é bom ou ruim, mas há uma influência absurda com relação à produtividade”. Com isso, a produção científica do campo fica comprometida, conforme relato do Interlocutor 24:

Algumas vezes você é obrigado a fazer aquela publicação que vai até aqui, porque não dá tempo de fazer mais, e você tem que fazer os duzentos pontos. Isso compromete algumas pesquisas; eu fiz um trabalho que vai sair na RAI agora, que foi uma pesquisa de dez anos em estudos de Alinhamento Estratégico [Interlocutor 24].

Os mecanismos adotados pela CAPES, vistos como “mecanismos de preservação” pelo Interlocutor 17, explica, por vezes, a falta de continuidade nas pesquisas, como já apontado, e também pode ser resultado da diversidade de temas que o pesquisador desenvolve a fim de garantir a pontuação exigida.

Assim, as condições estabelecidas pelos agentes do campo, sejam eles indivíduos ou instituições científicas, direcionam diretamente as escolhas da prática científica, os lugares de publicação, os temas escolhidos e os objetos de interesse. Essa pressão é tão forte que permite produzir um estado de possibilidades e de exigências objetivas, as coações e as exigências do jogo, ainda que não estejam reunidas num código de regras e sejam impostas àqueles que, por terem o sentido do jogo, estão preparados para percebê-las e realizá-las (BOURDIEU, 2004).

#### 4.3 AS POSIÇÕES DOS AGENTES NOS ESPAÇOS ACADÊMICOS

O sistema de posições políticas e científicas constitutivas do campo científico é revelado e expresso em função da posição que o pesquisador ocupa na estrutura do sistema de carreiras possíveis e está ancorado nas diferentes formas de capital. Nesse processo de acumulação do capital científico, que consiste no reconhecimento pelos pares-concorrentes no interior do campo científico, a carreira científica “bem-sucedida” torna-se um processo contínuo de acumulação de capital (BOURDIEU, 1996).

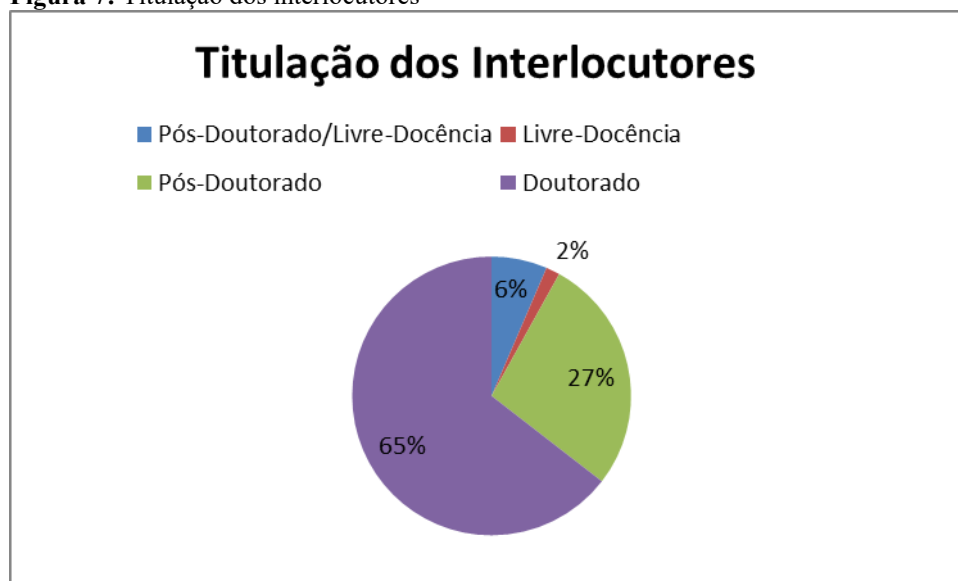
Para compreensão do processo de acumulação do capital científico (capital científico puro e capital científico insitucionalizado) objetivado nas posições ocupadas nas estruturas científicas, se consideraram, além dos cargos administrativos ocupados pelos Interlocutores nas próprias instituições de ensino superior às quais estão afiliados, por suas influências no campo, as suas posições nos comitês editoriais de órgãos de fomento, como o CNPQ, e de associações científicas e acadêmicas, como a ANPAD e a CAPES. Essas instituições têm papel fundamental na expansão, na consolidação e no desenvolvimento da pós-graduação *stricto sensu* no Brasil.

O conjunto dessas características vai definindo os agentes, por tipo de formação, pelas instituições de que faz parte, pelas afiliações de interesse e pela participação em grupos de pressão intelectual, tais como as revistas científicas de prestígio, e contribuem para determinar suas possibilidades de vir a ocupar essa ou aquela posição (BOURDIEU; CHAMBOREDON; PASSERON, 1999).

As próximas duas subseções apresentam a acumulação de capital científico puro e institucionalizado dos Interlocutores. Na subseção seguinte, apresenta-se o resultado do volume de capital científico e puro e como isso impacta o campo científico das pesquisas em estratégia.

#### 4.3.1 Acumulação de capital científico puro

A autoridade científica, uma espécie particular de capital, pode ser acumulada, transmitida e até mesmo reconvertida em outras espécies de capital. A carreira científica tende a estimular um processo contínuo de acumulação de capital, no qual o capital inicial fica representado pelos títulos escolares (BOURDIEU, 1996). Nesse movimento e concordando com aquilo que é valorizado pelo campo, a Figura 7 ilustra a titulação dos Interlocutores para que se possa demonstrar o percentual daqueles que possuem a formação acadêmica de pós-doutor e livre-docência.

**Figura 7:** Titulação dos interlocutores

**Fonte:** Elaborado pela autora com base nos dados da pesquisa.

De acordo com a Figura 7, dos 62 Interlocutores, 4 acumulam o título de Pós-Doutor e Livre-Docência e estão vinculados às seguintes Instituições: PUCSP (Interlocutor 29), USCS (Interlocutor 60) e USP (Interlocutores 13 e 61). O Interlocutor 62, da USP, possui o título de Livre-Docência. Os que possuem o título de Pós-Doutor somam 17 e estão distribuídos nas Instituições UFPE (Interlocutor 1), UFBA (Interlocutor 5), UEM (Interlocutor 8), PUCRS (Interlocutor 15), UNINOVE (Interlocutor 25), PUCSP (Interlocutores 26 e 28), FEI (Interlocutor 31), FGVSP (Interlocutores 34 e 35), FNH (Interlocutor 36), FUFSE (Interlocutor 39), IMED (Interlocutor 41), UFC (Interlocutor 43), UFMS (Interlocutor 46), UMESS (Interlocutor 51) e UPM (Interlocutor 59). A região Sudeste concentra 13 Interlocutores com a formação acadêmica de Pós-Doutorado e Livre-Docência.

Os títulos acadêmicos que são como “garantias de qualidade”, por si mesmos hierarquizados, podem ser convertidos em capitais valorizados pelos pares-concorrentes (BOURDIEU, 1996), favorecendo a acumulação de um forte crédito científico, a exemplo das publicações em revistas prestigiosas (BOURDIEU, 2004). O Quadro 5 apresenta as produções científicas da área de estratégia dos Interlocutores que figuravam como primeiro autor durante toda sua trajetória acadêmica, ranqueando os estratos dos periódicos onde foram publicados.

**Quadro 5:** Estrato dos periódicos dos textos dos agentes

| Estrato | Interlocutores   |
|---------|--|
| A1      | 5 - 9 - 18 - 33 - 34   |
| A2      | 2 - 3 - 4 - 5 - 6 - 7 - 8 - 18 - 19 - 22 - 23 - 24 - 25 - 32 - 34 - 35 - 41 - 45 - 47 - 55 - 58 - 61 |
| B1      | 7 - 21 - 24 - 25 - 35 - 40 - 48 - 55 - 57 - 61   |
| B2      | 1 - 2 - 3 - 5 - 11 - 16 - 19 - 21 - 25 - 34 - 35 - 38 - 41 - 44 - 45 - 53 - 56                       |
| B3      | 1 - 2 - 3 - 7 - 8 - 9 - 14 - 17 - 20 - 23 - 26 - 31 - 38 - 41 - 44 - 54 - 61                         |
| B4      | 8 - 15 - 16 - 31 - 41 - 55 - 56  |
| B5      | 17 - 26 - 31 - 41 - 43 - 44  |
| C       | 17   |

**Fonte:** Elaborado pela autora com base nos dados da pesquisa.

Dos 62 Interlocutores, conforme se pode observar no Quadro 5, 43 apresentaram artigos completos publicados em periódicos, na área de estratégia, em que figuravam como primeiro autor, durante toda a sua trajetória acadêmica. Os que tiveram suas produções em periódicos com estrato Qualis A1 foram os Interlocutores 5, 9, 18, 33 e 34. As publicações em periódico com estrato Qualis A2 somaram 22 Interlocutores: 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 18, 19, 22, 23, 24, 25, 32, 34, 35, 41, 45, 47, 55, 58 e 61. Os demais estão distribuídos nos estratos Qualis B1 (10 Interlocutores), Qualis B2 (17 Interlocutores), Qualis B3 (15 Interlocutores), Qualis B4 (7 Interlocutores), Qualis B5 (6 Interlocutores) e Qualis C (1 Interlocutores). Destaca-se que alguns Interlocutores tiveram publicações em vários estratos.

O Interlocutor 33, da FGVRJ, ocupa posição privilegiada ao apresentar dois artigos publicados em periódicos classificados com Qualis A1. Destaca-se a atuação do Interlocutor 34, da FGVSP, com 6 artigos com Qualis A2. Em seguida, acompanhando o ranqueamento dos artigos publicados em periódicos classificado, têm-se, com estrato Qualis A2, o Interlocutor 25, da UNINOVE, com 5 artigos aprovados, o Interlocutor 18, da PUCRJ, com 4 artigos aprovados, o Interlocutor 5, da UFBA, com 3, e os Interlocutores 8, da UEM, 19, da PUCRJ, 41, da IMED, e 61, da USP, cada um com dois artigos aprovados em Qualis A2.

O espaço de posições vai se definindo à medida que as disposições dos agentes do campo vão emergindo e são reveladas em suas práticas produzidas pelos condicionamentos sociais associados à condição correspondente, ou seja, a posição dos agentes na hierarquia

desse sistema social permite construir uma representação do espaço social capaz de dar conta da distribuição dos poderes e dos privilégios incritos em estruturas de diferenças. Essa condição não pode ser compreendida a não ser construindo o princípio gerador que funda essas diferenças na objetividade, tal como está sendo desenhado nessa análise, que aponta os tipos de capital eficientes desse espaço e que variam de acordo com os lugares e os momentos, legitimados pelos pares-concorrentes (BOURDIEU, 1996).

As diferentes posições no campo, em função do reconhecimento dos pares, classificados no capital científico puro, podem ser vistas nos índices de consagração, tal qual ilustrado no Quadro 6 que apresenta o Índice H dos Interlocutores que obtiveram uma classificação na base de dados *Web of Science*.

**Quadro 6:** Índice H dos Interlocutores

| Índice H | Interlocutores  |
|----------|---|
| 5        | 8 – 9   |
| 4        | 32  |
| 3        | 5 – 25 – 34 – 35 – 57   |
| 2        | 4 – 19 – 22 – 27 – 47   |
| 1        | 2 – 3 – 6 – 10 – 11 – 12 – 13 – 14 – 15 – 16 – 21 – 26 – 28 – 41 – 43 – 49 – 50 – 54 – 56 – 58 – 61 |

**Fonte:** Elaborado pela autora com base nos dados da pesquisa.

O Índice H, conforme se explicou na seção de metodologia, tem sido apropriado por algumas fundações de amparo à pesquisa – CNPQ, FAPs e CAPES – como critério para alocação de recursos e benefícios (LIMA; VELHO; LOPES DE FARIA, 2012), o que remete, mais uma vez, à percepção do Interlocutor 8 de que são os porta-vozes de uma demanda social que se impõem nas lutas internas de concorrência pelo monopólio da definição legítima da prática científica.

*A priori*, um dado relevante é o fato de que, dos 62 agentes desta pesquisa, 34 obtiveram classificação na base de dados *Web of Science*, e os demais apresentaram índice 0. Os Interlocutores 8, da UEM, e 9, da UNISINOS, detêm o maior Índice H (5) entre os pesquisadores da área, seguidos do Interlocutor 32, da FGVRJ, com índice 4. Os Interlocutores 5, da UFBA, 25, da UNINOVE, 34, da FGVSP, e 57, da UNIVALI apresentam Índice H 3. Os demais apresentam Índices entre 2 e 1.

A região Sudeste concentra os Interlocutores com os maiores Índice H. Isso pode estar relacionado ao fato de essa região ser a que concentra o maior número de pesquisadores, como já apresentado anteriormente, favorecendo o desenvolvimento da pesquisa.

Outro fator observado foi a relação entre os Interlocutores que apresentaram os maiores Índices e sua afiliação, apontando, de acordo com as fichas de avaliação trienal do

programa (2010-2012), a data de início das atividades no programa e a nota atribuída pela CAPES.

Na UEM, instituição à qual se encontra vinculado o Interlocutor 8, com Índice H 5, as atividades do programa foram iniciadas em 2010. Entretanto, o programa se originou, em 2000, de um consórcio com a Universidade Estadual de Londrina, cuja nota chancelada na avaliação foi 4, tendo apresentado níveis muito bons de produção intelectual.

O Interlocutor 9, com Índice H 5, é vinculado ao programa da UNISINOS, que teve início de suas atividades do programa em 2000, foi avaliado com a nota 5 e apresentou nível muito bom de produção intelectual.

A FGVRJ iniciou suas atividades no programa de mestrado em 1967, obteve nota 6 na última avaliação e apresentou uma produção intelectual muito boa. O Índice H do Interlocutor 32, vinculado a essa instituição, é 4.

Os Interlocutores 5, 25, 34, 35 e 57, com Índice H 3, estão vinculados às seguintes Instituições de Ensino Superior, respectivamente: UFBA, com início das atividades em 1983, que obteve nota 5 e conceito muito bom na produção intelectual; UNINOVE, que iniciou suas atividades em 2006, apresentou nota 5 com uma produção intelectual muito boa; FGVSP (Interlocutores 35 e 36) iniciou o curso de mestrado em 1974 e o de Doutorado em 1976 e apresentou níveis muito bons de produção intelectual; e UNIVALI, com início das atividades do programa em 2003, nota 4 e níveis de produção intelectual muito bons.

Vale ressaltar que esta pesquisa não se aprofundou na análise do Índice H dos Interlocutores e que a identificação do início das atividades dos docentes nas pesquisas mostrou que os Interlocutores 8 e 9, que apresentaram o maior Índice H (5) da área, estão vinculados aos programas desde 2006 e 2015, respectivamente.

A análise revela ainda que os detentores dos maiores índices são justamente os que recebem bolsa produtividade em pesquisa, a exemplo do Interlocutor 8, com Índice H 5, do Interlocutor 32, com Índice H 4, e dos Interlocutores 5, 34, 35 e 57, com Índice H 3. Os demais apresentaram Índice H entre 2 e 1. O Quadro 7 ilustra essa realidade.



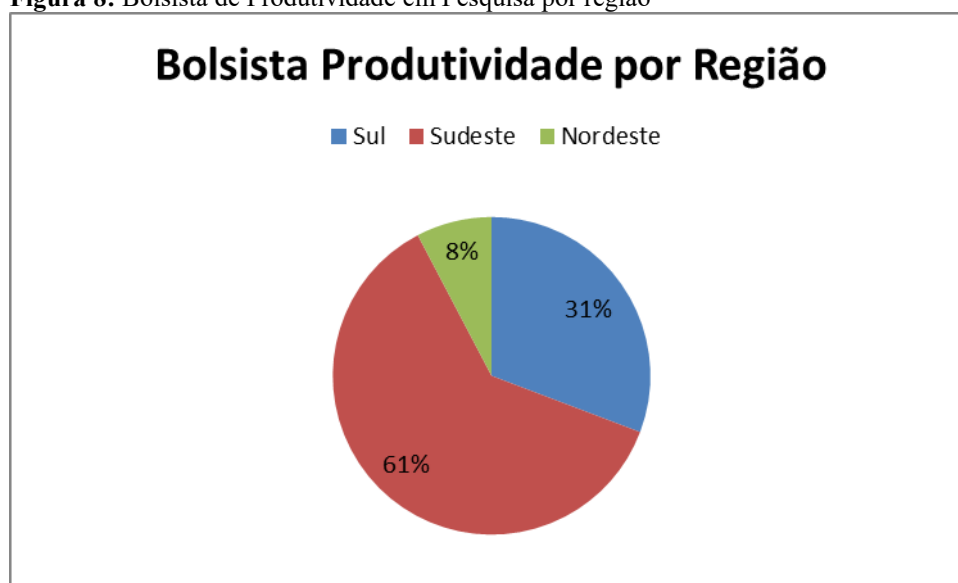
**Quadro 7:** Bolsa Produtividade X Índice H

| Índice H | Interlocutores | Universidade |
|----------|----------------|--------------|
| 5        | 8              | UEM          |
| 4        | 32             | FGVRJ        |
| 3        | 5              | UFBA         |
| 3        | 34 - 35        | FGVSP        |
| 3        | 57             | UNIVALI      |
| 2        | 19             | PUCRJ        |
| 2        | 22             | UFRJ         |
| 1        | 3              | UFSC         |
| 1        | 6              | UCS          |
| 1        | 12             | UFES         |
| 1        | 13 - 61        | USP          |

**Fonte:** Elaborado pela autora com base nos dados da pesquisa.

Além do exposto no Quadro 7, a análise dos dados evidenciou que, dos 184 bolsistas do CNPq da área de administração, 13 desenvolvem pesquisas com o tema da estratégia, ou seja, 7%, e figuram como parte nesta pesquisa. A concessão de bolsas de produtividade em pesquisa é destinada aos pesquisadores que se destacam entre seus pares, valorizando sua produção científica (BRASIL, 2016), sendo um forte componente de avaliação o Índice H, que serve de baliza para a qualificação científica na priorização das propostas.

É perceptível a concentração de bolsistas produtividade na região Sudeste, com 8 dos 13 Interlocutores, enquanto que os demais se dividem entre as regiões Sul (4 Interlocutores) e Nordeste (1 Interlocutor). O estado de São Paulo lidera o *ranking* com o maior número de bolsistas (4). A Figura 8 ilustra a distribuição por região dos Bolsistas de Produtividade em Pesquisa do CNPq.

**Figura 8:** Bolsista de Produtividade em Pesquisa por região

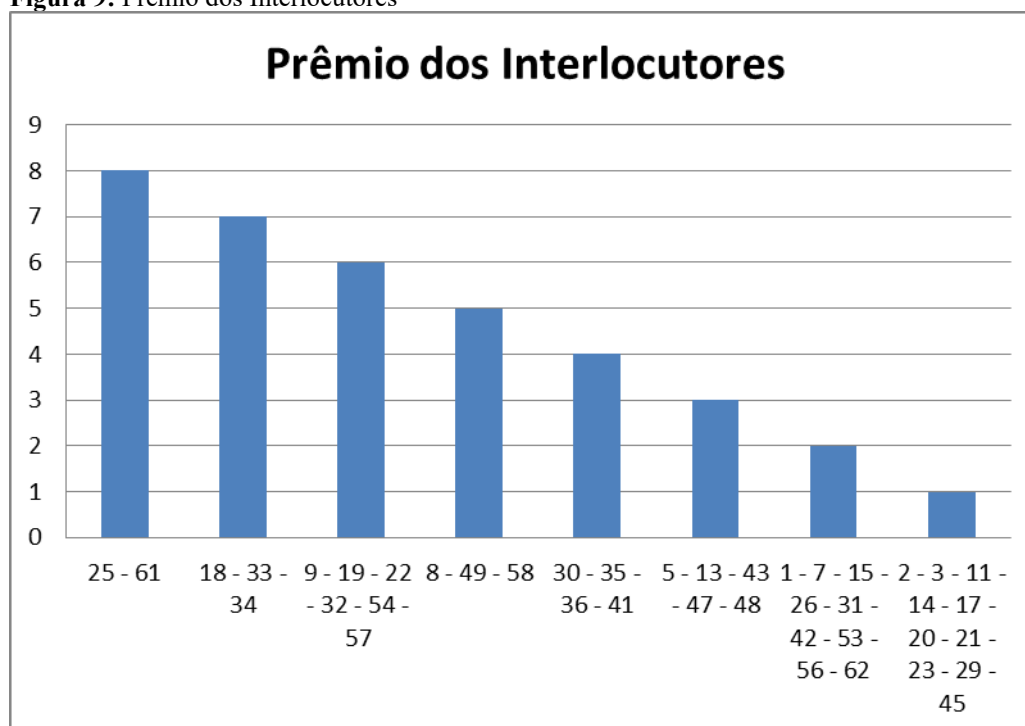
**Fonte:** Elaborada pela autora com base nos dados da pesquisa.

O fato de a região Sudeste concentrar o maior número de bolsistas produtividade em pesquisa pode estar relacionado à infraestrutura disponível nas instituições acadêmicas e de pesquisa da região (SANTOS; CÂNDIDO; KUPPENS, 2010). Demonstra também a influência dos agentes da região Sudeste, que concentra os detentores dos maiores Índice H no campo das pesquisas em estratégia, uma vez que esse índice reflete a produtividade e o impacto do trabalho do pesquisador com base nos seus artigos mais citados.

Vale destacar que a região Sudeste recebeu 53% das bolsas em produtividade em pesquisa na área de administração no ano de 2015, percentual que não se diferencia de anos anteriores, o que demonstra a predominância no recebimento de recursos da região (CNPq, 2015).

A estrutura do campo se define, a cada momento, pelas relações de força e designa a cada agente suas estratégias segundo a posição que ele ocupa na estrutura do campo e também segundo as variáveis secundárias, tais como a trajetória do agente na academia que comanda a avaliação das oportunidades (ORTIZ, 1983) e que se encarregam da consagração aos que realizam o ideal da excelência científica concedendo prêmios de reconhecimento pelos feitos. Para conhecer os laureados do campo das pesquisas em estratégia, fez-se o mapeamento no *Lattes*, o qual revelou quem são esses reconhecidos e legitimados pelo campo. A Figura 9 expõe esse resultado, indicando a quantidade de prêmios recebida pelos Interlocutores.

**Figura 9:** Prêmio dos Interlocutores



**Fonte:** Elaborada pela autora com base nos dados da pesquisa

Observa-se, por meio do Gráfico 9, que alguns Interlocutores acumulam números significativos de prêmios, como os Interlocutores 61, da USP, e 25, da UNINOVE, cada um com 8 prêmios, e os Interlocutores 18, da PUCRJ, 33, da FGVRJ, e 34, da FGVSP, detentores de 7 prêmios cada um.

Alguns desses prêmios são tidos como relevantes para a área de administração, tais como os da ANPAD, recebidos pelos Interlocutores 1, da UFPE, 5, da UFBA, 7, da FUCAPE, 8, da UEM, 9 e 30, da UNISINOS, 13, da USP, 18, da PUCRJ, 22, da UFRJ, 32, da FGVRJ, 34 e 35, da FGVSP, 42, da UECE, 45, da UFLA, 47, da UFRGS, 49, da UFU, 57, da UNIVALI e 58, da UP.

Os Interlocutores 5, da UFBA, 8, da UEM, 9, da UNISINOS, 14, da UNIGRANRIO, 19, da PUCRJ, 22, da UFRJ, 23, da UNIFACS, 25, da UNINOVE, 30, da UNISINOS, 32, da FEI, 33, da FGVRJ, 34 e 35, da FGVSP, 36, da FNH, 47, da UFRGS, e 57, da UNIVALI, receberam Prêmios Internacionais.

A dinâmica do campo científico percebida no reconhecimento marcado e garantido socialmente por um conjunto de sinais específicos de consagração, atribuída pelos pares-concorrentes, concede a cada um de seus membros um valor distintivo de seus produtos, a exemplo dos prêmios que parecem ser objeto de desejo dos agentes do campo. Isso se revela na fala do Interlocutor 18:

Eu também acho que sou o cara mais premiado pela ANPAD, tanto é que lá pelas tantas eu ouvi comentário do coordenador de área pra não poder mais ganhar prêmio. Todo esse negócio de eu ser presidente, diretor científico foi um plano maquiavélico só para eu não mais ganhar prêmio. Impressionante. [...] Quer dizer, desde 2000 eu tinha ganho uns 4 ou 5 prêmios do ANPAD. De 95 a 2000... 2001. Aí eu fui ser coordenador de área, da área estratégica. Aí não pude mais ganhar prêmio nenhum. Se bem que eu ganhei um (hoje) [Interlocutor 18].

Na distribuição dessas fontes de capital científico, tais como a premiação aos agentes do campo, percebe-se que não há uma distribuição uniforme, havendo sempre os que figuram como acumuladores de crédito específico num dado momento e que são caracterizados pelo volume de seu capital.

Tal estrutura é determinada, portanto, pela distribuição do capital científico, ou seja, os agentes caracterizados pelo volume de seu capital determinam a estrutura do campo em proporção ao seu peso, que depende do peso de todos os outros agentes. O Interlocutor 8 expressa da seguinte forma essa distribuição:

Se você hoje é um professor com produtividade em pesquisa [...] você tem uma visibilidade na universidade, na área, maior. Aí é uma questão que é tola, mas é inegável. Eu acho que é tola, mas eu também não posso deixar de dizer que eu sinto essas coisas, né, que ao ser um pesquisador vinculado ao CNPq, ao ter pesquisas

financiadas, você passa a ter voz, você passa a poder dizer: olha, talvez devamos fazer de tal modo e as pessoas ouvirem. Na medida em que a gente dá voz e tira a voz da pessoa, se ela tem ou não tem produtividade, se ela tem ou não tem pesquisa financiada pela CAPES e CNPq, se ela participa ou não participa de uma das reuniões da CAPES ou do CNPq, se ela coordena ou não coordena um evento da ANPAD, né, essas coisas fazem sim diferença [Interlocutor 8].

O exposto pelo Interlocutor 8 revela que ele tem consciência do papel da competição e do prestígio no desenvolvimento de sua carreira e que depende também de sua reputação junto aos colegas obter fundos para pesquisa, para atrair estudantes de qualidade, para conseguir subsídios e bolsas, convites, consultas, prêmios, entre outros. Igualmente é visível que não há escolhas científicas – do objeto, dos métodos ou do lugar de publicação – que não sejam uma estratégia política de investimento, objetivamente orientada para a maximização do lucro científico, para a obtenção do reconhecimento dos pares-concorrentes (BOURDIEU, 1996).

Esse processo de articulação das estratégias em busca de um capital científico continua com o acesso aos cargos administrativos e está ligado à ocupação de posições importantes nas instituições científicas. Discute-se sobre isso na próxima subseção.

#### 4.3.2 Acumulação de capital científico institucionalizado

A estrutura do campo científico vai se definindo pela estrutura da distribuição do capital específico e está objetivada nas instituições e nas disposições pelo estado de relações de força. As transformações do campo vão ganhando sentido na valorização que os pares-concorrentes dão à posse do capital que o sistema escolar confere, sob a forma de um título raro, como as demonstradas na acumulação do capital científico puro e também na acumulação do capital, os cargos da carreira administrativa e científica. No Quadro 8, encontra-se o capital institucionalizado dos Interlocutores, acumulado por meio dos cargos ocupados. Extraíram-se os cargos apresentados do texto informado pelo autor nas apresentações do *Lattes*, pois, do ponto de vista da pesquisadora, concentra as principais atuações do pesquisador.

**Quadro 8:** Cargos ocupados pelos Interlocutores

| Interlocutores   | Cargos   |
|--|--|
| 3 – 10 – 20 – 24 – 28 – 31 – 38 – 39 – 40 – 44 – 46 – 47 – 49 – 52 – 54 – 57   | Coordenador de Cursos de Graduação               |
| 1 – 8 – 11 – 17 – 19 – 20 – 21 – 23 – 26 – 35 – 42 – 43 – 44 – 46 – 47 – 50 – 55 – 56 – 58 – 59 – 62 – 63  | Coordenador de Programas de Mestrado e Doutorado |
| 17 – 20 – 21 – 28 – 62   | Diretor de Centro                                |
| 17 – 57 – 59   | Cargos de Pró-Reitoria                           |
| 28 – 31 – 33 – 38 – 44   | Cargos de Direção de Universidade                |
| 12 – 19 – 26 – 36  | Consultor do CNPq                                |
| 19 – 26 – 36 – 55 – 58   | Consultor da CAPES                               |
| 1 – 18 – 19 – 30 – 31 – 33 – 35 – 36 – 55 – 58   | Cargos na ANPAD                                  |
| 1 – 3 – 5 – 6 – 8 – 9 – 11 – 12 – 13 – 14 – 18 – 19 – 20 – 21 – 22 – 23 – 25 – 26 – 27 – 28 – 30 – 31 – 33 – 34 – 35 – 36 – 42 – 44 – 46 – 48 – 49 – 50 – 54 – 55 – 57 – 58 – 59<br>60 | Membro de Corpo Editorial                        |

**Fonte:** Elaborado pela autora com base nos dados da pesquisa.

Observa-se, no Quadro 8, que as posições ocupadas pelos Interlocutores se destacam no Cargo de Coordenador de Programas de Mestrado e Doutorado, concentrando 22 Interlocutores. Isso representa, aproximadamente, 35% dos agentes da pesquisa que ocupam ou ocuparam esse cargo. Também é expressivo o quantitativo dos Interlocutores no cargo de Coordenador de Curso, somando 16 agentes. Na carreira institucional, ainda figuram como ocupantes dos cargos administrativos, 5, como Diretores de Centro, 3, com o cargo de Pró-Reitor, e 5 ocupantes de cargos de Direção de Universidade.

Percebe-se que alguns Interlocutores, em sua trajetória, se desenvolveram na estrutura do sistema de carreira dos cargos, a exemplo dos Interlocutores 20, 44, 46 e 47 que ocuparam cargos de Coordenador de Curso e Coordenador de Programa de Mestrado e Doutorado. É possível verificar, também, que o Interlocutor 20, em sua trajetória, ocupou os cargos de Coordenador de Curso, Coordenador de Programa de Mestrado e Doutorado e de Diretor de Centro.

O exposto leva ao entendimento de que os agentes conhecem as relações de força, fenômenos de concentração do capital e do poder que implicam na apropriação dos meios de

produção e de reprodução. Conhecem também os mecanismos de intrusões no campo, tornando-se visíveis, principalmente no direito de entrada imposto aos recém-chegados e que depende do capital científico coletivamente acumulado (BOURDIEU, 2004).

Para a composição do capital institucionalizado, também se relacionou a participação dos Interlocutores como membros de corpo editorial, uma vez que essa participação se constitui como reconhecimento à capacidade técnica e científica do agente para qualificar e avaliar os trabalhos submetidos, sendo o parecer desse o maior parâmetro para a seleção do que deve ser publicado (MARCHIORI, 2001). O Quadro 9 aponta os Interlocutores que fazem parte de Corpo Editorial das Revistas Científicas da área, ranqueado pelos estratos Qualis dos periódicos.

**Quadro 9:** Interlocutores que compõem o corpo editorial das Revistas Científicas

| Qualis                              | Interlocutores   |
|-------------------------------------|--|
| A1                                  | 22 (UFRJ)  |
| A2                                  | 5 (UFBA), 18 e 19 (PUCRJ), 23 (UNIFACS), 25 (UNINOVE), 30 (UNISINOS), 32 (FGVRJ), 34 e 35 (FGVSP), 47 (UFRGS), 59 (UPM) e 13 - 61 (USP)                        |
| B1                                  | 3 (UFSC), 25 (UNINOVE), 29 (UFU) e 58 (UP)   |
| B2                                  | 3 (UFSC), 8 (UEM), 11 (UFSM), 19 (PUCRJ), 20 (FUMEC), 25 (UNINOVE), 30 (UNISINOS), 32 (FGVRJ), 34 e 35 (FGVSP), 54 (UNIFOR), 62 (USP)                          |
| B3                                  | 22 (UFRJ), 23 (UNIFACS), 25 (UNINOVE), 26 (PUCSP), 34 (FGVSP), 43 (UFC), 45 (UFLA), 50 (UFU), 54 (UNAMA), 54 (UNIFOR), 56 e 57 (UNIVALI), 59 (UPM) e 62 (USP)  |
| B4                                  | 1 (UFPE), 3 (UFSC), 9 (UNISINOS), 11 (UFSM), 12 (UFES), 18 (PUCRJ), 26 e 27 (PUCSP), 30 (UNISINOS), 35 (FGVSP), 43 (UFC), 54 (UNIFOR), 56 (UNIVALI) e 59 (UPM) |
| B5                                  | 19 (PUCRJ), 21 (UDESC), 28 (PUCSP) e 56 (UNIVALI)  |
| C                                   | 20 (FUMEC)   |
| Revistas nacionais sem estrato      | 3 (UFSC), 6 (UCS), 12 (UFES), 18 (PUCRJ), 20 (FUMEC), 28 (PUCSP), 34 (FGVSP), 41 (IMED), 43 (UFC), 48 (UFRN), 59 (UPM) e 60 (USCS)                             |
| Revistas Internacionais sem estrato | 14 (UNIGRANRIO), 25 (UNINOVE), 26 (PUCSP), 33 (FGVRJ), 34 (FGVSP)  |

**Fonte:** Elaborado pela autora com base nos dados da pesquisa

Ao analisar a participação dos Interlocutores na composição do corpo editorial dos periódicos apresentados, verificou-se, conforme pode ser observado no Quadro 9, que 15 periódicos não estão estratificados, dos quais 6 são internacionais. A não avaliação pelo sistema Qualis da CAPES das revistas apontadas pode ter ocorrido por não haver pesquisador vinculado à pós-graduação *stricto sensu* no país publicando nessas revistas.

A participação como membro do corpo editorial dos periódicos Internacionais demonstra os contatos que são mantidos, não apenas com os periódicos, mas também com as instituições afiliadas. Esse aspecto é considerado importante e pode reforçar o prestígio do

pesquisador. Os Interlocutores 14, 18, 22, 25, 26, 33 e 34 são membros de corpo editorial de periódicos internacionais.

Os dados revelam que apenas o Interlocutor 22, da UFRJ, faz parte do corpo editorial de um periódico classificado pelo sistema Qualis com estrato A1, sendo essa uma Revista Internacional. Os Interlocutores 5 (UFBA), 18 (PUCRJ), 19 (PUCRJ), 23 (UNIFACS), 25 (UNINOVE), 30 (UNISINOS), 32 (FGVRJ), 34 e 35 (FGVSP), 47 (UFRGS), 59 (UPM) e 13 e 61 (USP) compõem o corpo editorial de periódico com estrato A2. Dos 14 Interlocutores, 10 estão concentrados na região Sudeste, nos Estados de São Paulo (6) e Rio de Janeiro (4).

Após descrita as fontes de capital institucional em que foram considerados os indicadores da análise dos currículos *Lattes* adotados na Unioeste para aqueles que concorrem a uma vaga na carreira docente, assim como adaptado de Teixeira et al (2011), foi possível viabilizar a determinação do volume de capital científico puro e institucionalizado acumulados pelos agentes do campo científico da estratégia, os quais estão apresentados na próxima subseção.

#### 4.3.3 Volume do capital científico acumulado pelos agentes

A estrutura do campo científico pode ser medida em um determinado momento do tempo por meio das relações de força entre os agentes, ou mais precisamente, entre os poderes que eles detêm. Para conhecer a posição ocupada na estrutura do campo científico da estratégia, assim como apresentado no delineamento da pesquisa, somou-se a pontuação obtida em cada grupo de indicadores de capital científico puro e de capital científico institucionalizado e multiplicou-se pelo peso correspondente ao volume de capital acumulado pelos Interlocutores ao longo de sua trajetória acadêmica. A Tabela 4 apresenta o volume do capital científico acumulado pelos Interlocutores por ordem do volume do capital científico.

**Tabela 4:** Volume do capital científico puro e institucionalizado dos Interlocutores

| Interlocutores | Capital Puro | Capital Institucionalizado | Volume do Capital | Interlocutores | Capital Puro | Capital Institucionalizado | Volume do Capital |
|----------------|--------------|----------------------------|-------------------|----------------|--------------|----------------------------|-------------------|
| 34             | 364          | 23                         | 387               | 57             | 52           | 21                         | 73                |
| 25             | 366          | 9                          | 375               | 21             | 32           | 31                         | 63                |
| 8              | 352          | 11                         | 363               | 20             | 7            | 43                         | 50                |
| 61             | 311          | 31                         | 342               | 22             | 47           | 2                          | 49                |
| 5              | 336          | 3                          | 339               | 33             | 39           | 3                          | 42                |
| 35             | 313          | 21                         | 334               | 37             | 0            | 40                         | 40                |
| 28             | 260          | 62                         | 322               | 45             | 17           | 21                         | 38                |
| 43             | 265          | 53                         | 318               | 47             | 36           | 1                          | 37                |
| 41             | 305          | 13                         | 318               | 2              | 37           | 0                          | 37                |
| 26             | 284          | 23                         | 307               | 11             | 17           | 13                         | 30                |
| 1              | 269          | 18                         | 287               | 55             | 20           | 10                         | 30                |
| 13             | 271          | 1                          | 272               | 4              | 30           | 0                          | 30                |
| 46             | 250          | 20                         | 270               | 23             | 17           | 12                         | 29                |
| 31             | 269          | 0                          | 269               | 16             | 27           | 0                          | 27                |
| 62             | 254          | 13                         | 267               | 6              | 25           | 1                          | 26                |
| 15             | 264          | 0                          | 264               | 24             | 15           | 10                         | 25                |
| 39             | 250          | 10                         | 260               | 7              | 24           | 0                          | 24                |
| 51             | 250          | 10                         | 260               | 12             | 15           | 8                          | 23                |
| 36             | 258          | 0                          | 258               | 49             | 10           | 12                         | 22                |
| 59             | 250          | 4                          | 254               | 48             | 11           | 11                         | 22                |
| 29             | 252          | 0                          | 252               | 27             | 20           | 1                          | 21                |
| 60             | 250          | 1                          | 251               | 44             | 21           | 0                          | 21                |
| 32             | 72           | 37                         | 109               | 53             | 9            | 11                         | 20                |
| 19             | 62           | 31                         | 93                | 10             | 10           | 10                         | 20                |
| 56             | 29           | 53                         | 82                | 38             | 10           | 10                         | 20                |
| 17             | 11           | 70                         | 81                | 50             | 20           | 0                          | 20                |
| 58             | 30           | 51                         | 81                | 14             | 17           | 1                          | 18                |
| 3              | 62           | 17                         | 79                | 42             | 6            | 10                         | 16                |
| 9              | 77           | 2                          | 79                | 30             | 8            | 8                          | 16                |
| 54             | 52           | 25                         | 77                | 40             | 13           | 0                          | 13                |
| 18             | 64           | 11                         | 75                | 52             | 0            | 0                          | 0                 |

**Fonte:** Elaborada pela autora com base nos dados da pesquisa.

Com base em Teixeira et al. (2011), optou-se por dividir os Interlocutores em grupos para que se conhecessem aqueles com níveis de capital científico medianos e os de níveis de capital científico mais extremos. Para a divisão dos intervalos, subtraiu-se a maior pontuação



obtida pela menor (387 – 13) que resultou na amplitude das pontuações, sendo o valor de 374. Dividiu-se essa amplitude em três para viabilizar a amplitude dos intervalos, que foi de 124,67. A Tabela 5 ilustra o procedimento adotado para a divisão dos Interlocutores em grupo.

**Tabela 5:** Divisão dos Interlocutores em grupo

| Grupo | Intervalo de Pontos |
|-------|---------------------|
| A     | 387 – 262,33        |
| B     | 262,34 – 137,67     |
| C     | 137,68 – 13         |

**Fonte:** Elaborada pela autora com base nos dados da pesquisa.

Construídos os intervalos, classificaram-se os Interlocutores conforme demonstrado no Quadro 10.

**Quadro 10:** Classificação dos Interlocutores por Grupo

| Grupo | Interlocutores   |
|-------|--|
| A     | 34 (FGVSP), 25 (UNINOVE), 8 (UEM), 61 (USP), 5 (UFBA), 35 (FGVSP), 28 (PUCSP), 41 (IMED), 43 (UFC), 26 (PUCSP), 1 (UFPE), 13 (USP), 46 (UFMS), 31 (FEI), 62 (USP) e 15 (PUCRS)   |
| B     | 39 (FUFSE), 51 (UMESP), 36 (FNH), 59 (UPM), 29 (PUCSP) e 60 (USCS)   |
| C     | 32 (FGVRJ), 19 (PUCRJ), 56 (UNIVALI), 17 (PUCPR), 58 (UP), 3 (UFSC), 9 (UNISINOS), 54 (UNIFOR), 18 (PUCRJ), 57 (UNIVALI), 21 (UDESC), 20 (FUMEC), 22 (UFRJ), 33 (FGVRJ), 37 (FUFSE), 45 (UFLA), 2 (UFPB), 47 (UFRGS), 4 (PUCMINAS), 11 (UFMS), 55 (UNIR), 23 (UNIFACS), 16 (UNISUL), 6 (UCS), 24 (UFPR), 7 (FUCAPE), 12 (UFES), 48 (UFRN), 49 (UFU), 27 (PUCSP), 44 (UFG), 10 (UFF), 38 (FUFSE), 50 (UFV), 53 (UNAMA), 14 (UNIGRANRIO), 30 (UNISINOS), 42 (UECE), 40 (FURB) e 52 (UNAMA) |

**Fonte:** Elaborado pela autora com base nos dados da pesquisa

A classificação exposta no Quadro 10 possibilitou que se chegasse aos seguintes resultados: o Grupo A representa 26% dos Interlocutores, e estes detêm 61% do capital científico acumulado do campo; o Grupo B representa 10 % e detém 19% do capital enquanto que o grupo C representa 65% e acumula 20% de capital científico. Esse resultado vai ao encontro da percepção de Bourdieu (1983) sobre a distribuição do capital científico no campo. O autor alega que as comunicações no campo se dão enquanto interações socialmente estruturadas numa relação de poder que reproduz a distribuição desigual de poderes. É possível que os Interlocutores que ocupam seus lugares no Grupo A, posições hierarquicamente reconhecidas, demonstradas no volume de capital científico acumulado, possuam individualmente maior celebridade e prestígio; também são, entretanto, detentores do poder de impor a outros componentes do campo a definição da ciência que melhor se ajuste aos seus interesses específicos e que lhes permita ocupar, com toda legitimidade, a posição dominante (BOURDIEU, 1983).

Essa divisão do campo – de um lado, os dominantes, e de outro, os dominados – implica uma distinção entre ortodoxia – que corresponde à prática que pretende conservar

intacto o capital acumulado – e heterodoxia – que tende a desacreditar os detentores reais de um capital legítimo (BOURDIEU, 1983). A estratégia se orienta em função da posição que os agentes detêm no interior do campo, em que se pesem os Interlocutores advindos das Grandes Escolas, tais como os Interlocutores 34 e 35 da FGVSP e 13, 61 e 62 da USP, ou seja, o fato de serem advindos de uma escola com nota 7 confere a eles, certamente, maior potencialidade de realizar suas aspirações do que outros que se originam de escolas de menor prestígio, tais como alguns dos Interlocutores enquadrados no Grupo C.

Outro fato relevante na leitura dos dados é que a acumulação de capital científico puro é inversamente proporcional à acumulação de capital científico institucionalizado, ou seja, quanto maior o capital puro, menor o capital institucionalizado ou quanto maior o capital institucionalizado, menor o capital puro. Esse dado pode ser observado na trajetória dos Interlocutores. Isso significa que, num determinado estado do campo, os Interlocutores ou dedicavam seu tempo à pesquisa ou a ocupar cargos administrativos.

A obtenção de capital institucionalizado exige do agente tempo para dedicar-se às atividades administrativas, como participação em reuniões, comissões, entre outras questões que envolvem a participação direta na administração. Isso implica a redução de seu tempo disponível para a pesquisa. Essa constatação foi explicitada pelo Interlocutor 17:

Eu sou atualmente o pró-reitor acadêmico então minha dedicação à pesquisa né, ela infelizmente tá reduzida, né, em função do cargo que eu tenho hoje [...] não tem como ter a mesma atuação na pesquisa como eu tinha ou como alguém que não está no cargo tenha [...] achando que eu vou produzir ou que vou pesquisar exatamente com a mesma intensidade do que alguém que está dedicado 100% a isto [...] claro que a dedicação é bem mais restrita [Interlocutor 17].

Para acumular tanto o capital científico puro quanto o capital científico institucionalizado é necessário um esforço maior do agente, assim como observa o Interlocutor 14:

Esse excesso de reuniões, esse excesso de pequenas burocracias, isso acaba atrapalhando o trabalho do professor que já é um trabalho muito pesado, [...] Você até perguntou: como é que você arruma tempo pra fazer tudo isso, né? A gente tem que se virar, né? Se vira nos trinta, né? [Interlocutor 17].

Em sua análise do campo científico, Bourdieu (1983) concluiu que todas as práticas estão orientadas para a aquisição de autoridade científica (prestígio, reconhecimento, celebridade). Nesse sentido, ainda que os relatos dos Interlocutores apresentem as dificuldades da acumulação de papéis, como a de pesquisador e a de ocupar cargos administrativos, percebe-se, ao longo de suas trajetórias, que suas disposições são ajustadas conscientemente às suas aspirações, às suas chances de sucesso. Cada agente age sob a

pressão da estrutura que se impõe a ele dentro de uma hierarquia social dos campos científicos que orienta fortemente suas práticas, suas escolhas.

Assim como outros campos, o campo científico da estratégia é objeto de luta, tanto em sua representação quanto em sua realidade. Os agentes não são partículas passivamente conduzidas pelas forças do campo; eles têm disposições adquiridas e podem, caso lhes seja conveniente, opor-se às forças do campo.

#### 4.4 ESTRUTURA DE DOMINAÇÃO NAS PESQUISAS EM ESTRATÉGIA

Depois de analisar os *habitus* e o capital científico acumulado pelos agentes do campo científico da estratégia, faz-se a apresentação, nesta subseção, dos dados específicos sobre a produção científica dos Interlocutores sob a forma de artigos completos publicados em periódicos, nos quais figuravam como primeiro autor. O Interlocutor 5 atribui o valor que dá aos artigos em que figura como primeiro autor:

As que eu sou primeiro autor, meu amigo, é porque eu sou o primeiro autor, eu fiz mais que 50, 60% do *paper*, colocar 50 pra ser modesto, porque se eu sou primeiro autor, é que eu sou idealizador do projeto, a ideia foi minha, eu liderei, eu fiz a maior parte do trabalho. Não é por ordem alfabética não [Interlocutor 5].

O levantamento da produção científica dos Interlocutores totalizou 142 artigos. Apresenta-se, na Tabela 6, o número de publicações por ano, desde 1987, ano em que foi identificado o primeiro artigo.

**Tabela 6:** Número de publicações dos Interlocutores por ano

| Ano  | Nº de artigos |
|------|---------------|
| 1987 | 1             |
| 1991 | 1             |
| 1992 | 1             |
| 1996 | 1             |
| 1997 | 2             |
| 1998 | 2             |
| 1999 | 1             |
| 2000 | 3             |
| 2002 | 2             |
| 2003 | 7             |
| 2004 | 5             |
| 2005 | 7             |
| 2006 | 7             |
| 2007 | 15            |
| 2008 | 9             |
| 2009 | 12            |
| 2010 | 15            |
| 2011 | 16            |
| 2012 | 8             |
| 2013 | 8             |
| 2014 | 9             |
| 2015 | 10            |

**Fonte:** Elaborada pela autora com base nos dados da pesquisa.

Percebe-se, por meio da Tabela 6, que, a partir do ano de 2003, houve uma elevação no número de artigos publicados em periódicos. Esse fato pode estar atrelado aos relatórios de avaliação trienal da CAPES da área de administração, que apontava uma valorização dos agentes do campo nos eventos. Em 2009, os eventos deixaram de ser pontuados pelo sistema de avaliação da CAPES. O Interlocutor 13 faz uma observação com relação ao fato:

2 triênios atrás você tinha a pontuação dos congressos [...] Naquela época eu praticamente não tinha artigo publicado em revista. Só em congresso [...] Depois mudou e a regra [...] realmente era uma distorção muito grande que a gente tinha na nossa área [...] fora do (Brasil) também não era assim [...] o congresso não é repositório, você está entendendo, de produção científica [...] O fim de uma produção definitiva é periódico [ Interlocutor 13].

A Tabela 7 ilustra a distribuição da produção científica por Interlocutor. Vale destacar que dos 62 Interlocutores, 19 não apresentaram artigos como primeiro autor.

**Tabela 7:** Produção científica por Interlocutor

| <b>Interlocutores</b>   | <b>Quantidade de Artigos</b> |
|---|------------------------------|
| 25 (UNINOVE)  | 10                           |
| 3 (UFSC)  | 8                            |
| 26 (PUCSP) - 34 (FGVSP) - 41 (IMED) - 54 (UNIFOR)   | 7                            |
| 5 (UFBA) - 8 (UEM) - 18 (PUCRJ)   | 5                            |
| 2 (UFPB) - 21 (UDESC) - 33 (FGVRJ) - 61 (USP)   | 4                            |
| 1 (UFPE) - 7 (FUCAPE) - 16 (UNISUL) - 17 (PUCPR) - 19 (PUCRJ) - 24 (UFPR) - 31 (FEI) - 35 (FGVSP) - 44 (UFG) - 55 (UNIR)  | 3                            |
| 9 (UNISINOS) - 23 (UNIFACS) - 32 (FGVRJ) - 38 (FUFSE) - 45 (UFLA)   | 2                            |
| 4 (PUCMG) - 6 (UCS) - 11 (UFSM) - 14 (UNIGRANRIO) - 15 (PUCRS) - 20 (FUMEC) - 22 (UFRJ) - 40 (FURB) - 43 (UFC) - 47 (UFRGS) - 48 (UFRN) - 53 (UNAMA) - 57 (UNIVALI) - 58 (UP) | 1                            |

**Fonte:** Elaborada pela autora com base nos dados da pesquisa.

Fica evidente que a estrutura de distribuição do capital científico encontra-se desigualmente distribuída. A Tabela 7 aponta que o Interlocutor 25 ocupa isoladamente o primeiro lugar em quantidade de artigos, seguido do Interlocutor 3, com 8 artigos publicados. Igualmente é possível perceber que os Interlocutores 25, 26, 34, 41, 5 e 8 enquadram-se no Grupo A, que se refere à acumulação do capital científico do campo, exposta no Quadro 10. Essa concentração permite aos dominantes temporais apresentarem estratégias destinadas a reproduzir sua posição como estratégia destinada a fazer avançar a ciência, fato que pode ser comprovado no quadro de ranqueamento do Índice H (Quadro 6), no qual figuram os Interlocutores supracitados.

Essas estratégias explicam a tendência dos pesquisadores de se concentrarem nos problemas considerados como os mais importantes, resultando em um lucro simbólico mais importante (BOURDIEU, 2004). O Interlocutor 21 assim evidencia essa tendência:

A gente escolhe os temas e vê o que está publicando lá fora, quem publica mais no (Brasil) é mais expert, é mais inteligente, está mais à frente, tem mais vivência, tem mais bagagem, produz mais; os principais pesquisadores estão antenados e sabem o que está acontecendo no mundo, acabam trazendo, pesquisando, são eles que avaliam vai acabar tendo um direcionamento natural. Eles são os principais avaliadores, vão atuar nos editais, vão revisar os projetos, vão privilegiar determinadas áreas, vão destacando essas questões e isso vem em cascata chegando a todos nós [Interlocutor 21].

O direcionamento apontado pelo Interlocutor 21 significa que as estratégias de permissão para atuação no campo científico, privilegiando determinadas áreas, podem ser vistas como barreiras de entrada que excluem a introdução e a utilização de “armas” não específicas, tais como aquelas que não são as consideradas, naquele dado momento, como um conjunto de objetos importantes, favorecendo formas reguladas de competição e que são

submetidas às imposições dos pesquisadores ou das pesquisas dominantes. Um exemplo é a imposição das temáticas consideradas importantes para publicação.

Para estabelecer a relação entre a produção científica dos Interlocutores e suas posições ocupadas em tal ou qual revista, mapearam-se os periódicos com estrato A1, A2 e B1, aos quais foram submetidos os artigos já mencionados e aceitos, destacando o título do periódico, a instituição a qual está associado e seu estrato, apresentados no Quadro 11.

**Quadro 11:** Produção científica e escolha de publicação

| Interlocutores                      | Título do Periódico                                      | Instituição     | Estrato |
|-------------------------------------|--|-----------------|---------|
| 5                                   | Long Range Planning                                      | Elsevier        | A1      |
| 9                                   | Journal of Cleaner Production                            | Elsevier        |         |
| 18                                  | Management Decision                                      | Emerald Insight |         |
| 32                                  | Journal of Business Research                             | Elsevier        |         |
| 33                                  | Journal of International Management                      | Elsevier        |         |
| 2 - 4                               | Revista Brasileira de Gestão de Negócios                 | FECAP           | A2      |
| 3 - 7 - 8 - 18 - 19 - 22 - 25 - 58  | Revista de Administração de Empresas                     | FGV             |         |
| 5 - 6 - 61                          | Revista de Administração                                 | USP             |         |
| 5 - 8 - 18 - 19 - 24 - 25 - 34 - 45 | Revista de Administração Contemporânea                   | ANPAD           |         |
| 18 - 25 - 34                        | Brazilian Administration Review                          | ANPAD           |         |
| 23 - 35                             | Organizações & Sociedade                                 | UFBA            |         |
| 25                                  | Journal of Strategic Management Education                | SENATE Hall     |         |
| 32                                  | Revista de Administração Pública                         | FGV             |         |
| 41 - 47                             | Cadernos EBAPE   | FGV             |         |
| 55                                  | Revista Eletrônica de Administração                      | UFRGS           |         |
| 61                                  | RAUSP  | USP             |         |
| 7 - 61                              | Revista de Administração Mackenzie                       | Mackenzie       |         |
| 21                                  | Revista de Gestão da Tecnologia e Sistemas de Informação | USP             |         |
| 21                                  | Perspectivas em Ciência da Informação                    | UFMG            |         |
| 24                                  | Revista de Gestão da Tecnologia e Sistemas de Informação | USP             |         |
| 25                                  | Revista Contemporânea de Contabilidade                   | UFSC            |         |
| 35                                  | Social Responsibility Journal                            | Emerald Insight |         |
| 40                                  | Brazilian Business Review                                | FUCAPE          |         |
| 48                                  | Gestão & Produção  | UFSCAR          |         |
| 54                                  | Revista Eletrônica de Administração                      | UFRGS           |         |
| 55                                  | Revista Contemporânea de Contabilidade                   | UFSC            |         |
| 57                                  | Brazilian Business Review                                | FUCAPE          |         |

**Fonte:** Elaborado pela autora com base nos dados da pesquisa

Algumas observações se destacam nessa relação, a exemplo do Interlocutor 5 que exprime o fato de estar ocupando seu espaço na internacionalização de suas pesquisas: “tenho tido uma trajetória internacional nos últimos tempos que é legal também, que estimula né, que mais produz, mais publica e quanto mais você é convidado, e enfim, isso abre portas”. Percebe-se também que o Interlocutor 5, no quadro de acumulação de capital científico, figura no Grupo A.

Essa racionalidade apontada pelo Interlocutor 5 de que quem “mais produz, mais pública” nem sempre é considerada no campo científico, ainda que uma ideologia de tipo meritocrático possa tentar fazer com que se acredite nisso. Há diferenças de oportunidades que não são racionalmente relacionadas. É preciso levar em conta que existem outras forças em jogo, como as já apontadas pelo Interlocutor 8, ou seja, quando aponta que, ao ser pesquisador vinculado ao CNPq, passa a ter voz, ainda que considere uma questão “tola”.

É preciso considerar que as oportunidades que os agentes têm de submeter as forças do campo aos seus desejos são proporcionais à sua força sobre o campo, ou seja, ao seu capital científico acumulado ou precisamente à sua posição na estrutura de distribuição do capital (BOURDIEU, 2004), o que pode ser confirmado na relação dos Interlocutores com o fato de ocuparem espaços como membro editorial de periódicos importantes da área, como os Interlocutores 3, 5, 8, 18, 33, entre outros.

Para conhecer a estrutura predominante nas pesquisas aqui consideradas, se estabeleceu uma relação entre as categorias temáticas centrais dos artigos. Ressalta-se que não se estabeleceram *a priori* grandes categorias de modo a abranger a totalidade das temáticas. Observou-se, entretanto, a especificidade de cada estudo para, então, construir as categorias temáticas. O Quadro 12 apresenta as categorias temáticas que emergiram do levantamento dos artigos.

**Quadro12:** Categorias temáticas dos artigos analisados

| Nº. | Categorias Temáticas                      | Nº. | Categorias Temáticas               |
|-----|---|-----|------------------------------------|
| 1   | Estratégia e sua Relação com o Desempenho | 18  | Economia da Estratégia             |
| 2   | Estratégias de Internacionalização        | 19  | Inovação e Estratégia              |
| 3   | Estratégia de Customização em Massa       | 20  | Teoria Institucional               |
| 4   | Formação da Estratégia                    | 21  | Estratégia de Operações            |
| 5   | Mudança Estratégica                       | 22  | Governança Corporativa             |
| 6   | Planejamento Estratégico                  | 23  | Rede de Negócios e <i>Clusters</i> |
| 7   | Tipologia Estratégica                     | 24  | Visão Baseada em Recursos          |
| 8   | Estratégia e Governo                      | 25  | Rede de Cooperação                 |
| 9   | Estratégia e Competitividade              | 26  | Crescimento Corporativo            |
| 10  | Posicionamento Estratégico                | 27  | <i>Supply Chain</i>                |
| 11  | Aliança Estratégica                       | 28  | Replicação do Conhecimento         |
| 12  | Estratégia como Prática                   | 29  | Estratégia de Posicionamento       |
| 13  | Governança Corporativa                    | 30  | Processo Estratégico               |
| 14  | Relações Interorganizacionais             | 31  | Comportamento Estratégico          |
| 15  | Alinhamento Estratégico                   | 32  | Cultura Organizacional             |
| 16  | Gestão da Tecnologia                      | 33  | Ambiente Organizacional            |
| 17  | Estratégia de <i>Stakeholders</i>         | 34  | Competência Estratégica            |
|     |   | 35  | Estratégia de Conhecimento         |

**Fonte:** Elaborado pela autora com base nos dados da pesquisa.

É possível observar, com base na variedade temática identificada e exposta no Quadro 12, que o campo científico das pesquisas em estratégia é amplo, aberto que se apresenta com uma diversidade de teorias, abordagens e métodos diferenciados, com predomínio da questão

sobre fragmentação da área (SIEGLER; BIAZZIN; FERNANDES, 2014). Segundo Siegler, Biazzin e Fernandes (2014), essa fragmentação pode estar relacionada às diferentes visões epistemológicas e preferências metodológicas, o que provoca um distanciamento entre autores. O Interlocutor 12 faz uma observação sobre essa fragmentação:

A área está um pouco difusa, e assim, talvez até pela característica da área, ela meio que tem mais possibilidade de divergências do que de convergências, e existe até convergências em subáreas dentro da estratégia, mas ela como um campo macro assim, uma característica que eu observo, é essa questão de mais múltiplas possibilidades e leituras de trabalho. Então a gente acaba não tendo um corpo único, mas um corpo diversificado e fragmentando no campo da estratégia [Interlocutor 12].

A amplitude do campo permite essa diversidade de temas, como relatado pelo Interlocutor 2 – “cabe qualquer coisa, de certa forma é coringa” –, desde o campo social ao mais “*hard*”, mais quantitativo. Percebem-se críticas ao modelo de pesquisa utilizado no campo científico da estratégia, como a do Interlocutor 20, ao afirmar que faltam pesquisas longitudinais e que, para isso, seria necessária mais cooperação acadêmica para se avançar no campo. Na mesma direção, o Interlocutor 23 afirma ter um “espaço enorme para que possam se tornar as pesquisas em estratégia mais profundas”.

Outras críticas ao campo são apresentadas pelos Interlocutores, a exemplo do Interlocutor 22, que argumenta ser uma área “alinhada demais com o estrangeiro [...] a gente fica limitado aos modelos de fora”. Esse mimetismo ao estrangeiro, limitando a expressividade da produção nacional, foi constatado na pesquisa de Andrade (2007), que relacionou essas questões com a falta de originalidade e as deficiências epistemológicas e metodológicas nas produções brasileiras.

Constatou-se, na análise dos artigos, a predominância da literatura estrangeira utilizada como referencial teórico. O Interlocutor 4 justifica essa prática da seguinte forma: “normalmente os textos nacionais são muito ruins. Então eu prefiro pegar aqueles autores que são os que são citados de fato na literatura internacional [...] eu te confesso que não dou muita bola pra academia brasileira”. O discurso do Interlocutor 4 é quase unânime com relação à utilização de literatura estrangeira em suas pesquisas, mas, por outro lado, também se percebe que alguns integrantes do Grupo C buscam subverter a ordem social estabelecida tentando invertê-la, como o Interlocutor 10: “bom vamos e venhamos, vamos puxar a sardinha pro nosso lado né, mostrar o que tá sendo feito no Brasil em relação a pesquisas em estratégia”.

O Interlocutor 22 afirma entender que se trata de uma estratégia de risco não seguir as tendências da área: “envolve riscos, não estou ignorando isso. Se você está seguindo o *mainstream* e fazendo o normal, você tem uma chance maior de publicação”.



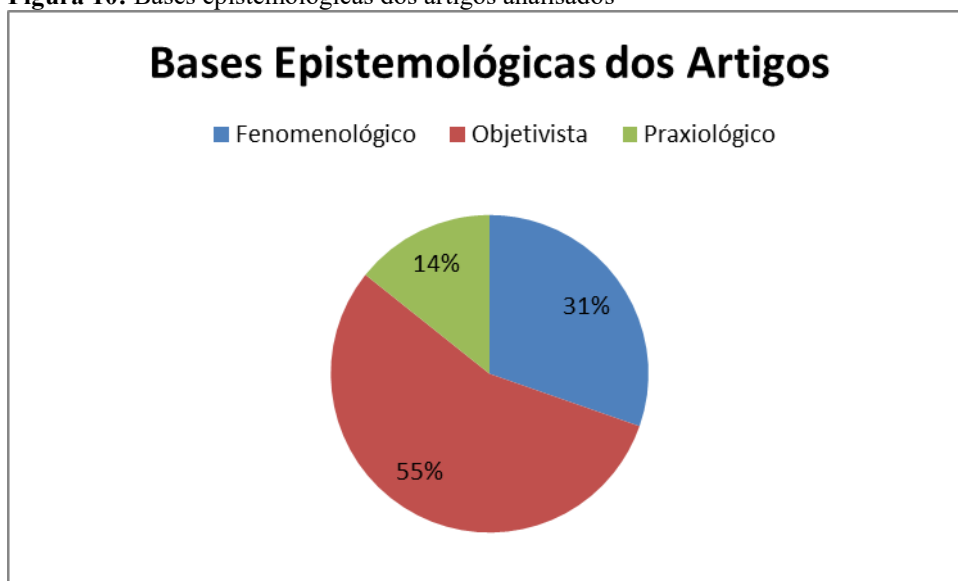
Outro ponto observado nos artigos foi o enquadramento metodológico das pesquisas. Dos 142 artigos analisados, 72 são quantitativos, 43 qualitativos, 24 se apresentam como discussão teórica e 8 são estudos quali-quantitativos. Como já apontado nos discursos dos Interlocutores e na fundamentação teórica, as pesquisas na área de estratégia são predominantemente quantitativas. Muitos argumentos se levantam para tentar explicar seus posicionamentos metodológicos nas pesquisas. O Interlocutor 12 argumenta:

Os artigos qualitativos eles são um pouco mais densos do ponto de vista de análise, interpretação, quando comparados com os quantitativos; o que eu percebo é que na área quantitativa é muito comum os artigos ficarem muito mais presos ao resultado estatístico da análise do que com a própria interpretação crítica e reflexiva daquele resultado estatístico. Tem pesquisador que só trabalha com quantitativos e é completamente avesso ao qualitativo. E, por sua vez, tem muitos pesquisadores da área qualitativa que são avessos e desqualificam o quantitativo.

Por outro lado, o Interlocutor 22 assim justifica sua escolha pelas pesquisas quantitativas: “teorização pela teorização não é onde eu aplico [...] o trabalho que eu desenvolvo [...] é o desenvolvimento de teorias, teorias generalizáveis [...] estimular esse uso de métodos quantitativos mais robustos”

Nessa luta entre os agentes pela imposição de uma limitação do campo dos problemas, dos métodos e das teorias que podem ser considerados científicos, existe uma hierarquia social que orienta a prática científica, subdividida em dois princípios: um que confere primazia à observação e à experimentação – empiristas – e outro que privilegia a teoria e os “interesses” científicos correlativos – racionalistas. Esse debate nunca deixou de ocupar o centro da reflexão epistemológica (BOURDIEU, 1983).

Ainda como objeto de análise dos artigos, coube sua classificação epistemológica, sendo considerada, para tanto, a perspectiva de Bourdieu (1983) quanto aos modos de conhecimento, classificados pelo autor como: a) conhecimento fenomenológico, que explicita a verdade da experiência primeira do mundo social; b) conhecimento objetivista que constrói as relações objetivas (econômicas ou linguísticas) que estruturam as práticas e as representações das práticas na medida em que considera métodos distintos, como o positivismo e o estruturalismo; c) conhecimento praxiológico, que tem por objeto não só os sistemas de relações objetivas, mas também as relações dialéticas entre essas estruturas e as disposições estruturadas nas quais elas se atualizam e tendem a reproduzi-las; a interiorização da exterioridade e a exteriorização da interioridade (BOURDIEU, 1983). A Figura 10 sintetiza as bases epistemológicas dos artigos analisados.

**Figura 10:** Bases epistemológicas dos artigos analisados

**Fonte:** Elaborada pela autora com base nos dados da pesquisa.

Entre as abordagens epistemológicas revisadas, percebe-se, conforme mostra a Figura 10, que 55% dos artigos buscam construir relações objetivas em que o agente social aparece como mero executante de algo que se encontra objetivamente programado e que lhe é exterior. Já os artigos com a perspectiva fenomenológica representam 31%, estudam a ação subjetiva do agente e seu significado. Por sua vez, escassos trabalhos optaram por uma perspectiva praxiológica nas pesquisas, resultando em 14%.

Bourdieu (1983) considera o problema dos métodos epistemológicos uma discussão polêmica que transcende o campo de uma teoria particular e que ocupa o centro dos debates científicos. Ao propor a apreensão do conhecimento na perspectiva praxiológica, o autor não pretende simplesmente rejeitar o conhecimento objetivista, mas conseguir, uma vez explicitados seus limites, ultrapassá-los; à medida que o conhecimento objetivista se afasta da construção da teoria do conhecimento prático do mundo social, a praxiologia retoma a ação como núcleo da significação do mundo, reintroduz o agente negligenciado pelo objetivismo (ORTIZ, 1983, p. 12).

Muitos acontecimentos importantes estão ocorrendo no campo científico da estratégia, e as pesquisas não chegam a pontuá-los, como menciona o Interlocutor 23: “É necessário ousar, buscar novas estratégias de pesquisas que conduzam o pesquisador a fazer novas descobertas”. A próxima subseção sintetiza o campo das pesquisas em estratégia.

## 4.5 CAMPO DAS PESQUISAS EM ESTRATÉGIA

Para compreender a prática da produção científica do campo científico da estratégia, não basta referir-se simplesmente ao conteúdo textual, tampouco referir-se ao contexto social buscando estabelecer uma relação direta entre texto e contexto. Entre esses dois polos, existe um universo intermediário no qual estão inseridos os agentes e as instituições que produzem, reproduzem ou difundem a ciência; um mundo social que obedece a leis sociais mais ou menos específicas, de uma autonomia mais ou menos acentuada e a grande questão está em identificar o grau de autonomia desse campo (BOURDIEU, 1983).

O campo científico da estratégia, assim como outros campos das ciências sociais, a fim dar mais cientificidade as suas pesquisas e legitimá-las enquanto conhecimento científico, tende a buscar, nas ciências naturais, modelos matemáticos para dar um “rebuscamento, uma ênfase na construção de algoritmos” [Interlocutor 8], que resultou numa tradição de pesquisas que não exigem uma reflexão crítica, destacado pelo Interlocutor 17 como um “mal de origem”.

O reflexo desse “mal de origem”, ao menos no Brasil e que foi constatado nesta pesquisa, é a influência da formação básica dos agentes da pesquisa na área das Engenharias e Ciências Exatas, como apontado pelo Interlocutor 14. Cabe lembrar que 31% dos Interlocutores possuem formação nessa área. O interesse “natural” pelas pesquisas quantitativas fortalece a visão hegemônica da área e a heterogeneidade do campo. Por outro lado, como já destacado anteriormente, a formação na área de Exatas contribui para a preparação dos gestores para a tomada de decisão nas organizações.

Há quase que um consenso sobre a amplitude da área de estratégia tornando-a fragmentada. Segundo Siegler, Biazzin e Fernandes (2014), essa fragmentação pode estar relacionada às diferentes visões epistemológicas e preferências metodológicas, o que provoca um distanciamento entre autores. O reflexo desse distanciamento fica constatado na amplitude de temas que são desenvolvidos na área de estratégia. Outro reflexo está no fato de não haver uma cultura de grupos de pesquisas no Brasil. A respeito disso, os Interlocutores 17 e 8 argumentam:

nós temos dificuldade para poder avançar na produção de conhecimento relevante, conhecimento de alto impacto no campo de estratégia no Brasil e isso diz respeito a dois aspectos. Primeiro deles, a falta de continuidade, a não existência de grupo de pesquisa, o que existe são pesquisadores, sozinhos ou pesquisadores que né, estão lá em grupos de pesquisa isso faz com que você não tenha aprofundamento. O outro ponto que eu vejo é a falta do trabalho em rede, né, dentro do Brasil, não se articulam,

não se relacionam, não conversam, não desenvolvem projetos conjuntos [Interlocutor 17].

acho fundamental ter grupos de pesquisa [...] ainda que eu tenha dificuldade de estabelecer esse tipo de contato [...] acredito, sinceramente, que no Brasil, de modo geral, né, a gente ainda não sabe trabalhar com grupo de pesquisa na área de administração [...] eu sou um dos professores com elevado grau de dificuldade de interagir questões acadêmicas [Interlocutor 8].

A falta de um *habitus* de realizar pesquisas em grupo no campo científico da estratégia no âmbito da academia brasileira da administração, apontada pelos Interlocutores 17 e 8, também já havia sido constatada na pesquisa de Machado-da-Silva e Rossoni (2007), ao concluírem que o campo das pesquisas em estratégia não é amplamente conectado de autores e grupos que cooperam direta ou indiretamente entre si. Já o Interlocutor 17 atribui à CAPES a falta de continuidade ou essa diversidade nas pesquisas.

Essa característica de fragmentação do campo revela a importância de se ter consolidado um *habitus* de pesquisas em grupo no Brasil a fim de que, mapeados esses grupos, se tenha uma visão completa e rápida do que se investiga na área, quem e onde se investiga. Essas informações poderão fornecer aos agentes do campo das pesquisas em estratégia elementos para tomada de decisão sobre as pesquisas, tais como lacunas, ou seja, oportunidades de pesquisa.

Outra característica do campo científico da estratégia são as pressões que podem ser vistas nas Instituições que o compõem, como a CAPES, exercida por normativas que regulam o Sistema de Avaliação da Pós-graduação *stricto sensu* e que é apontada como exercendo grande influência no campo: “me desagrada profundamente esses critérios da pontuação e da pressão da pontuação” [Interlocutor 6]; “Cada triênio o sarrafo aumenta [...] daqui uns quinze dias eu vou ter esse problema, triênio acabou, [...] quem não fizer 150 pontos, vai ser descredenciado, um problema político infernal, infernal” [Interlocutor 1]. O relato dos Interlocutores 6 e 1 aponta para um campo que, apesar de buscar se desenvolver com autonomia relativa, procurando definir suas normas de produção, sofre com as imposições dos órgãos fiscalizadores. Esse descontentamento com a forma de ação da CAPES se mostrou recorrente nas entrevistas, inclusive no Grupo A que figura como dominante no campo científico da estratégia.

Evidencia-se, pelo Interlocutor 1, que, de acordo com os parâmetros de avaliação da CAPES, esse efeito pode contaminar a qualidade dos trabalhos. De acordo com o relato do Interlocutor 23, “ninguém tá preocupado com a qualidade do seu artigo, ou com o tipo de conhecimento que ele tá gerando [...] então é um sistema que a lógica dele acaba direcionando

a gente para este tipo de coisa (produtivismo)”, ou seja, a pulverização da pesquisa ou o abandono cego dos quadros estatísticos e a corrida à publicação dão testemunho de que a organização burocrática da produção não é suficiente para garantir a qualidade do trabalho científico (BOURDIEU; CHAMBOREDON; PASSERON, 1999).

Apesar das resistências quanto ao Sistema de Avaliação, os Interlocutores 3 e 5 contra-argumentam:

eu, como professor de Administração e de um programa, eu sempre digo pros meus pares, querem criticar a Capes? Tira sete! No dia que tu tirar sete tu tem lastro pra detonar a Capes [...] Eu nos últimos tempos tenho feito 700... 800... Mas eu podia fazer 200 né. Mas por quê? Porque se o meu amigo do lado ta competindo para ele fazer bastante, então eu vou competir com ele também. Eu acho isso altamente válido, porque competição ta na essência do ser humano [Interlocutor 3].

eu faria o que eu faço independente de avaliação da CAPES, como eu sou coordenador do programa, eu tenho que finalizar bem aqui né, então pra eu cobrar os caras aqui, eu tenho que dar o exemplo [...] eu faço o que eu faço, independente de pontuação da CAPES, independente disso, e a prova disso é a minha quantidade de papers internacionais que eu tenho, o tempo que eu perco em um paper internacional, assim, dez vezes mais do que eu perderia no nacional, então se eu ligasse pra pontinho CAPES, eu mandaria um bocado de papers pra USP [...] o que eu não faço [Interlocutor 5].

Os relatos demonstram as disputas concorrenciais do campo: de um lado, os que buscam a subversão do campo, inclusive em seu sistema de avaliação, como relatadas pelos Interlocutores 6 e 1; e do outro, numa posição mais confortável, no Grupo A, o Interlocutor 5 demonstra que essa pressão não o atinge, ainda que reconheça que, por ser coordenador de um programa, tenha que dar exemplo, ou seja, mostrar que é possível alcançar a pontuação determinada pela CAPES.

As tensões constitutivas da estrutura do campo das pesquisas em estratégia no Brasil influenciadas por instituições, como a CAPES, por exemplo, têm mobilizado não só os agentes que são subordinados às essas imposições, mas também as instituições que representam os programas de pós-graduação, como a ANPAD que encaminhou, em fevereiro de 2016, uma carta ao Presidente da CAPES solicitando que fossem analisadas e implementadas sugestões de melhorias no processo de avaliação dos programas, as quais foram discutidas e aprovadas por um grupo de trabalho formado pelos coordenadores dos programas e dos representantes das divisões acadêmicas (CAPES, 2016).

Cabe destacar, então, o papel da ANPAD no contexto das pesquisas em estratégia. Enquanto que, para alguns Interlocutores, a ANPAD “virou mais um espaço de fazer política

e muito menos espaço científico” [Interlocutor 8], para outros, a participação nesses eventos é “uma das coisas mais importante que tem na vida de um pesquisador” [Interlocutor 14].

Nos discursos dos Interlocutores, é possível perceber uma relativização dos eventos em função de não serem mais qualificados pela CAPES desde 2009. O Interlocutor 3 se justifica ao argumentar que não envia mais artigos para eventos: “eu não vou mandar artigo pra evento se não pontua, então essa é a lógica da CAPES [...] é claro que o que eu tô falando aqui é uma verdade minha que muitos gostariam de falar, mas nem todo mundo tem coragem”.

A percepção do Interlocutor 3 deixa evidenciado que a interiorização dos valores, das normas e dos princípios sociais assegura uma previsão consciente das metas a serem atingidas e que as chances de efetivá-las se encontram objetivamente estruturadas no interior do campo (conforme se encontra em Bourdieu, 1983), quando a CAPES, com a prerrogativa de avaliar os programas de pós-graduação, decide não mais qualificar os eventos.

O Quadro 13 apresenta algumas considerações dos Interlocutores a respeito da lógica empreendida quando o assunto é eventos da área.

**Quadro 13:** Considerações dos Interlocutores sobre os eventos

| Interlocutor | Trecho em Destaque  |
|--------------|---|
| 4            | “com todo o respeito à ANPAD, eu não tenho o menor interesse, então eu olho o que está sendo discutido lá fora tá, porque o que me interessa é lá fora, que é lá que eu vejo que estão as grandes discussões”   |
| 8            | “nossos eventos vem tendo pouca contribuição pra melhoria dos nossos trabalhos [...] você entra numa sessão [...] ouve o colega dizendo: ah eu não gostei do teu artigo por conta disso, mas “o disso” que ele coloca não tem nada a ver com o artigo. Eu não gostei porque você não citou o autor fulano, né, e sem maiores justificativas ou senta, apresenta e sai sem nenhuma contribuição” |
| 11           | “os eventos passaram a ser mais apresentação de alunos do que de professores”   |
| 17           | “A minha percepção aqui, é, os eventos eles ainda continuam com um apego grande em termos de participação, de quantidade de pessoas que participam, mas infelizmente a qualidade das discussões não tem aumentado”  |
| 24           | “acho que os ENANPAD’s da vida deveriam ser um espaço de debate, mas infelizmente é um espaço onde formandos de mestrado ou de doutorado apresentam seu trabalho uma única vez e desaparecem do ciclo de pesquisa”  |

**Fonte:** Elaborado pela autora com base nos dados da pesquisa.

A inclinação à não participação em eventos está acompanhada de um cálculo estratégico das probabilidades objetivas imediatamente inscritas no presente, coisas a fazer ou a não fazer, respostas do *habitus* dos agentes do campo (BOURDIEU, 1983).

O CNPq, como órgão de fomento que financia projetos de pesquisas e fornece bolsas aos pesquisadores, dá voz aos agentes do campo e os legitima para ajuizar sobre projetos que devem ou não serem contemplados com financiamento, como apontado pelo Interlocutor 8. Os mecanismos de credenciamento, de legitimação que vêm desses órgãos, na opinião do Interlocutor 8, tensionam para “uma forte tecnificação de várias coisas, entre elas da própria

noção de pesquisa, que seja pós-graduação”. Segundo esse Interlocutor, as coisas são mais complexas e não podem ser solucionadas com modelos simplificados, apesar de concordar que as balizas e referências são importantes, mas que, no caso da pós-graduação, por exemplo, não deve se voltar à produção de pontos, e sim à formação de quadros de docentes e pesquisadores.

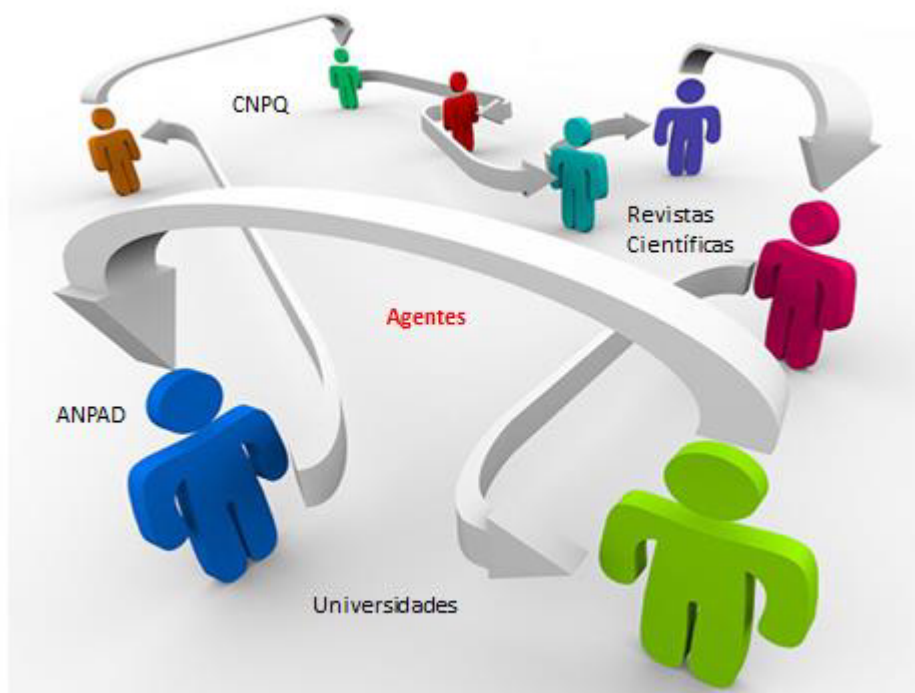
Os periódicos, suas linhas de atuação e suas preferências também interferem nas escolhas dos agentes do campo, como pode ser observado na fala do Interlocutor 14, quando argumenta que é preciso compreender a lógica de publicação dos periódicos antes de submeter um artigo, ou seja, é preciso conhecer os posicionamentos metodológicos e epistemológicos dos membros do corpo editorial, uma vez que são eles que avaliam os trabalhos enviados.

Ao explorar a estrutura do campo científico das pesquisas em estratégia, é possível perceber um conjunto de variáveis que formam as estratégias de conservação e subversão, percebidas nos mecanismos constitutivos do campo, seja na acumulação de capital científico puro e institucionalizado que reconhece e privilegia o agente do campo, seja nas relações com as determinações externas, como a CAPES, o CNPQ e a ANPAD.

Os produtores desse campo, ainda que esse campo se configure como um campo que sofre influências de outras áreas, ao apresentarem o fruto de suas pesquisas, só podem esperar o reconhecimento do valor de seus produtos por outros produtores que, sendo também seus concorrentes, são os menos inclinados a reconhecê-los sem discussão ou exame.

A Figura 11 ilustra que aqueles que atuam como porta-vozes do campo circulam em Instituições, como a CAPES, que opera como entidade regulatória, o CNPq, como órgão de fomento, as revistas científicas encarregadas de fazer circular a informação científica e a ANPAD, que desenvolve um trabalho de interação entre os programas de pós-graduação. Os papéis dessas Instituições funcionam como um dos principais agentes no processo de constituição do ser social dos indivíduos, possibilitando a manutenção e a reprodução do campo.

**Figura 11:** Instituições científicas por onde os porta-vozes do campo circulam



**Fonte:** Elaborada pelas autora.

A Figura 11 demonstra que a leitura do campo permite ter uma noção das relações de força que implicam tendências imanentes e probabilidades objetivas nas estruturas sociais, como também entender que os agentes não são partículas passivamente conduzidas pela força dos campos, mas fazem suas escolhas e têm disposições adquiridas que podem levá-los a resistir, a opor-se às forças do campo.

Os dominantes do Grupo A, que ocupam posições de avaliadores nas instituições científicas e por deterem mais estoque de capitais, conseguem impor uma definição da ciência que consiste em ter, ser e fazer aquilo que eles têm, são e fazem, valores que a comunidade científica imporia a todos os seus membros como permissão para entrada, percebida, em linhas gerais, numa visão mais tradicional, mais hegemônica das últimas décadas, em como formular e construir a estratégia e que resulta na predominância das pesquisas quantitativas.

Os dominados dos Grupo B e C, submetidos a essa visão dominante, tomam como natural a prática dos dominantes e adotam postura similar considerada como própria do conjunto de agentes do campo. Há ainda os que lutam pela subversão do sistema, mesmo que muitas vezes fazendo um jogo duplo ao concordarem com a ordem social estabelecida a fim de acumular capital científico, embora suas aspirações não convirjam para as impostas pelos dominantes, como já apontado pelo Interlocutor 15.



## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo objetivou compreender a prática científica dos agentes nas pesquisas em estratégia nos programas acadêmicos *strico sensu* em administração no Brasil e combinou aspectos da praxiologia proposta por Bourdieu com a técnica de estudo de caso coletivo. A análise possibilitou compreender as relações que definem o espaço do campo científico das pesquisas em estratégia, bem como demonstrar a ação encadeada dos agentes que o compõem e possibilitou conhecer os interesses envolvidos nas escolhas de produção, reprodução e utilização das abordagens da área de estratégia.

Na leitura do contexto do campo científico da estratégia, destacaram-se as instituições científicas com suas propriedades mais gerais, e se demonstrou que as relações de força implicam tendências imanentes e probabilidades objetivas em suas estruturas.

Entre as instituições, se destacaram a CAPES, que atua como entidade regulatória, o CNPq que funciona como órgão de fomento às pesquisas, a ANPAD, que desenvolve um trabalho de interação entre os programas de pós-graduação em administração, e as Revistas Científicas, encarregadas de fazer circular a informação científica. Além de destacar o papel dessas entidades, identificaram-se os grupos que as formam, ressaltando-se a concentração desses na região Sudeste.

Por meio da investigação das características incorporadas pelos agentes que visam orientar a prática das pesquisas em estratégia, foi possível perceber um eco de necessidade de mudança na forma de pensar, de agir e interagir no campo científico da estratégia, pois, mesmo aqueles que seguem a ordem estabelecida, apresentam suas inconformidades com o campo. Ao mesmo tempo, justificam suas disposições como sendo naturais, ajustadas às exigências inscritas nas estruturas do campo, como as que tornam a métrica do sistema de avaliação da CAPES competitiva à medida que acaba premiando o produtivismo nos “julgamentos” dos programas de pós-graduação. Isso, muitas vezes, conduz os agentes do campo a uma produção em massa, ou seja, à busca pela quantidade em detrimento da qualidade, revelada como mecanismos de preservação, segundo a percepção dos Interlocutores. Tais práticas funcionam como uma reação mecânica, diretamente determinada pelas condições antecedentes ao funcionamento de esquemas preestabelecidos (BOURDIEU, 1983).

Os determinantes dessas condutas nas pesquisas em estratégia, individuais e coletivas, são as posições ocupadas pelos agentes no campo, reconhecidas e legitimadas pelo campo.

Nessas posições, se identificou um predomínio da preferência pelas pesquisas quantitativas, numa abordagem positivista, buscando padrões de comportamentos estratégicos em detrimento de uma abordagem qualitativa com a perspectiva mais social, em que se analisam o comportamento dos estrategistas e sua interação na formação da estratégia, tal qual como a estratégia como prática.

Esse predomínio advém da formação dos Interlocutores do campo, do fato de esses seguirem o *mainstream* do campo e/ou do fato de entenderem que essas são as regras do jogo. A fim de alcançarem suas aspirações, acabam sendo conduzidos por essa corrente: “como um bom jogador de *rugby* sabe para onde vai a bola e se põe lá onde a bola vai cair, o bom cientista jogador é aquele que, sem ter necessidade de calcular, de ser cínico, faz escolhas que compensam” (BOURDIEU, 1983, p. 28).

Assim, uma visão mais tradicional, mais hegemônica, das últimas décadas do sistema clássico de análise da estratégia, de como formular e construir a estratégia é a condição estabelecida pelos agentes do campo, sejam eles indivíduos ou instituições científicas, e direciona a escolha da prática científica, os lugares de publicação, os temas escolhidos, os objetos de interesse. Essa pressão é tão forte que permite produzir um estado de possibilidades e de exigências objetivas, as coações e as exigências do jogo, ainda que não estejam reunidas num código de regras e sejam impostas àqueles que, por terem o sentido do jogo, estão preparados para percebê-las e realizá-las (BOURDIEU, 2004).

Tais condições estão inseridas nas posições ocupadas nas estruturas científicas e mantêm o processo de acumulação do capital científico objetivado, dividido em capital científico puro e capital científico institucional.

Assim, além dos cargos administrativos dentro das próprias instituições de ensino superior que ofertam os programas de mestrado e doutorado por suas influências no campo, se levou em consideração as posições dentro dos comitês editoriais, de órgãos de fomento, como o CNPq, de associações científicas e acadêmicas, como a ANPAD e a CAPES, que têm papel fundamental na expansão, na consolidação e no desenvolvimento da pós-graduação *stricto sensu* no Brasil.

O sistema de posições políticas e científicas constitutivas do campo científico é revelado e expresso em função da posição que o pesquisador ocupa na estrutura do sistema de carreiras possíveis e está ancorado nas diferentes formas de capital. Com isso, as posições dos Interlocutores com níveis de capital científico mediano e os de níveis de capital científico mais extremo em termos de distribuição de capital simbólico, foram evidenciadas pela divisão

em grupo, sendo o A, os que possuem o maior capital científico acumulado e, no outro extremo, o grupo C, com menor capital científico, e os do Grupo B, que representam os medianos.

Os resultados demonstraram que o Grupo A representa 26% dos Interlocutores os quais detêm 61% do capital científico acumulado do campo. O Grupo B representa 10 % e detém 19% do capital, enquanto o grupo C representa 65% e acumula 20% de capital científico. Esse resultado corrobora a percepção de Bourdieu (1983) sobre a distribuição do capital científico no campo. O autor argumenta que as comunicações no campo se dão enquanto interações socialmente estruturadas numa relação de poder que reproduz a distribuição desigual de poderes. Nessa direção, os Interlocutores que ocupam seus lugares no Grupo A, posições hierarquicamente reconhecidas, demonstradas no volume de capital científico acumulado, possuem individualmente maior celebridade e prestígio e também são detentores do poder de impor aos outros componentes do campo a definição da ciência que melhor se adéque aos seus interesses específicos e que lhes permita ocupar, com toda legitimidade, a posição dominante (BOURDIEU, 1983).

Esse resultado demonstra que as disposições dos Interlocutores classificados no Grupo A, ora se dedicando a acumular capital científico puro por meio de suas produções que acompanham o *mainstream* da área, e, como consequência, são consagrados por realizarem o ideal da excelência científica, ora se dedicando a acumular capital institucionalizado por meio de cargos nas instituições científicas e acadêmicas que lhes conferem a capacidade técnica e científica de normatizar as regras para qualificar e avaliar as intrusões no campo, são estratégias que podem levá-los a resistir e a opor-se a possíveis mudanças no campo, assim como apresentado na estrutura de dominação das pesquisas.

A estrutura de dominação nas pesquisas em estratégia foi constatada na forma de artigos completos publicados em periódicos, nos quais os agentes desta pesquisa figuravam como primeiro autor. Identificou-se um direcionamento natural para as pesquisas quantitativas, o que significa dizer que essas estratégias de permissão, para atuação no campo científico, privilegiando determinados tipos de pesquisa, podem ser vistas como barreiras de entrada que excluem a introdução e a utilização de “armas” não específicas, tais como aquelas que não são as consideradas, naquele dado momento, como um conjunto de objetos importantes, favorecendo formas reguladas de competição e que são submetidas às pesquisas dominantes, às imposições dos pesquisadores, principais avaliadores dos trabalhos enviados para publicação em eventos e periódicos, que atuam nos editais de apoio à pesquisa, que revisam os projetos enviados aos órgãos de fomento, ou seja, tem-se uma conformidade direcionada no campo.

Foi possível observar que o campo científico das pesquisas em estratégia é amplo, aberto, se apresentando com uma diversidade de teorias, abordagens e métodos diferenciados. A amplitude do campo permite essa diversidade de temas. Como relatado pelos Interlocutores, “cabe qualquer coisa, de certa forma é coringa”, desde o campo social ao mais “*hard*”, mais quantitativo. Igualmente se perceberam críticas ao modelo de pesquisa utilizado no campo científico da estratégia. Nesse sentido, os Interlocutores afirmaram que faltam pesquisas longitudinais e que, para que haja essas pesquisas, é necessário mais cooperação acadêmica para se avançar no campo, pois, de acordo com eles, é possível perceber um “espaço enorme para que possam se tornar as pesquisas em estratégia mais profundas”.

Essa falta de interação, de construção coletiva, conjunta de ideias, prejudica o debate que o trabalho científico requer. Esse reflexo pode ser resultado da pouca produção teórica brasileira no campo das pesquisas em estratégia no Brasil, por estar limitado aos modelos estrangeiros que nem sempre são adequados ao contexto social, histórico e econômico do país (PEGINO, 2005).

Outro ponto observado nos artigos foi o enquadramento metodológico das pesquisas. Dos 142 artigos analisados, 72 são quantitativos, 43 qualitativos, 24 se apresentam como discussão teórica e 8 são estudos quali-quantitativos. Como já apontado nos discursos dos Interlocutores e na fundamentação teórica, as pesquisas na área de estratégia são predominantemente quantitativas.

Ainda como objeto de análise dos artigos, coube sua classificação epistemológica, sendo considerada, para tanto, a perspectiva de Bourdieu (1983) quanto aos modos de conhecimento. Entre as abordagens epistemológicas revisadas, 55% dos artigos buscam construir relações objetivas em que o agente social aparece como mero executante de algo que se encontra objetivamente programado e que lhe é exterior. Os artigos com a perspectiva fenomenológica representam 31%, estudam a ação subjetiva do agente e seu significado. Escassos trabalhos optaram por uma perspectiva praxiológica nas pesquisas, resultando em 14%.

O resultado confirma que a prática científica dos agentes da pesquisa em estratégia está calcada nos mecanismos de credenciamento e legitimação que vêm dos modelos e teorias estrangeiras que ainda buscam dar mais cientificidade à área, buscando realizar suas pesquisas com esquemas lógicos e matemáticos, tal qual como ocorre nas ciências naturais.

Para a compreensão das práticas da produção científica do campo científico da estratégia, esta pesquisa buscou não se referir simplesmente ao conteúdo textual, tampouco se

referir apenas ao contexto social. Buscou estabelecer uma relação direta entre texto e contexto. A pesquisa deixou perceptível que, entre esses dois polos, existe um universo intermediário no qual estão inseridos os agentes e as instituições científicas que produzem, reproduzem ou difundem a ciência; um mundo social que obedece a leis sociais mais ou menos específicas, de uma autonomia mais ou menos acentuada e a grande questão está em identificar o grau de autonomia desse campo (BOURDIEU, 1983), que se apresenta em fase de desenvolvimento, mas que ainda anda a reboque dos modelos estrangeiros.

São essas leis mencionadas por Bourdieu que fazem com que os agentes interiorizem seus valores, normas e princípios sociais, assegurando uma previsão consciente das metas a serem atingidas e as chances de efetivá-las e que se encontram objetivamente estruturadas no interior do campo.

Ao explorar as características sistêmicas da estrutura do campo científico das pesquisas em estratégia, é possível perceber um conjunto de variáveis que formam as estratégias de conservação e subversão, percebidas nos mecanismos constitutivos do campo, seja na acumulação de capital científico puro e institucionalizado, que reconhece e privilegia o agente do campo, seja nas relações com as determinações externas, como a CAPES, o CNPq e a ANPAD, que influenciam diretamente sua direção e atuação, por meio de suas comissões examinadoras fixando os critérios de julgamento do campo.

Os dominantes do Grupo A, que em boa parte ocupam posições de avaliadores nessas instituições científicas (CAPES, CNPq, ANPAD e Revistas Científicas) e detêm mais estoques de capitais, conseguem impor a definição da ciência que consiste em ter, ser e fazer aquilo que eles têm, são e fazem, valores que a comunidade científica imporia a todos os seus membros como permissão para entrada, percebida na predominância das pesquisas quantitativas que buscam leis gerais em estratégia que sejam quantificadas ou constatadas por meio de instrumentos estatísticos, a ideia de trabalhar com uma realidade fortemente objetiva.

Os dominados dos Grupo B e C, submetidos a essa visão dominante, tomam como natural a prática dos dominantes e adotam postura similar considerada como própria do conjunto de agentes do campo. Há ainda os que lutam pela subversão do sistema, a exemplo dos pesquisadores que desenvolvem suas pesquisas com base nas teorias sob a perspectiva do sujeito, suas interações, relações e conflitos, mesmo que muitas vezes fazendo um jogo duplo ao concordarem com a ordem estabelecida a fim de acumular capital científico, embora suas aspirações não convirjam para as impostas pelos dominantes, ou seja, buscam uma nova compreensão do fenômeno.

Por fim, em resposta à problemática desta pesquisa, foi possível compreender que outras questões envolvem a prática científica dos agentes nas pesquisas em estratégia, como questões de poder sobre as instâncias de reprodução, de acumulação de capital científico, de reconhecimento e legitimação e que essas questões repousam sobre o reconhecimento de uma competência que, para além dos efeitos que ela produz, proporciona autoridade e contribui para definir não somente as regras do jogo, mas também suas regularidades, leis que fazem com que seja ou não importante escrever sobre tal tema, onde é mais compensador publicar, nesse ou naquele periódico (BOURDIEU, 2004).

Os agentes do campo científico das pesquisas em estratégia, ainda que esse campo se configure como um campo que sofre influências de outras áreas, tais como das ciências econômicas, da psicologia, da filosofia, entre outras, ao apresentarem o fruto de suas pesquisas, só podem esperar o reconhecimento do valor de seus produtos por outros agentes que, sendo também seus concorrentes, são os menos inclinados a reconhecê-lo sem discussão ou exame.

Com isso, o que estimula os agentes, o que os faz concorrer, rivalizar, lutar, são os interesses por aquilo que define o jogo científico, pelas tendências imanentes do campo e que possibilitam que suas aspirações se concretizem. O resultado desse interesse é produto do funcionamento do campo (BOURDIEU, 2004).

O funcionamento do campo científico da estratégia como um espaço social se revelou, tanto na percepção dos Interlocutores quanto nas estruturas objetivadas, como um campo fragmentado, que pode estar relacionado à falta de grupos de pesquisas consolidados e à falta de cooperação acadêmica na realização de pesquisas longitudinais com maior profundidade; alinhado, sobretudo, aos modelos estrangeiros, que inviabilizam, por vezes, o desenvolvimento de modelos contextualizados ao cenário brasileiro; compelido a um produtivismo pelas exigências da CAPES, que induz a pesquisas mais rasas. Nas pesquisas em estratégia, a riqueza está em entender como as coisas acontecem e em qual contexto, como os agentes agem e interagem na formação da estratégia. Pensar os modelos estratégicos, e não apenas testá-los.

Esse espaço social é formado por relações de força entre os agentes que acumulam capital científico e que circulam nas instituições científicas, como a CAPES, o CNPq, as Revistas Científicas e a ANPAD. O capital científico e a posição nessas relações de força, que são também de prestígio, definem aqueles que têm o direito de falar e agir legitimamente e permite produzir um estado de possibilidades e de exigências objetivas. As coações e as

exigências do jogo, ainda que não estejam reunidas num código de regras, são impostas àqueles que, por terem o sentido do jogo, preparam-se para percebê-las e realizá-las (BOURDIEU, 2004).

Com isso, para superar essas forças conservadoras, será preciso abandonar as teorias que tornam, explícita ou implicitamente, a prática uma reação mecânica, explorar novos caminhos e lançar pontes entre os domínios de conhecimento, ultrapassar as fronteiras institucionais estabelecidas e criar condições para inovar com saberes e olhares científicos diversificados.

Do ponto de vista prático, o estudo contribui para as discussões sobre o campo científico da estratégia na compreensão das relações que definem esse espaço, estimula essas discussões, evidencia os *habitus* dos agentes e oferece elementos para o progresso nas pesquisas em estratégia, visto que apresenta os interesses envolvidos nas escolhas de produção, reprodução e utilização das abordagens, a importância e a implicação desse processo no avanço científico.

Como limitação deste estudo, destaca-se a disponibilidade dos professores no atendimento ao convite para fazerem parte da pesquisa, haja vista uma sobrecarga de trabalho em face da greve que assolou diversas universidades no país, além daquelas já previstas nas rotinas de trabalho. Outro limitador foi o tempo que, em virtude dos prazos estabelecidos pelo programa, não possibilitou a análise mais apurada da riqueza de dados coletados, inviabilizando uma reflexão crítica com maior propriedade e profundidade.

Nesse sentido, sugere-se que outras pesquisas sejam feitas utilizando-se da perspectiva praxiológica no campo científico da estratégia a fim de aprofundar o estudo, principalmente no que diz respeito ao papel, não só das instituições científicas citadas neste estudo, mas também e não menos relevante, ao papel da sociedade civil organizada e sua influência no desenvolvimento das pesquisas.

## REFERÊNCIAS

- ANDRADE, J. A. A insustentável qualidade da produção científica em Administração no Brasil: uma história sem fim?. **GESTÃO.Org - Revista Eletrônica de Gestão Organizacional**, v. 5, n. 1, p. 83-88, 2007.
- AUDET, M.; MALOUIN, J. L. (Orgs.) (1986). **La production des connaissances scientifiques de l'administration**. Quebec : Les Presses de l'Université Laval.
- BARBOSA, M. A. C.; SANTOS, J. M. L. D.; MATOS, F. R. N.; ALMEIDA, A. M. B. Nem só de debates epistemológicos vive o pesquisador em Administração: alguns apontamentos sobre disputas entre paradigmas e campo científico. **Cadernos EBAPE.BR**, v. 11, n. 4, p. 636-636, 2013.
- BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. 4. ed. Lisboa: Edições 70, 2010.
- BARNARD, C. I. **The functions of the executive**. Cambridge, MA: Harvard University Press, 1939.
- BERTERO, C. O.; CALDAS, M. P.; WOOD JR., T. Produção científica em administração de empresas: provocações, insinuações e contribuições para um debate local. **Revista de Administração Contemporânea**, v. 3, n. 1, p. 147-178, 1999.
- \_\_\_\_\_; VASCONCELOS, F. C. de; BINDER, M. P. Estratégia empresarial: a produção científica brasileira entre 1991 e 2002. **RAE-Revista de Administração de Empresas**, v. 4, p. 48-62, 2003.
- \_\_\_\_\_. **Ensino e Pesquisa em Administração**, Thompson Learning, São Paulo, 2006.
- \_\_\_\_\_; ALCADIPANI, R.; CABRAL, S.; FARIA, A.; ROSSONI, L. Os desafios da produção de conhecimento em Administração no Brasil. **Cadernos EBAPE. BR**, v. 11, n. 1, p. 181-196, 2013a.
- \_\_\_\_\_; VASCONCELOS, F. C. de; BINDER, M. P.; WOOD JR., T. Produção científica brasileira em administração na década de 2000. **Revista de administração de empresas [online]**, v.53, n.1, p. 12-20, 2013b.
- BIANCHETTI, L.; MACHADO, A. M. N. (Orgs.). **A bússola do escrever: desafios e estratégias na orientação de teses e dissertações**. 2. ed. Florianópolis: Ed. da UFSC; São Paulo: Cortez, 2006.
- BIGNETTI, L. P.; PAIVA, E. L. Ora (dêreis) ouvir estrelas!: estudo das citações de autores de estratégia na produção acadêmica brasileira. **Revista de Administração Contemporânea**, v. 6, n. 1, p. 105-125, 2002.
- BONAMINO, A. et al . Os efeitos das diferentes formas de capital no desempenho escolar: um estudo à luz de Bourdieu e de Coleman. **Rev. Bras. Educ.**, Rio de Janeiro, v. 15, n. 45, p. 487-499, Dec. 2010.



BOURDIEU, P; PASSERON, J. C. **A reprodução**. Elementos para uma teoria do sistema de ensino. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1975.

BOURDIEU, P. **Homo Academicus**. Traduzido por Ione Ribeiro Valle e Nilton Valle. Santa Catarina: Ed. UFSC, 2011. (Coll. Le Sens Commun). (Edição francesa: Homo Academicus. Paris, Éditions de Minuit, 1984).

\_\_\_\_\_. **The Logic of Practice**, Polity Press, Oxford, 1990.

\_\_\_\_\_. O campo científico. In: ORTIZ, R. (Org.). **Pierre Bourdieu: sociologia**. São Paulo: Ática, 1983. p. 122-155.

\_\_\_\_\_. **Razões práticas: sobre a teoria da ação**. São Paulo, Papyrus, 1996. 178p.

\_\_\_\_\_. PASSERON, J. C.; CHAMBOREDON, J.C. **Ofício de Sociólogo: metodologia da pesquisa na sociologia**. Petrópolis: Vozes, 1999.

\_\_\_\_\_. **Les structures sociales de l'économie**. Paris, Seuil, 2000.

\_\_\_\_\_. **Os usos sociais da ciência: por uma sociologia clínica do campo científico**. São Paulo: editora UNESP, 2004.

\_\_\_\_\_. **A economia das trocas simbólicas**. Tradução Sérgio Miceli et al. São Paulo: Perspectiva, 2007. 361p.

\_\_\_\_\_. **O poder simbólico**; tradução: Fernando Tomaz. 12ª ed. - Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2009.

BRASIL. Ministério da Educação. Câmara de Ensino Superior - C.E.Su. Parecer 977/1965 aprovado em 03/12/1965. Define os diferentes tipos de pós-graduação, informa sobre o contexto histórico de seu desenvolvimento no Brasil e em outros países, além de outras considerações. **INFOCAPES**. Brasília, V.7, N°3, out/dez, 1999b. Disponível em: <<http://www1.capes.gov.br/estudos/Publicacoes/InfoCAPES/InfoCAPES.htm#7.1.99>>. Acesso em 20 mar. 2015.

BRUTON, G. B.; LOHRKE, F. T.; LU, J. W. The evolving definition of what comprises international strategic management research. **Journal of International Management**, 2004.

CANHADA, D. I. D.; RESE, N. Contribuições da “estratégia como prática” ao pensamento em estratégia. **Revista Brasileira de Estratégia**, v. 2, n. 3, p. 273-289, 2009.

CASTRO, C. de M. Memórias de um orientador de tese. In: NUNES, E. de O. (Org.). **A aventura sociológica**. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

CHIA, R; MACKAY, B. Pos-processual challenges for the emerging strategy-as-practice perspective: Discovering strategy in the logic of practice. **Human Relations**. Sage Publications: Londres, p. 217-242, 2007.

CORSARO, W. A. **Sociologia da infância**. Porto Alegre: Artmed, 2011.

- CURY, C. R. J. Quadragésimo ano do Parecer CFE n. 977/65. **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro: ANPEd, n. 30, p. 7-20, set./dez. 2005 (Número especial sobre os 40 anos da pós-graduação em educação no Brasil).
- DENZIN, N. K.; LINCOLN, Y. S. **O planejamento da pesquisa qualitativa: teorias e abordagens**. Porto Alegre: Artmed, 2006.
- FARIA, Alexandre. Repensando redes estratégicas. **Rev. adm. contemp.**, Curitiba, v. 15, n. 1, p. 84-102, Feb. 2011.
- FLICK, Uwe. **Introdução a pesquisa qualitativa**. 3. Ed. Porto Alegre: Artmed, 2009.
- FURRER, O.; THOMAS, H.; GOUSSEVSKAIA, A. The structure and evolution of the strategic management field: A content analysis of 26 years of strategic management research. **International Journal of Management Reviews**, v. 10, n. 1, p. 1-23, 2008.
- GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008.
- GODOY, A. S. Estudo de Caso Qualitativo. In: GODOI, C. K.; BANDEIRA-DEMELLO, R.; SILVA, A. B. (org.). **Pesquisa qualitativa em estudos organizacionais: paradigmas, estratégias e métodos**. São Paulo: Saraiva, 2006.
- GOLSORKHI, D.; ROULEAU, L.; SEIDL, D.; VAARA, E. Introduction: what is strategy as practice? In: GOLSORKHI, D; ROULEAU, L; SEIDL, D; VAARA, E. (eds.) **The Cambridge Handbook on Strategy as Practice**. Cambridge University Press: Cambridge, pp.63-78, 2010.
- GOMEZ, M. L. A bourdieusian perspective on strategizing. In: GOLSORKHI, D; ROULEAU, L; SEIDL, D; VAARA, E. (eds.) **The Cambridge Handbook on Strategy as Practice**. Cambridge University Press: Cambridge, pp.63-78, 2010.
- GUARIDO-FILHO, E. R.; MACHADO-DA-SILVA, C.; GONÇALVES, S.A. Institucionalização da teoria institucional no contexto dos estudos organizacionais no Brasil. In: Encontro da ANPAD, v. 33. São Paulo. **Anais...**São Paulo, 2009.
- GRAND, S; RÜEGG-STÜRM, J; VON ARX, W. Constructivism epistemologies in Strategy as Practice research. In: GOLSORKHI, D; ROULEAU, L; SEIDL, D; VAARA, E. (eds.) **The Cambridge Handbook on Strategy as Practice**. Cambridge University Press: Cambridge, pp.63-78, 2010.
- GUARIDO FILHO, E. R.; MACHADO-DA-SILVA, C.; GONÇALVES, S. A. Organizational institutionalism in the academic field in Brazil: social dynamics and networks. **Brazilian Administration Review**, v. 6, n. 4, art. 2, p. 299-315, 2009.
- GUEDES, E. V.; WALTER, S. A.; LOPES, M. C. A pesquisa em estratégia nos programas stricto sensu em administração no Brasil. In: Encontro da ANPAD, 38. Rio de Janeiro. **Anais...**Rio de Janeiro, 2014.
- GUIMARÃES, L. V. S.; DINIZ, E. Gestão de periódicos científicos: estudo de casos em revistas da área de Administração. **Revista de Administração**, v. 49, n. 3, p. 449-461, 2014.

- HAGUETTE, T. M. F. Universidade: nos bastidores da produção do conhecimento. **Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos**, v. 75, n. 179/180/181, p. 157-169, jan./dez, 1994.
- HALSE, C.; MALFROY, J. Rethorizing doctoral supervision as professional work. **Studies in Higher Education**, v. 35, n. 1, p. 79-92, 2010.
- HOSKISSON, R. E.; HITT, M. A.; WAN, William P.; YIU, Daphne. Theory and research in strategic management: swings of a pendulum. **Journal of Management**, v. 25, n. 3, p. 417-456, 1999.
- HOSTINS, R. C. L. Os planos nacionais de pós-graduação (PNPG) e suas repercussões na pós-graduação brasileira. **Perspectiva**, v. 24, n. 1, p. 133-160, jan./jun., 2006.
- IKEDA, A. A.; CAMPOMAR, M. C.; VELUDO-DE-OLIVEIRA, T. M.; A.; Pós-graduação em Administração no Brasil: definições e esclarecimentos. **Revista Gestão e Planejamento**, v. 6, n. 12, p. 33-41, 2008.
- JARZABKOWSKI, P.; BALOGUN, J.; SEIDL, D. Strategizing: the challenges of a practice perspective. **Human Relations**, v. 60, n. 1, 5-27, 2007.
- KETCHEN JR., D. J.; BOYD, Brian K.; BERGH, Donald D. Research methodology in strategic management: past accomplishments and future challenges. **Organizational Research Methods**, oct. 2008.
- LEITE FILHO, G. A.; MARTINS, G. A. Relação orientador-orientando e suas influências na elaboração de teses e dissertações. **Revista de Administração de Empresas**, v. 46, n. Especial, p. 99-109, 2006.
- LIMA, R. A.; VELHO, L. M. L. S.; FARIA, L. I. L. Bibliometria e “avaliação” da atividade científica: um estudo sobre o Índice h. **Perspectivas em Ciência da Informação**, v.17, n.3, p.3-17, 2012.
- LU, J. W. The evolving contributions in international strategic management research. **Journal of International Management**, v. 9, p. 193-213, 2003.
- MACCARI, E. **Contribuições à gestão dos programas de pós-graduação stricto sensu em administração no Brasil com base nos sistemas de avaliação norte americano e brasileiro**. 250 p., Tese (Doutorado em Administração) - Programa de Pós-Graduação em Administração, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2008.
- MACCARI, E.; ALMEIDA, M. I. R. de; NISHIMURA, A. T; RODRIGUES, L. C. A gestão dos programas de pós-graduação em administração com base no sistema de avaliação da CAPES. **Revista de Gestão USP**, v. 16, n. 4, p. 1-16, out.-dez., 2009.
- MACEDO, F. M. F.; BOAVA, D. L. T.; ANTONIALLI, L. M. A fenomenologia social na pesquisa em estratégia. **Revista de Administração Mackenzie**, v. 13, n. 5, p. 171-203, 2012.
- MARANHO, F. S.; ABIB, G; FONSECA, W. As pesquisas em estratégia no Brasil sob a perspectiva da teoria dos custos de transação. In: Encontro de Estudos em Estratégia. Bento Gonçalves, 6, 2013, Bento Gonçalves. **Anais...Bento Gonçalves/RJ.**, 2013.

MARTINS, C. B. A Reforma Universitária de 1968 e a Abertura para o Ensino Superior Privado no Brasil. **Revista Educação & Sociedade**. Campinas, vol. 30, n. 106. 2009.

ORTIZ, R. A procura de uma sociologia da prática. In: \_\_\_\_\_ (Org.) **Pierre Bourdieu: sociologia**. SP: Ática, 1983.

PADILHA, J. R.; ZANQUETO FILHO, H. Estratégia organizacional: uma análise da produção acadêmica nos principais periódicos internacionais. In: Congresso Nacional de Excelência em Gestão, 7. 2011, Rio de Janeiro. **Anais...** Rio de Janeiro, 2011.

PAIVA JÚNIOR, F. G.; LEÃO, A. L. M. S.; MELLO, S. C. B. Validade e confiabilidade na pesquisa qualitativa em Administração. **Revista de Ciências da Administração**, v. 13, n. 31, p. 190-209, 2011.

PATRUS, R.; DANTAS, D. C.; SHIGAKI, H. B. O produtivismo acadêmico e seus impactos na pós-graduação *stricto sensu*: uma ameaça à solidariedade entre pares? **Caderno EBAPE.BR**, v. 13, n. 1, p. 1-18, jan./mar., 2015.

PEGINO, P. M. F. As bases filosóficas das publicações na área de estratégia das organizações nos encontros nacionais da ANPAD. In: ENCONTRO DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DOS PROGRAMAS DE PÓS-GRADUAÇÃO, XXIX. Brasília, DF. **Anais...** Rio de Janeiro, ANPAD, 2005.

PETROIANU, A. A autoria de um trabalho científico. **Revista da Associação Médica Brasileira**, São Paulo, v. 48, n. 1: p. 60-65 2002.

PETTIGREW, A.; THOMAS, H.; WHITTINGTON, R. Strategic management: the strengths and limitations of a field. In: \_\_\_\_\_ (Ed.). **Handbook of strategy and management**. London: Sage, 2002.

PFEFFER, J. Barriers to the advance of organizational science – Paradigm development as a dependent variable. **Academy of Management Review**, 1993.

PINTO, R. F.; SERRA, B. P. C.; MAGALHÃES, M. R. A.; COSTA, B. K. A pesquisa em administração estratégica: um estudo bibliométrico em periódicos internacionais de estratégia no período de 2008 a 2012. In: Seminário em Administração, 17. 2014, São Paulo. **Anais...** São Paulo, SEMEAD, 2014.

PRAHALAD, C. K.; HAMEL, G. Strategy as a field of study: why search for a new paradigm? **Strategic Management Journal**, v. 15, p. 5-16, 1994.

ROCZANSKI, C. R. M.; TOSTA, K. C. B. T.; ALMEIDA, M. I. R. de; PEREIRA, Maurício F. O Estado da arte em estratégia na Revista de Administração Contemporânea: um estudo bibliométrico. **Revista Economia & Gestão**, v. 10, n. 24, p. 28-47, 2010.

SCARTEZINI, N. Introdução ao método de Pierre Bourdieu. **Cadernos de Campo: Revista de Ciências Sociais**, v. 14, p. 25-37, 2011.

SCHLICKMANN, R. et al. Conjecturas a respeito do campo científico da administração e atuação do pesquisador. **Revista Gestão & Tecnologia**, v. 12, n. 3, p. 132-145, 2012.

SCHNEIDER, L. C. Pensamento estratégico organizacional: origens, evolução e principais influências. In: Encontro de Estudos em Estratégia, VI, 2013, Bento Gonçalves. **Anais...Bento Gonçalves/RS.**, ANPAD, 2013.

SETTON, M. G. J. A teoria do habitus em Pierre Bourdieu: uma leitura contemporânea. **Rev. Bras. Educ.**, Rio de Janeiro, n. 20, p. 60-70, Aug. 2002.

SEVERINO, A. J. Questões epistemológicas da pesquisa sobre a prática docente. In: Encontro Nacional de Didática e Prática de Ensino, 13. 2006, Recife, PE. **Anais...Recife: ENDIPE**, 2006.

SEVERINO, A. J. Pós-graduação e pesquisa: o processo de produção e de sistematização do conhecimento. **Revista Diálogo Educação**, v. 9, n. 26, p. 13-27, jan./abr. 2009.

SIEGLER, J.; BIAZZIN, C.; FERNANDES, A. R. Fragmentação do conhecimento científico em administração: uma análise crítica. **Revista de Administração de Empresas**, v. 4, n. 3, maio-jun, p. 254-267, 2014.

STAKE, Robert E. **The art of case study research**. London: Sage Publications, 1995.

TEIXEIRA, J. C. et al . Dinâmica de distribuição de fontes de capitais científicos entre docentes / pesquisadores de um programa de pós- graduação *Stricto- Sensu* de uma universidade pública. **Avaliação (Campinas)**, Sorocaba , v. 17, n. 1, p. 179-206, Mar. 2012.

THIRY-CHERQUES, H. R. Pierre Bourdieu: a teoria na prática. **Rev. Adm. Pública**, Rio de Janeiro, v. 40, n. 1, p. 27-53, Feb. 2006 .

TRIGO, M. H. B. Habitus, campo, estratégia: uma leitura de Bourdieu. **Cadernos Ceru**, v. 9, p. 45-55, 1998.

UYGUN, R.; ALTIN, E. Overview of methodological trends of the last decade in strategic management research. **Procedia Social and Behavioral Sciences**, v. 24, p. 1475-1480, 2011.

VALADÃO JÚNIOR, V. M.; MENDONÇA, J. M. B. O produtivismo acadêmico e seus impactos na pósgraduação *stricto sensu*: uma ameaça à solidariedade entre pares? **Cadernos EBAPE.BR**, v. 13, n. 1, p. 1-18. 2015.

VIANA, C. M. Q. Q. A relação orientador-orientando na pós-graduação *stricto sensu*. **Linhas Críticas**, v. 14, n. 26, jan./jun., 2011.

VILLAR, E. O ensino e a pesquisa em estratégia nos programas de pós-graduação *Stricto Sensu* em administração no Brasil. 2014. 208 f. Dissertação – Universidade Regional de Blumenau. Blumenau, Santa Catarina. 2014.

WALTER, S. A.; AUGUSTO, P. O. M. A institucionalização da estratégia como prática nos estudos organizacionais. In: ENCONTRO DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DOS

PROGRAMAS DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ADMINISTRAÇÃO, 33., 2009, São Paulo. **Anais...** Rio de Janeiro: ANPAD, 2009.

\_\_\_\_\_.; LANZA, B. B. B.; SATO, K. H.; SILVA, E. D. da; BACH, T. M. Análise da produção científica de 1997 a 2009 na área de estratégia: produção e continuidade de atores e cooperação entre instituições brasileiras e estrangeiras. In: ENCONTRO DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DOS PROGRAMAS DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ADMINISTRAÇÃO, 34., 2010, São Paulo. **Anais...** Rio de Janeiro: ANPAD, 2010.

\_\_\_\_\_.; AUGUSTO, P. O. M. A institucionalização da estratégia como prática nos estudos organizacionais. **Revista de Administração**, v. 46, n. 4, p. 392-406, 2011.

\_\_\_\_\_.; AUGUSTO, P. O. M. Prática estratégica e strategizing: mapeamento dos delineamentos metodológicos empregados em estratégia como prática. **Revista Eletrônica de Ciência Administrativa**, v. 11, n. 1, p. 131-142, 2012.

WHITTINGTON, R. Strategy as Practice. **Long Range Planning**, v.29, n.5, 1996.

\_\_\_\_\_. **What is strategy** – and does it matter? London : Tomson Learning, 2002.

\_\_\_\_\_. Completing the practice turn in strategy research. **Organization Studies**, v.27, n.5, p.613-634, 2006.

**APÊNDICE A – INSTRUMENTO DE PESQUISA APLICADO**

## ROTEIRO DE ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA

### BASE PARA A REALIZAÇÃO DAS ENTREVISTAS SEMIESTRUTURADAS COM OS DOCENTES DA DISCIPLINA DE ESTRATÉGIA (*STRICTO SENSU*)

#### ANTES DA ENTREVISTA

- Agradecer a disponibilidade para ajudar na pesquisa.
- O objetivo desta pesquisa é estritamente acadêmico e visa preencher um requisito para a titulação do entrevistador em mestre em Administração.
- A entrevista pretende levantar dados sobre a dinâmica social do campo científico da administração com foco nas pesquisas em estratégia nos programas *stricto sensu em administração no Brasil*.
- Caso o(a) respondente não queira responder a certas perguntas, o pesquisador entenderá tal decisão.
- O pesquisador se interessará em analisar todos os documentos e informações sobre a disciplina, universidade e corpo de conhecimento (estratégia) colocados a sua disposição.
- A entrevista deverá durar em torno de 1 hora e 30 minutos.
- Entrevistas com outros professores da instituição podem ser necessárias para o melhor entendimento do processo de construção da disciplina de Estratégia e das pesquisas na área.
- Lembrar o(à) entrevistado(a) de que ele(a) receberá uma cópia da(s) publicação(ões) resultante(s) da pesquisa.
- Para reduzir o tempo da entrevista e evitar interrupções para anotações, pedir permissão para gravar a entrevista. Os dados da entrevista serão utilizados exclusivamente pelo pesquisador ou pelo seu orientador.
- Solicitar o consentimento do(a) entrevistado(a) após o início da gravação.

#### ENTREVISTA

##### 1) Dados do entrevistado

###### a) Informações Anteriores (*Pesquisar "Lattes" Anteriormente*)

Nome do(a) professor(a) entrevistado(a):

Nome do(a) orientador(a) de mestrado:

Título da dissertação:

Nome do(a) orientador(a) do doutorado:

Título da tese:

Nome do(a) orientador(a) do pós-doutorado:

Título do pós-doc:

###### b) Qual sua formação acadêmica?

###### c) Conte um pouco sobre sua história acadêmica desde a graduação, mestrado, doutorado, pós-doutorado.

###### d) De onde vem a sua relação com a estratégia? (Origem)

##### 2) Características que orientam a prática das pesquisas.

###### - *habitus*

###### a) Como é sua linha de atuação enquanto pesquisador? (Postura/estilo)?

###### b) Em quem ou no que o(a) Sr.(<sup>a</sup>) se inspira para adotar tal postura?

###### c) Qual sua percepção sobre a forma de agir (conduta) ideal de um professor pesquisador de estratégia?



- d) Entre a sua forma de agir (conduta) e a ideal, o que falta para o(a) Sr.<sup>(a)</sup> atingir esse ideal?
- e) O que o(a) Sr.<sup>(a)</sup> acredita que possa ter contribuído/influenciado a construção da sua forma de agir/conduta - rotinas, normas, valores, comportamento) como professor(a) pesquisador(a)?
- f) O que o(a) Sr.<sup>(a)</sup> acredita que possa ter contribuído/ influenciado a construção da sua forma de agir (conduta - rotinas, normas, valores, comportamento) enquanto professor(a) na disciplina e nas pesquisas de estratégia especificamente?
- g) Quais as rotinas/atividades diárias (tarefas, atribuições, atividades periódicas) de um pesquisador em estratégia?
- h) O(a) Sr.<sup>(a)</sup> mantém relacionamento com outros professores de estratégia? Com qual frequência e finalidade? Como isso ocorre?
- i) Quais os motivos que o (a) levaram a manter contato com outros professores da área (bancas, oficinas, congressos, outros)?
- j) Quais as contribuições de outros atores de sua Universidade (professores, coordenador, servidores) para o desempenho de sua atividade (conduta) enquanto professor-pesquisador de estratégia? E extrauniversidade?
- k) O(a) Sr.<sup>(a)</sup> tem alguma participação em entidades representativas? (ANPAD ou outro)

#### - Obras Científicas

- l) Das obras do conhecimento em estratégia, quais as mais importantes na sua visão (Livro, artigo, periódico). O(a) Sr.<sup>(a)</sup> as utiliza na disciplina?

#### - Outras

- m) Como o(a) Sr.<sup>(a)</sup> avalia o estágio atual do corpo de conhecimento em estratégia (ensino e pesquisa) no Brasil? Quais as perspectivas?
- n) O(a) Sr.<sup>(a)</sup> recebeu alguma influência externa (nacional ou internacional) para seleção dos conteúdos que utiliza em suas pesquisas? (Órgãos, publicações, cursos, professores visitantes, leituras em base de dados, abordagens recentes, pós-doc, “sanduíche” no doutorado)

### 3) Escolhas Metodológicas nas Pesquisas em Estratégia

- a) Em qual/quais temática da estratégia o(a) Sr.<sup>(a)</sup> tem pesquisado ultimamente?
- b) Por que o(a) Sr.<sup>(a)</sup> começou a pesquisar nessa linha (questão anterior)?
- c) Entre suas pesquisas, existe alguma preferência metodológica? (quantitativa ou qualitativa)?

#### - Métodos de coleta de dados

- d) O(a) Sr.<sup>(a)</sup> identifica alguma limitação metodológica para as pesquisas em estratégia ou na sua área específica? Quais?
- e) Qual a influência das publicações internacionais para as pesquisas em estratégia no Brasil? Como essa influência ocorre?
- f) Quanto a órgãos externos, existe algum fator que influencia o desenvolvimentos em suas pesquisas (órgão reguladores) – Motivos, temas, objetivos?
- g) Qual influência o(a) Sr.<sup>(a)</sup> atribui à CAPES para o desenvolvimento de suas pesquisas na área?

### 4) Posicionamento dos agentes produtores

#### - Especialização do conhecimento

- a) Qual área/temas o(a) Sr.<sup>(a)</sup> se sente mais à vontade para pesquisar?

**- Geração de Conhecimentos**

- b) Qual a importância que o(a) Sr.<sup>(a)</sup> atribui aos eventos científicos para o desenvolvimento do campo de conhecimento em estratégia? E os periódicos? Por quê?
- c) De que maneira o(a) Sr.<sup>(a)</sup> acredita que suas pesquisas contribuem para o desenvolvimento do corpo de conhecimento em estratégia?

**5) Comentário adicional, crítica, sugestões ao ensino e a pesquisa em estratégia no Brasil?**

OBS: As perguntas foram organizadas (Apêndice A) em conformidade com a categoria de análise mais próxima, com o intuito de facilitar o entendimento do instrumento. Contudo, a ordem real das perguntas na entrevista dependerá da evolução do raciocínio do entrevistado. Perguntas poderão ser suprimidas ou adicionadas conforme necessidades identificadas pelo pesquisador (entrevistador).